

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
UNIDADE ACADÊMICA: HUMANIDADES CIÊNCIAS E
EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS
AMBIENTAIS
MESTRADO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS**

PEDRO LUIZ KESTERING MEDEIROS

**A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO DE CONVÍVIO NO
AMBIENTE UNIVERSITÁRIO: UM ESTUDO DE CASO COM
OLHAR INTERDISCIPLINAR SOBRE A UNESC –
UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE, EM
CRICIÚMA – SC**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Ciências Ambientais da
Universidade do Extremo Sul
Catarinense - UNESC, como
requisito parcial para a obtenção do
título de Mestre em Ciências
Ambientais

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Teresinha
Maria Gonçalves

**CRICIÚMA
2012**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

M488a Medeiros, Pedro Luiz Kesting.

A apropriação do espaço público de convívio no ambiente universitário : um estudo de caso com olhar interdisciplinar sobre a UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense, em Criciúma – SC / Pedro Luiz Kesting; orientadora: Terezinha Maria Gonçalves. – Criciúma, SC : Ed. do Autor, 2012.

154 f. : il. ; 21 cm.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Criciúma, 2012.

1. Psicologia ambiental. 2. Apropriação do espaço. 3. Espaço (Arquitetura). 4. Espaços públicos. I. Título.

CDD. 22ª ed. 720.19

FOLHA DE APROVAÇÃO

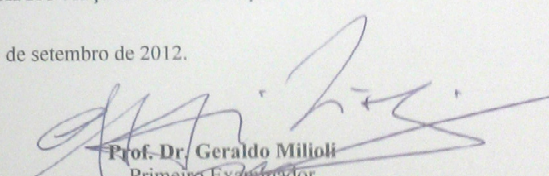


Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão
Unidade Acadêmica de Humanidades, Ciências e Educação
Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (Mestrado)

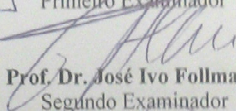
PARECER

Os membros da Banca Examinadora homologada pelo Colegiado de Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (Mestrado) reuniram-se para realizar a arguição da Dissertação de MESTRADO apresentada pelo candidato **PEDRO LUIZ KESTERING MEDEIROS** sob o título: “**A apropriação do espaço público de convívio no ambiente universitário: Um estudo de caso com olhar interdisciplinar sobre a UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense, em Criciúma, SC**”, para obtenção do grau de **MESTRE EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS** no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Após haver analisado o referido trabalho e arguido o candidato, os membros são de parecer pela “**APROVAÇÃO**” da Dissertação.

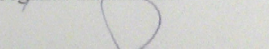
Criciúma, SC, 05 de setembro de 2012.



Prof. Dr. Geraldo Milloli
Primeiro Examinador



Prof. Dr. José Ivo Follmann
Segundo Examinador



Profa. Dra. Teresinha Maria Gonçalves
Presidente da Banca e Orientadora

Dedico este trabalho à minha
esposa Nicole, meu porto seguro.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos aqueles que colaboraram para tornar este trabalho realidade. Sem esta colaboração, tenha sido ela na forma de elementos que efetivamente fazem parte dele, ou na forma de apoio, os mais diversos imagináveis, eu não teria chegado até aqui. Não é possível nominar todos, mas não posso me furtar de nominar alguns.

Agradeço à Nicole por estar incondicionalmente ao meu lado. Aos meus pais e irmãos por o serem, e pela paciência de me ouvir por horas e horas tentando explicar o que estava construindo. Aos meus sogros, pelo apoio constante. Aos professores e colegas do mestrado por terem colaborado para que eu aprendesse um pouco mais. Aos colegas professores do curso de Arquitetura da UNESC, sempre torcendo por mim. Aos colegas do Setor de Projetos da UNESC, que seguraram as pontas enquanto eu me ausentava. Finalmente, mas não menos importante, quero agradecer à minha orientadora, professora Teresinha, por abrir uma nova perspectiva para minha profissão com um diálogo eminentemente interdisciplinar.

“O sonho, é claro, dura menos do que a realidade de quem é sonhado, mas sempre é incomparavelmente mais profundo que a realidade.”

Milorad Pavitch

RESUMO

Esta dissertação de mestrado se propôs percorrer um caminho complexo, baseado em um diálogo interdisciplinar que envolveu diversas ciências, mas principalmente trabalhou com a interação entre a Arquitetura e a Psicologia Ambiental. O objeto da pesquisa é o espaço público de convívio no ambiente universitário e seu objetivo geral é investigar a forma de inserção da arquitetura no contexto da pesquisa interdisciplinar através da perspectiva da psicologia ambiental, utilizando o conceito de apropriação do espaço. O *lócus* da pesquisa é o campus da UNESC, Universidade do Extremo Sul Catarinense, localizada em Criciúma – SC. O ambiente universitário tem características espaciais específicas, mas que de certa forma traçam um retrato da realidade que se encontra nas cidades mundo afora. O estudo foi realizado por meio de uma pesquisa qualitativa de caráter explicativo e teve como método principal o estudo de caso. A coleta de dados se deu com o uso de metodologias diferentes que ao fim puderam comprovar sua complementaridade. O mapeamento comportamental possibilitou a definição dos espaços mais utilizados para determinadas atividades de convívio em um recorte do campus. A entrevista semi-estruturada e a elaboração de desenhos pelos entrevistados possibilitaram desvendar os sinais que confirmam ou não a ocorrência da apropriação do espaço. Para a análise dos dados das entrevistas foi utilizada a técnica de análise dos conceitos chave, buscando indícios da existência dos elementos conceituais da apropriação do espaço que são a identidade de lugar, o sentimento de pertença, a personificação do lugar e a cultivação. Para a análise dos desenhos foi utilizada a técnica da análise semiótica, composta pelos estágios da descrição, da análise e da interpretação. A interpretação dos dados possibilitou afirmar que o processo de apropriação do espaço público de convívio na UNESC ocorre em situações diversas, ora mais intensamente com a verificação dos quatro elementos conceituais estudados, ora parcialmente, evidenciando a identidade de lugar e o sentimento de pertença. Em menor intensidade foram encontrados casos de não apropriação.

Palavras-chave: apropriação do espaço, Psicologia Ambiental, espaço público de convívio.

ABSTRACT

This dissertation has proposed a complex path, based on an interdisciplinary dialogue involving various sciences, but mainly worked with the interaction between Architecture and Environmental Psychology. The object of research is the public space for socializing in the university environment and its overall objective is to investigate how the insertion of architecture in the context of interdisciplinary research through the perspective of environmental psychology, using the concept of appropriation of space. The locus of the research is the campus of UNESCO, Universidade do Extremo Sul Catarinense, located in Criciúma - SC. The university environment has specific spatial characteristics, but that somehow draw a picture of reality that is found in cities worldwide. The study was conducted through a qualitative research of an explanatory nature and had as the primary method, the case study. Data collection occurred with the use of different methodologies that could prove at the end their complementarity. The behavioral mapping allowed the definition of spaces most commonly used for certain activities of socializing in a clipping from the campus. The semi-structured interviews and the preparation of drawings by interviewees allowed to reveal the signals that confirm the occurrence or not of the appropriation of space. For the analysis of interview data was used the technique of *analysis of key concepts*, seeking evidence of the existence of conceptual elements of appropriation of space that are the place identity, sense of belonging, the place personification and cultivation. For the analysis of drawings we used the technique of *semiotic analysis*, composed by the stages of description, analysis and interpretation. The interpretation of the data permitted to say that the process of appropriation of public space for socializing on UNESCO occurs in different situations, sometimes more intensely with the verification of the four conceptual elements studied, or partially, revealing the place identity and sense of belonging. In lower intensity were found cases of non-appropriation.

Keywords: appropriation of space, Environmental Psychology, public space for socializing

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Casa de Cultura – Primeira sede da FUCRI	53
Figura 2 – Vista geral do campus da FUCRI em 1975	54
Figura 3 – Implantação geral da FUCRI na década de 70	54
Figura 4 – Vista geral do campus da FUCRI na década de 80.....	55
Figura 5 – Implantação geral da FUCRI na década de 80	56
Figura 6 – Vista geral do campus da UNESCna década de 90	57
Figura 7 – Implantação geral da UNESC na década de 90	58
Figura 8 – Vista geral do campus da UNESC em 2008	59
Figura 9 – Implantação geral da UNESC em 2008.....	60
Figura 10 – Implantação geral da UNESC com o recorte estudado.....	65
Figura 11 – Recorte estudado e percursos adotados	66
Figura 12 – Imagem dos pontos A1, A2, A3 e A4 respectivamente	67
Figura 13 – Imagem dos pontos B1, B2, e B3 respectivamente	67
Figura 14 – Imagem dos pontos C1, C2, C3 e C4 respectivamente.....	68
Figura 15 – Gráfico de ocorrências no percurso A	70
Figura 16 – Gráfico de ocorrências no percurso B.....	71
Figura 17 – Gráfico de ocorrências no percurso C.....	72
Figura 18 – Desenho da Acadêmica 1.....	88
Figura 19 – Desenho da Acadêmica 2.....	89
Figura 20 – Desenho do Acadêmico 3	91
Figura 21 – Desenho do Acadêmico 4	93
Figura 22 – Desenho do Acadêmico 5	94
Figura 23 – Desenho do Acadêmico 6	95
Figura 24 – Desenho da Acadêmica 7.....	97
Figura 25 – Desenho da Acadêmica 8.....	98
Figura 26 – Desenho da Técnica 1	100
Figura 27 – Desenho da Técnica 2.....	101
Figura 28 – Desenho da Técnica 3.....	103
Figura 29 – Desenho da Professora 1.....	104
Figura 30 – Desenho do Professor 2	105

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Evolução da área construída da UNESCO em m ²	61
Tabela 2 – Relação entre ocorrências de convívio e atividades.....	74
Tabela 3 – Relação entre atividades e comportamentos	76

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMREC	Associação dos Municípios da Região carbonífera
DCE	Diretório Central dos Estudantes
FUCRI	Fundação Educacional de Criciúma
PPGCA	Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
UNIFACRI	União das Faculdades Integradas de Criciúma

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	25
2 OBJETIVOS.....	27
2.1 OBJETO DA PESQUISA.....	27
2.2 OBJETIVO GERAL.....	27
2.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	27
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	28
3.1 A CRISE GLOBAL.....	29
3.2 CRISE DA MODERNIDADE OU DA PÓS-MODERNIDADE ...	31
3.3 A CRISE AMBIENTAL.....	33
3.4 A CRISE DO PENSAMENTO.....	34
3.5 A INTERDISCIPLINARIDADE.....	37
3.6 PSICOLOGIA AMBIENTAL, <i>LOCUS</i> INTERDISCIPLINAR	38
3.7 ARQUITETURA E PSICOLOGIA AMBIENTAL.....	40
4 ESPAÇO E ESPAÇOS, LUGAR E LUGARES	42
4.1 ESPAÇO E LUGAR.....	42
4.2 O ESPAÇO PÚBLICO DE CONVÍVIO	44
4.3 A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO	47
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	49
5.1 A UNESC, O <i>LÓCUS</i> DO ESTUDO.....	51
5.2 O COLETIVO DA PESQUISA.....	61
5.3 A COLETA DE DADOS.....	61
5.3.1 Observação simples.....	61
5.3.2 Observação Sistemática – Mapa Comportamental.....	62
5.3.3 Entrevista semi-estruturada.....	63
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	65
6.1 A OBSERVAÇÃO SIMPLES	65
6.2 A OBSERVAÇÃO SISTEMÁTICA	68
6.2.1 Ocorrência de convívio.....	70
6.2.2 Ocorrência de convívio e atividades.....	73
6.2.3 Relação entre atividades e comportamentos.....	76
6.3 AS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS	77
6.3.1 Identidade de lugar	78
6.3.2 Sentimento de pertença	81
6.3.3 Personificação do lugar	84
6.3.4 Cultivação	85
6.4 A ANÁLISE DOS DESENHOS.....	86
6.4.1 Acadêmica 1.....	87
6.4.2 Acadêmica 2.....	89
6.4.3 Acadêmico 3.....	90

6.4.4 Acadêmico 4	92
6.4.5 Acadêmico 5	93
6.4.6 Acadêmico 6	95
6.4.7 Acadêmica 7	96
6.4.8 Acadêmica 8	98
6.4.9 Técnica 1	99
6.4.10 Técnica 2	100
6.4.11 Técnica 3	102
6.4.12 Professora 1	103
6.4.13 Professor 2	104
6.5 UMA ÚLTIMA ANÁLISE.....	105
6.6 INTERPRETANDO OS RESULTADOS.....	107
7 CONCLUSÃO	109
REFERÊNCIAS	113
APÊNDICE(S)	121
APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido do participante.....	122
APÊNDICE B – Modelo da entrevista semi-estruturada	123
APÊNDICE C – Modelo para confecção de desenho	124
APÊNDICE D – Ficha de observação Sistemática	125
APÊNDICE E – Aprovação do Comitê de Ética	126
APÊNDICE F – Transcrição da entrevista Acadêmica 1	127
APÊNDICE G – Transcrição da entrevista Acadêmica 2	129
APÊNDICE H – Transcrição da entrevista Acadêmico 3.....	131
APÊNDICE I – Transcrição da entrevista Acadêmico 4	133
APÊNDICE J – Transcrição da entrevista Acadêmico 5	135
APÊNDICE K – Transcrição da entrevista Acadêmico 6.....	137
APÊNDICE L – Transcrição da entrevista Acadêmica 7	139
APÊNDICE M – Transcrição da entrevista Acadêmica 8	141
APÊNDICE N – Transcrição da entrevista Técnica 1	143
APÊNDICE O – Transcrição da entrevista Técnica 2	145
APÊNDICE P – Transcrição da entrevista Técnica 3.....	147
APÊNDICE Q – Transcrição da entrevista Professora 1	149
APÊNDICE R – Transcrição da entrevista Professor 2	151

1 INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado trata de uma pesquisa do tipo qualitativa de caráter explicativo, utilizando como método principal, o estudo de caso. O objeto da pesquisa é o espaço público de convívio no ambiente universitário, e busca contribuir na construção de uma ação interdisciplinar, num diálogo entre a Arquitetura, Urbanismo e Psicologia Ambiental com o intuito de estudar o papel destes espaços do campus da UNESC, no contexto da era da comunicação.

De acordo com Arantes (2000), o ‘lugar público’, a partir dos anos 60 do século XX, se tornou uma verdadeira obsessão para arquitetos e urbanistas. Visto como o antídoto para devolver a cidade moderna à coletividade expropriada ao longo do processo de constituição das grandes aglomerações urbanas contemporâneas, coube a estes profissionais a atribuição de criar os lugares que fariam com que a cidade voltasse a ser uma “*res civica*”.

No âmbito da Arquitetura e Urbanismo, a criação de um espaço, seja este de caráter público ou privado, culmina em uma ação profissional que ocupa o campo da construção. O arquiteto e urbanista intervêm na realidade, modificando-a, utilizando instrumentos que priorizam a relação dicotômica entre a forma e a função. Esta ação, muitas vezes individualizada, excludente e de amplitude reducionista é que é posta em xeque pela Psicologia Ambiental.

Segundo Gonçalves (2009), a crítica principal é que esses projetos em sua maioria imaginados pelos “*fazedores da cidade*” (arquitetos urbanistas, engenheiros, planejadores urbanos), não levam em conta as bases culturais da população a que são destinados. A autora defende que os aportes da Psicologia Ambiental vêm enriquecer os instrumentos de planejamento urbano na medida em que coloca a construção da subjetividade na relação pessoa / espaço e a participação da população como fatores primordiais para a compreensão e solução dos problemas urbanos.

Mesmo no debate restrito aos arquitetos, emergem vozes tratando da importância de que os espaços públicos sejam frutos da investigação que trata dos elementos de identidade coletiva, territorialidade e apropriação. Guimarães (2007) diz que a ideia de territorialidade funciona como bom operador para a reflexão sobre a apropriação dos espaços urbanos, e especificamente, sobre a relação entre as intervenções no espaço urbano e a promoção dessa apropriação, capaz de transformá-lo em espaços públicos.

Cabe então, investigar como a interação da Arquitetura a outros ramos do saber, em particular a Psicologia Ambiental, num processo interdisciplinar, pode contribuir para a elaboração de formas mais adequadas de propor o espaço público de maneira que ele seja apropriado pelos usuários.

O presente trabalho busca contribuir para a compreensão de um espaço específico pouco estudado, o espaço público de convívio no ambiente universitário. O ambiente em questão é o da UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense, localizada no município de Criciúma.

A UNESC é uma universidade comunitária cuja missão é: “Educar, por meio do ensino, pesquisa e extensão, para promover a qualidade e a sustentabilidade do ambiente de vida”. Está situada em Criciúma, cidade pólo regional no sul do estado de Santa Catarina, conta com uma estrutura que atende a uma população diária de 15.000 pessoas.

O espaço urbano que se apresenta no contexto do ambiente universitário tem especificidades. Características que podem se aproximar ou se distanciar da realidade das cidades brasileiras, daí a importância de estudar, analisar e compreender estas dinâmicas com um olhar desarmado e aberto à interdisciplinaridade.

Em um momento em que os limites de crescimento e a sustentabilidade faz parte da pauta de discussão nos diversos níveis do âmbito acadêmico, fica evidente emergência e a necessidade de um olhar interdisciplinar que estabeleça a interação entre a Arquitetura e a Psicologia Ambiental com o intuito de compreender como se dá a apropriação dos espaços públicos de convívio no ambiente da instituição.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETO DA PESQUISA

O objeto da pesquisa é o espaço público de convívio no ambiente universitário.

2.2 OBJETIVO GERAL

- ✓ Investigar a forma de inserção da arquitetura no contexto da pesquisa interdisciplinar através da perspectiva da psicologia ambiental, utilizando o conceito de apropriação do espaço;

2.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Identificar os espaços públicos de convívio no campus da UNESC;
- ✓ Identificar as formas de ocupação do espaço de convívio no campus da UNESC pelos usuários;
- ✓ Investigar o processo de apropriação do espaço pela identificação, sentimento de pertença, personificação e cultivação.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A construção do corpo teórico que subsidia esta pesquisa se estrutura em uma sequência de subtítulos que fazem um percurso que parte do problema global à situação particular, procurando deixar evidenciados os laços de interação que os unem.

As teorias que buscam explicar a evolução do conhecimento humano vêm sendo reformuladas e reconstruídas ao longo da história. Cada época se caracteriza pela herança deixada pelos pensadores progressos e pela repercussão de novas teorias que buscam dar luz às perguntas que acompanham a humanidade ao longo desta sua história: quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?

Através da leitura dos diferentes momentos históricos, pode-se afirmar que as transformações paradigmáticas sempre ocorrem precedidas por crises, e é correto inferir que um estranho sentimento de mal-estar se faz presente nos dias atuais, em relação às leis que regem e/ou explicam a estrutura do cotidiano.

Vive-se um momento histórico marcado por tragédias: de acordo com Wandsheer (2010), dados muito recentes apresentados em outubro, na reunião da Cúpula Mundial da Alimentação, apontam que uma entre seis pessoas no mundo passa fome. No Brasil, Martins (2010) afirma que de acordo com o agrônomo José Henrique Ferreira da Costa, aproximadamente 64% do que se planta é perdido ao longo da cadeia produtiva. O que se vê, é a veiculação através dos meios de comunicação da violência generalizada, guerras, a desvalorização da vida humana, fome, notícias de degradação de florestas, extermínio de animais, poluição das águas, do solo, buraco na camada de ozônio, mudanças climática. Esta avalanche de informações dramáticas sustenta a percepção de que o momento é de crise, crise que afeta o mundo inteiro e o indivíduo em particular.

É possível afirmar, como será visto adiante que está em curso uma transformação paradigmática e que a crise que se sente é decorrente do peso acumulado ao longo do tempo, pelas teorias reducionistas formuladas pelo paradigma cartesiano-newtoniano. Decorre que não é somente a ciência, a atingida por um paradigma. Existe uma dimensão social e pessoal que afeta os recônditos mais obscuros da existência humana. Percebem-se claramente os reflexos desta afirmação ao se considerar que, ao distanciar a ciência do divino, foi amputada a faculdade da percepção do sujeito, limitando-o a reconhecer unicamente como confiáveis os sentidos passíveis de mensuração. Emoção, desejo, enfim o subjetivo tornou-se um atrapalhador do conhecimento. O sujeito

passou a ser impedido de entender-se totalmente, sendo condenado à solidão causada por uma falta de sentido global gerada pela fragmentação dos saberes. A própria ética dissociou-se da religião e do processo de construção do ser humano.

O inegável e extraordinário progresso tecnológico e científico vivenciados neste momento histórico, não foi capaz de formular respostas para o desenvolvimento cultural e social da humanidade, pois a fragmentação do saber em *sub-sub-sub-sub-saberes* que acabam por “saber quase tudo de quase nada”, trouxe como herança a crise ambiental que põe em risco a própria sobrevivência do planeta.

3.1 A CRISE GLOBAL

A crise vivida na contemporaneidade, segundo Leff (2002a), é a resultante do modelo mecanicista da razão cartesiana que se manifesta pela degradação indiscriminada do meio ambiente. Já Brandenburg (1996), defende que se vive uma crise da especialização da ciência moderna, refém da demanda que a induz a trabalhar o conhecimento voltado à produção disciplinar. Morin e Kern (1993) fazem uma leitura pessimista dos agentes formadores do que percebemos como o cotidiano em que se vive, buscando traçar um futuro nebuloso e crítico se o modelo vigente permanecer hegemônico.

A crença de que era possível sacrificar qualquer coisa pelo desenvolvimento econômico transformada em mito, facilitou a aliança entre ciência e tecnologia, e ambas entraram no jogo do mercado, o que possibilitou a fragmentação do pensamento e consequentemente, das necessidades humanas. Esta aliança como dizem Morin e Kern (1993), possibilitou também o avanço da tecnologia, de tal maneira que de tão imprescindível, inverteu conceitos, tornando o homem um objeto daquilo que ele próprio domina.

Em seu texto, os autores fazem um rápido levantamento de crises e desregramentos que emergem no cotidiano das nações que formam a sociedade do século XX. Descreve-os como “Problemas de primeira evidência”, por serem mais claramente percebidos, quais sejam:

- O desregramento econômico mundial, dado pela competição internacional pela busca do lucro a qualquer preço.

- O desregramento demográfico mundial, dado pela explosão demográfica ocorrida no século XX, e projetada para os próximos 50 anos, explosão essa que se caracteriza por se infinitamente maior nos países pobres.

- A crise ecológica, caracterizada por situações conhecidas que interferem drasticamente no meio ambiente, abrangendo tanto os sistemas em escala local quanto problemas globais.

- A crise do desenvolvimento, dada pela contradição na percepção do sentido de desenvolvimento resultante do mundo pós-guerra, que tal como aceito, traz em si, como resultado o subdesenvolvimento.

Morin e Kern (1993) ainda tratam dos “Problemas de segunda evidência”, nem sempre evidentes como os primeiros, mas cuja trama constitui o problema dos problemas.

- O duplo processo, antagonístico e ligado, da solidarização e “balcanização” do planeta, que trata da irresistível aspiração de constituir, ao longo do século XX, uma nação dotada de um Estado, onde antes havia uma etnia. O resultado deste movimento fragmentador, que paradoxalmente só se deu devido à era planetária, se percebe pelo surgimento de uma série de nações e mini-nações em torno do planeta. Desta maneira os novos Estados-nações, inclusive os grandes Estados-nações pluriétnicos, são doravante demasiado pequenos para os grandes problemas agora inter e transnacionais.

- A crise universal do futuro, que trata do processo de desconstrução da fé no progresso pelo planeta inteiro, uma vez que nem o capitalismo, nem o socialismo foram capazes de suprir a humanidade a ponto de fazer desaparecer o sentimento que agora reina, de perda do futuro.

- A tragédia do “desenvolvimento”, que trata de desmistificar a ideia do mito do desenvolvimento, que determinou a necessidade sacrificar tudo por ele.

Outra dimensão da crise é definida por Brandenburg (1996), quando trata da disciplinarização produzida pela ciência moderna que, quanto mais se especializa sob a ótica reducionista e unívoca do conhecimento racionalizador, mais é incapaz de perceber e dar respostas às múltiplas dimensões da realidade. Daí que a modernidade nos coloca diante de uma crise ecossocial, pois deixando de dialogar com as múltiplas dimensões dos problemas humanos, nega-se a considerar as lógicas distintas do natural e do social, do físico e do humano. Está em jogo, a luta pela hegemonia dada pelas duas dimensões de conhecimento científico que se desenvolveram sobre o postulado da razão: as ciências sociais e as ciências naturais. Esta disputa resulta por desenvolver sistemas de conhecimento duplamente excludentes, de maneira que as ciências sociais excluem de seus paradigmas a natureza, assim como as naturais excluem o homem.

Leff (2002a, p.15), diz que “A visão mecanicista da razão cartesiana converteu-se no princípio constitutivo de uma teoria econômica que predominou sobre os paradigmas organicistas do modo de vida, legitimando uma falsa ideia de progresso da civilização moderna”.

São unânimes os três autores ao relacionar a crise global que se vive na contemporaneidade ao modelo reducionista prevalente da razão cartesiana da modernidade. Os grandes indicadores da crise são perceptíveis, suas causas nem tanto, uma vez que foi possibilitado à ciência ser o detentor de todas e quaisquer respostas. O que não tem resposta, não é ciência, portanto não deve ser considerado.

3.2 CRISE DA MODERNIDADE OU DA PÓS-MODERNIDADE

Surge desta discussão a possibilidade da crise global ser resultante da modernidade. É necessário então tratar deste tema que mais do que certezas, suscitam um debate do qual emergem diferentes percepções que serão aqui tratadas. É importante deixar claro que não existe uma proposição hegemônica acerca do tema, nem ao menos se o momento em que se vive pertence à modernidade ou à pós-modernidade.

Um dos autores que tem obra marcante sobre o tema, Giddens (1991), afirma que não se vive num mundo pós-moderno, ainda que exista a possibilidade de que esse mundo esteja a caminho. Defende que a época atual reflete as consequências da modernidade. Para ele modernidade pode ser descrita como “estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa no século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência” (GUIDDENS, 1991, p.11). O autor destaca como elementos centrais da discussão temas como, segurança, perigo, confiança e risco e utiliza-os para definir os mecanismos que separam o moderno do pré-moderno. Estes mecanismos que são complexos, ele os define com o uso do conceito de sistemas de desencaixe e do conceito deslocamento de tempo e espaço. Giddens (1991) ainda ressalta a característica dual da modernidade, uma vez que na teoria, o desenvolvimento das instituições sociais modernas e sua difusão em escala global, associadas aos avanços tecnológicos deveriam criar um cenário propício que contribuiriam para que os seres humanos gozassem de uma vida melhor, efetivamente não aconteceu na prática ao se perceber o distanciamento entre avanço tecnológico e avanço social e cultural ocorrido no período.

Outro autor influente nas discussões que englobam a modernidade é David Harvey. Em seu livro *Condição pós-moderna*, o autor trata de estabelecer esta condição pós-moderna dentro de uma seqüência histórica, assim sua compreensão só é possível quando comparada com as etapas anteriores. Desta maneira o autor posiciona a pós-modernidade em relação à modernidade, já que considera esta a condição que define aquela. Para tal empresa, Harvey (2008) apresenta alguns limites para os termos modernidade e modernismo, essenciais segundo ele, para a compreensão do pós-modernismo. Ser moderno é ser parte de um Universo que busca o *novo*, implica na transformação, sua e do mundo. Modernidade trata de um projeto de união de toda a humanidade que ultrapassa todas as fronteiras geográficas, raciais, religiosas, ideológicas e ainda da nacionalidade. De acordo com Harvey (2008), pode-se definir o modernismo como a resposta estética da modernidade. Já segundo ele, ao pós-moderno cabe exclusivamente o papel de um conjunto de pressupostos adequados para descrever as transformações culturais de um momento histórico já existente sem, no entanto se caracterizar como paradigma.

Harvey (1998 apud MENEGAT, 2009, p. 94) quando esta afirma que aquele propõe: “toda experiência social deve ser interpretada como experiência de viver em crise” a partir da metade dos anos setenta em função da “profunda inflexão” sofrida pela crise da modernidade.

Segundo Floriani (2006, p.66) “Os hegemonismos estão no olho do furacão da modernidade”, uma vez que para o autor denotam a “antítese da complexidade dos fenômenos sócio-naturais, do controle e apropriação dos mesmos, antepondo-se aos desafios intelectuais, políticos e culturais dos pensamentos alternativos”.

O que emerge desta discussão e orienta a pesquisa que se desenvolve é a ideia que perpassa pelo discurso de vários destes autores, e bem desenvolvida por Bermann (1982 apud ANDERSON, 2004, p.108), quando diz:

Ser moderno es encontrarse em un ambiente que promete aventuras, poder, alegría, desarrollo, transformación de uno mismo y del mundo, y que, al mismo tiempo, amenaza com destruir todo lo que tenemos, todo lo que conocemos, todo lo que somos.

Os ambientes e as experiências contemporâneas acabam com todas as fronteiras da geografia e das etnias, das classes e das

nacionalidades, das religiões e das ideologias, enfim do tempo e do espaço. Por esta visão se pode dizer que a modernidade une toda a humanidade, mas se trata de uma união paradoxal, uma união pela desunião, uma vez que “introduce a todos em um remolino de desintegración y renovación, de lucha y contradicción, de ambigüedad y angustia perpetua” (idem).

3.3 A CRISE AMBIENTAL

Percebe-se ao ler Trevisol (2003), como ele faz a relação entre a crise global e a crise ambiental, quando alerta para a necessidade de ampliação do âmbito de compreensão da crise ecológica, uma vez que o tema extrapola a simples descrição da problemática ambiental. Afirma que na base da crise está um modelo de desenvolvimento, tornado hegemônico ao longo dos últimos séculos, o tecno-industrial. Portanto a crise ecológica é eminentemente uma questão social. O autor demonstra como e porque se vive numa sociedade de risco, decorrente da sociedade industrial. A principal consequência desta realidade emerge quando é possível reconhecer que a mesma tecnologia que gera benefícios ao ser humano, é também responsável por provocar efeitos colaterais inesperados e indesejados.

A crise ambiental se torna evidente nos anos 60 do séc. XX, de acordo com Leff (2002a), sua visibilidade reflete os padrões dominantes de produção e consumo, através da irracionalidade que marca os limites do crescimento econômico. A primeira reação decorrente do debate teórico com o intuito de valorizar a natureza apontou para a necessidade de internalizar as “externalidades socioambientais” ao sistema econômico. Sachs, Georgesku-Roegen, Passet e Constanza, são citados no texto de Leff (idem, p.16), como os que, nas décadas de 70 e 80 foram os responsáveis pelo desenvolvimento de ideias que propiciaram o surgimento de novos paradigmas da economia ecológica. Vem daí o conceito que concebe a economia como um processo governado pelas leis da termodinâmica, de maneira que o sistema que regia a economia passou a incorporar um sistema físico-biológico. Tornou-se um sistema mais amplo que deu suporte à ideia de sustentabilidade.

Morin e Kern (1993) ressaltam que, “o aspecto metanacional e planetário do perigo ecológico surgiu com o anúncio da morte do Oceano por Ehrlich, em 1969 e com o relatório Meadows encomendado pelo clube de Roma em 1972”. Soçobraram previsões apocalípticas com a multiplicação das degradações ambientais que ocorreram a partir dos

anos 80 e, conseqüentemente a consciência ecológica emergiu a partir da percepção do perigo a que todo o planeta está exposto.

Nasce o conceito de “desenvolvimento sustentável” com o intuito de conciliar o paradoxo do desenvolvimento sem crescimento, na tentativa de frear a destruição do ambiente, sem impedir o desenvolvimento do terceiro mundo.

Mais uma vez ressalta a concordância entre os autores citados, quando relacionam o modelo hegemônico vigente a total irracionalidade deste modelo ao usurpar, ainda que se faça uso do fórceps, todos os segredos da natureza. Dá-se o paradoxo do uso da irracionalidade em nome da razão.

3.4 A CRISE DO PENSAMENTO

Segundo Capra (2006), a crise ambiental, nada mais é do que o reflexo de uma crise se percepção. Percepção refém da linearidade resultante do pensamento cartesiano, que induz o indivíduo a acreditar que para cada ação há somente uma reação. Esta atitude proporciona além de um entendimento simplificado dos fenômenos, a ausência de pensamento crítico sobre o mesmo.

De acordo com Leff (2002b), o sintoma aparente que emerge da crise do pensamento racional é a questão ambiental. Emerge como um questionamento que problematiza o conhecimento científico e tecnológico produzido, aplicado e legitimado, abrindo caminhos para novos métodos mais abrangentes e integradores, capazes de articular processos sociais e naturais na busca da construção de novos conhecimentos teóricos e práticos aptos para propor uma “racionalidade produtiva alternativa” (Idem, p.139). Leff (Idem, p.159) ainda infere que “a globalização da degradação socioambiental impôs a diversas disciplinas científicas o imperativo de internalizar valores e princípios ecológicos que asseguram a sustentabilidade do processo de desenvolvimento”, o que proporcionou apreender a multi-casualidade e o potencial sinérgico que envolve processos de ordem física, biológica, tecnológica e social. Emerge a ideia de complexidade para tratar de sistemas que possibilitem uma nova compreensão e, por conseguinte, uma nova ação a partir dos paradigmas unidisciplinares de conhecimento.

Morin (1993) afirma que existe, segundo o dogma reinante, uma cegueira sobre o que deve ser o conhecimento pertinente. Infere que o conhecimento especializado tem como objetivo final a abstração de um objeto de determinado campo. Esta atitude quebra arbitrariamente a

“sistemicidade e a multidimensionalidade dos fenômenos” (p. 131). Um mundo sustentável somente se viabilizará, considerando-se a percepção complexa. Reunir o que está compartimentado, respeitando o diverso e reconhecendo o indivíduo e suas interdependências.

Morin (2004) enumera os quatro meios pelos quais se estabelecem verdades simples que regem os ideais do conhecimento científico vigente, quais sejam:

- o princípio de ordem que engloba a ideia de determinismo e contém tudo o que é estável e constante, regular e cíclico.

- o princípio da separação formulado por Descartes que separa o objeto conhecido do sujeito conhecedor.

- o princípio de redução que dispõe que o conhecimento das unidades elementares permite conhecer os conjuntos dos quais elas são componentes

- o princípio da validade absoluta da lógica “dedutivo-indutivo-identitária” que elimina toda e qualquer possibilidade de considerar a contradição.

“A complexidade é um problema, é um desafio e não uma resposta”, afirma Morin (2004, p.559). Em princípio entende-se a complexidade como o contrário da simplicidade. Esta comparação pode sugerir a ideia de uma relativa imperfeição, se for considerado que para a ciência clássica que privilegia a evidência e a clareza, a ideia de complexo pode se confundir com a ideia de complicado.

Ardoino (2004), ao tratar da ideia de complexidade, faz referência a Pascal, quando diz que “a parte permanece tão inseparável do todo quanto o todo da parte”. Infere, porém que nesta relação não se deve dar maior ou menor valor ao todo, e sim reconhecê-lo como algo diferente da soma de suas partes.

Os desafios da complexidade residem na re-ligação dos saberes que hoje estão fragmentados, encerrados em compartimentos estanques e descontextualizados. Os desafios da complexidade passam pela re-ligação dos especialistas aos problemas globais e gerais. Para tal, se faz necessário admitir a possibilidade da incerteza no conhecimento, assim como o seu caráter de “tecido”, uma vez que nesta trama acontecem as interações entre as diversas dimensões do conhecimento que possibilitam o pensar complexo.

De acordo com os autores a saída para crise do pensamento, passa pela reforma do próprio pensamento, aliado a uma reforma na educação.

A complexidade possibilitará o florescimento de uma geração religada “multirreferencialmente” de acordo com o conceito de Ardoino (2004).

Leff (2002b, p.17), ao afirmar que “o ambiente não é a ecologia, mas a complexidade do mundo” faz a interação entre a saída da crise do pensamento com a saída da crise ambiental, reforçando o que disse em 1998, quando afirmou que o saber ambiental se propõe a ocupar o vazio deixado pelo progresso da racionalidade científica. Trata de se orientar por uma utopia que pretende um mundo sustentável, democrático, igualitário e diverso. Alerta, porém que do jogo travado entre o paradigma vigente e o que se pretende substituí-lo, emerge o conceito de desenvolvimento sustentável, que se trata, de uma estratégia de resistência à mudança da ordem econômica com o intuito de dissolver o potencial crítico e transformador das práticas do ecodesenvolvimento. O discurso da “sustentabilidade” passa a ser ambivalente, uma vez que se permite atender as duas polaridades do discurso teórico.

Urge a necessidade de desconstruir e re-conceituar o termo “desenvolvimento sustentável” como um “projeto social e político que aponta para o ordenamento ecológico e a descentralização territorial da produção, assim como para a diversificação dos tipos de desenvolvimento e dos modos de vida das populações que habitam o planeta” (LEFF, 2002a, p.570).

Guattari (2001) explica que ocorre uma crise subjetiva que ao mesmo tempo provoca e permite o aprofundamento da crise ambiental. Afirma que existe uma dinâmica entre meio natural, meio social e meio subjetivo que não permite que estes sistemas estejam dissociados. Uma vez que o paradigma vigente propicia a ruína das relações entre a dimensão individual e o ambiente, o autor propõe a Ecosofia que é “uma articulação ético-política entre os três registros ecológicos” (Idem, p.8).

Morin (2003, p. 158) acerca da saída para a crise ambiental, afirma que o caminho passa por “... abandonar radicalmente o projeto conquistador formulado por Descartes, Buffon e Marx. Não mais dominar a Terra, mas cuidar da Terra doente, habitá-la, arranjá-la e cultivá-la” e para tal Leff (2002a), proclama a necessidade de uma ética ambiental que vincule a conservação da diversidade biológica do planeta ao respeito à heterogeneidade étnica e cultural da espécie humana.

Esta pesquisa acompanha o pensamento de Leff (2002b, p.195), para quem a complexidade ambiental, que “inaugura uma nova reflexão sobre a natureza do ser, do saber e do conhecer, sobre a hibridização de conhecimentos na interdisciplinaridade e na transdisciplinaridade”, pode ser o caminho que possibilite o diálogo de saberes.

3.5 A INTERDISCIPLINARIDADE

A interdisciplinaridade tem sido matéria de muitos estudos nos últimos anos, mas ainda não foi possível formalizar um conceito em torno de consensos capazes de unir epistemólogos, filósofos e educadores como lembra Alves et al (2004). Os autores abordam o tema a partir de duas correntes de pensamento: filosofia do sujeito e marxismo dialético, localizando neste contexto as teorias de representação social.

Ao tratarem da primeira corrente, os autores afirmam que “decorre de uma perspectiva vinculada à filosofia idealista, a qual evidencia a autonomia das ideias ou do sujeito pensante sobre os objetos” (idem, p.140), caracterizando-a como uma concepção a-histórica.

A segunda corrente, a dialética marxista, aparece como contraponto da corrente anterior, pois defende “a impossibilidade de concebê-la fora dos moldes de produção em vigor, pois é produto do processo de construção do conhecimento, incluindo a disciplinaridade como etapa dessa construção” (idem, p.139).

A teoria das representações sociais, para estes autores permite que se construam fora da dicotomia sujeito/objeto, objetos de pesquisa capazes de transitar entre as ciências humanas, articulando múltiplas perspectivas dos diferentes campos de pesquisa. “Isso é possível graças à interlocução dialética que existe na base de construção de seus conceitos, permitindo uma interface entre noções psicológicas e sociológicas.” (idem, p. 147).

Já Adolfo (2007), caracteriza três diferentes grupos para tratar da interdisciplinaridade de acordo com suas diferentes temáticas e forma de abordagem: um grupo que enfoca aspectos epistemológicos e humanísticos, encabeçados por Hilton Japiassú, um que aborda os aspectos pedagógicos e prescritivos, que tem como expoente Ivani Fazenda, e finalmente o grupo liderado por Jantsch e Bianchetti, que faz a crítica à interdisciplinaridade, caracterizando-a como “a solução de todos os males modernos.” (idem, 2007, p. 77). Esta classificação difere da anterior ao separar em duas, a corrente da filosofia do sujeito, além de não considerar a teoria das representações sociais.

De acordo com Brandenburg (1996), A interdisciplinaridade busca cumprir o papel de desafiar os pesquisadores das ciências sociais e naturais a rever seus procedimentos de pesquisa. A questão que se coloca, portanto é como tais disciplinas se rearticulam neste encontro, por justaposição ou síntese? O autor defende uma síntese que resuma os

principais resultados da pesquisa dentro de uma visão que integre as dimensões disciplinares.

A linha deste trabalho, em relação à interdisciplinaridade se situa tal qual:

[]... aquela mais genérica e generalizadora, que busca o saber absoluto do conhecimento, possuindo uma ciência modelo, referentes aos fundamentos da dialética dinâmica, considerando todos os aspectos práticos ou teóricos, do diálogo necessário e constante com as polaridades, através de uma releitura crítica e multiperspectiva das várias formas de conhecimento, respeitando-se os diferentes modos de ser e de pensar de cada ciência, e buscando necessariamente um projeto final orientado pela postura audaz da busca pelo novo, e da transformação do processo de construção do conhecimento. (FAZENDA, 1995 apud ADOLFATO, 2007, p.80).

3.6 PSICOLOGIA AMBIENTAL, *LOCUS* INTERDISCIPLINAR

A Psicologia Ambiental é uma ciência relativamente recente, com grande desenvolvimento durante as décadas de 60 e 70 do século XX. Com a II Guerra Mundial e a Europa arrasada, a necessidade de reconstrução do Continente propiciou que estudos relativos à Psicologia Ambiental se ligassem às questões arquiteturais e de planejamento urbano. No outro lado do Oceano, nos Estados Unidos da América, a Psicologia Ambiental surge com Kurt Lewin, cujo foco estava ligado ao comportamento das pessoas frente aos ambientes.

A Psicologia Ambiental no Brasil, de acordo com Gonçalves (2007), é influenciada tanto pela escola européia, quanto pela norte-americana, trilhando caminhos que ora se aproximam da Psicologia Social, ora da Psicologia Comportamental Experimental.

Tassara e Rabinovich (2003) afirmam que a Psicologia Ambiental foi interdisciplinar desde sua origem, uma vez que busca responder anseios de outras áreas, partilhando com elas, campos de estudos comuns. Afirmam que, todavia não se podem criar expectativas de que possibilite “re-ligar o que foi há muito separado”, favorecendo igualmente, “uma crise de caráter epistemológico [...] entre modelos oponentes de produção de conhecimento científico” (idem, p. 340).

De acordo com Gunther (2005, p. 179), a Psicologia Ambiental é necessariamente interdisciplinar uma vez que pode ser definida como “como o estudo das relações (recíprocas) entre os fenômenos psicológicos (comportamentos e estados subjetivos) e variáveis ambientais físicas”. Esta relação caracteriza uma implicação de lidar com, ao menos, três campos de estudo: de um lado a psicologia, de outro a arquitetura e urbanismo tratando dos ambientes construídos e biologia, zoologia e geologia tratando dos ambientes naturais.

Granada (2003) resume a missão da psicologia ambiental como um esforço científico-humano em busca de lugares melhores para viver, bem como, sinaliza para sua contribuição no processo de tomada de consciência no que se refere aos ambientes impróprios e à necessidade de alternativas melhores.

Pol (2003) explica que a intervenção da Psicologia Ambiental pode acontecer de duas diferentes maneiras, uma delas é pelo viés mais arquitetônico, criando lugares, outra é atuando na projeção de infra-estruturas e serviços. Tanto uma como outra, conforme o autor, busca a qualidade de vida e o bem-estar das pessoas, dentro de um ambiente sustentável.

De acordo com Elali (1997), a Psicologia Ambiental tendo a avaliação do ambiente construído durante o processo de sua ocupação como objeto de estudo, enquanto disciplina em construção, contribui para construção de um novo corpo teórico-metodológico, assim como possibilitando a existência de um banco de dados, essencial para o avanço da área.

Nesta mesma linha de raciocínio, Castillo (2005) apresenta a Psicologia Ambiental como a ciência que busca explicar as relações entre os comportamentos das pessoas e dos grupos e o espaço que os envolve num determinado tempo. Os elementos resultantes destes estudos podem ser identificados através de observações e dos saberes interdisciplinares.

Com outro viés, para Gonçalves (2004), a Psicologia Ambiental busca compreender as relações entre os significados simbólicos e os processos psicossociais que o indivíduo ou o grupo tem com o seu entorno. Ainda para a autora, a apropriação do espaço caracteriza este processo, pois trabalha com a dialética entre o sujeito e o seu entorno físico.

A Psicologia Ambiental, segundo Freire & Vieira (2006), se apresenta em quatro diferentes perspectivas de acordo com a classificação de Valera na década de 90:

- A abordagem individualista tem o indivíduo e o estudo dos seus processos mentais e/ou psicológicos como foco.

- A abordagem interacionista admite a interação entre o indivíduo e seu entorno, ainda que sejam entidades separadas, e tem como objetivo a predição e controle dos processos psicológicos.

- A abordagem organísmica entende que elementos do seres humanos e do entorno interagem dentro de um todo holístico e sistêmico, de maneira que o papel da Psicologia Ambiental é estudar esses sistemas dinâmicos em que as relações acontecem.

- A abordagem transacionalista defende que, tanto pessoa como ambiente são tratados como um todo que fazem parte de uma unidade holística de análise, e não como elementos separados.

3.7 ARQUITETURA E PSICOLOGIA AMBIENTAL

Como foi antecipado, são evidentes as possibilidades de interação envolvendo as áreas de arquitetura, urbanismo e psicologia ambiental. Ornstein (2005) lembra que esta interação já tem sido abordada por diversos autores, emergindo daí, contribuições que dão corpo ao pensamento que busca soluções para a questão ambiental. As APOs – Avaliação Pós Ocupacional – são exemplos destas ações, assim como os *projetos participativos* que incluem além das equipes interdisciplinares no processo de projeto, a participação do público-alvo.

Existem, porém obstáculos a transpor nesta relação como relata Elali (1997, p.352). “Este esforço passa necessariamente pelo enfrentamento das dificuldades no contato entre as áreas, principalmente em função das diferenças de ‘tempo’ e ‘linguagem’ implícitos”. Estas diferenças, explica, aparecem quando para o psicólogo importa o envolvimento profundo com o indivíduo ou grupo, que pressupõe um limite de tempo mais amplo, para gerar um produto essencialmente composto por elementos verbais. Já ao arquiteto são impostos prazos exíguos, que implicam na urgência de apresentar dados práticos, que preferencialmente são apresentados em uma linguagem gráfica.

Castello (2005, p.225) apresenta uma metáfora interessante para tratar da importância desta interação profissional:

Bem, estamos tentando unir as visões de duas áreas do conhecimento que se interessam muito de perto pela nossa vida na Terra. Uns querem *organizar* a casa para essa vida poder se processar com maior eficácia. E outros querem *organizar* as oportunidades de realização dessa vida, para morar melhor na casa – para se viver melhor nessa casa .

O autor ressalta que a intersecção entre estas profissões se dá pela preocupação comum acerca das *condições de existência* da humanidade no planeta, tanto objetivas, quanto subjetivas. Defende que desta interação poderá emergir uma forma mais *abrangente* de enfrentar os ‘problemas ambientais’, incluindo às preocupações físico-ambientais, as psico-ambientais.

A aproximação entre as disciplinas da Arquitetura e da Psicologia Ambiental pode e deve resultar na busca da melhoria da qualidade de vida dos usuários dos espaços, sejam eles privados ou públicos, e a possibilidade desta realidade se confirmar depende da abertura de portas que possibilitem a utilização dos ferramentais específicos de cada área na construção de um conhecimento maior e mais poderoso que é o interdisciplinar.

4 ESPAÇO E ESPAÇOS, LUGAR E LUGARES

4.1 ESPAÇO E LUGAR

Existe muita literatura que trata das definições dos termos espaço e lugar. Desde a antiguidade, Platão já buscou definir o tema. Para ele “o espaço seria infinito, eterno e indestrutível, receptáculo de tudo o que é criado e visível. Aristóteles identificou o conceito de espaço com o de lugar (*topos*), delimitado e empírico” (NORBERG-SCHULZ,1972; Montaner, 1999 apud FONTES, 2003, p. 62).

O sentido do espaço depende da experiência do “eu”, afirma Fuão (2004). Desta maneira ele não pode ser encontrado no interior da abstração do espaço arquitetônico, entre paredes ou na relação utilitária entre o cheio e o vazio. Deve estar no interior das pessoas que o vivencia.

Ao elaborar sua análise sobre o espaço na perspectiva de Milton Santos, Martins (2007, p.1) conclui que:

[...] o espaço é um sistema complexo, um sistema de estruturas, submetido em sua evolução a evolução das suas próprias estruturas. Cada estrutura evolui quando o espaço total evolui e, por sua vez, a evolução de cada estrutura em particular afeta a evolução da totalidade.

O próprio Santos (1977, p.6), afirma que:

O espaço é a matéria trabalhada por excelência. Nenhum dos objetos sociais tem uma tamanha imposição sobre o homem, nenhum está tão presente no cotidiano dos indivíduos. A casa, o lugar de trabalho, os pontos de encontro, os caminhos que unem esses pontos são igualmente elementos passivos que condicionam a atividade dos homens e a prática social.

Já para definir lugar, o autor afirma que:

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. (SANTOS, 1997, p.322).

Para Tuan (1983, p.3) “Espaço e lugar são termos familiares que indicam experiências comuns. Vivemos no espaço. Não há lugar para outro edifício no lote”. Para o autor o lugar se relaciona à ideia de segurança e espaço se relaciona à liberdade. “Estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro” (idem, p.3).

Para Norberg-Schulz (1972, p. 7) “o espaço arquitetônico pode ser compreendido como a concretização de um esquema ambiental de imagens que compõem uma necessária parte na orientação geral do homem ou o seu ‘estar no mundo’”.

Ao analisar o trabalho de Norberg-Schulz, (1972 apud FONTES, 2003, p.63) enfatiza que além de agir, perceber, existir e pensar no espaço, o homem “tem também criado espaços, para expressar a estrutura do seu mundo. Qualquer homem que escolhe um lugar para se estabelecer e viver, passa a ser criador de um espaço expressivo”.

Espaço e lugar então podem ser claramente diferenciados. Montaner (2001, p.31) afirma que aquele tem uma “condição ideal, teórica, genérica e indefinida”, enquanto este possui “um caráter concreto, empírico, existencial, articulado, definido até os detalhes”.

Percebe-se então que o espaço é maior do que o lugar. O espaço pode estar constituído de uma soma de lugares, e é exatamente nos lugares que é possível inserir os conceitos interdisciplinares da psicologia ambiental.

Castello (2005) afirma que no âmbito da arquitetura e urbanismo o conceitua-se tradicionalmente lugar como *espaço qualificado*, ou seja, espaços que incorporam significados profundos pela população, que os reconhece através da representação de imagens referenciais fortes, assim, na concepção do lugar, estão envolvidos fatores físicos e psicológicos, que “tanto têm a ver com o desenho da configuração morfológica urbana, quanto com o comportamento interativo adotado pelas pessoas na utilização dessas formas” (idem, 2005, p. 233).

O autor acredita que este conceito está passando por uma reavaliação conceitual no contexto da sociedade de consumo que possibilita sua compreensão por dois vieses: *placemaking* e *placemarketing*. Surge uma preocupação no texto de Castello amparada na possibilidade de uma associação do conceito de lugar a construção de uma imagem fantasiosa que rompa com a realidade contextual, criando cenários. O autor se questiona acerca de qual urbanidade pode emergir daí. Teme que estes cenários possam induzir uma percepção ilusória capaz de interferir confundindo a população de tal modo que a realidade se transforme em fantasia.

Cabe então destacar que o processo de construção do lugar passa obrigatoriamente pela apropriação do espaço. Segundo Pol, 1996 (apud MOURÃO e CAVALCANTE 2006, p.145),

[...] a criação e o surgimento de um universo de significados que constituem a cultura e o entorno do sujeito e que transformam, ao longo do tempo, um espaço *vazio* em lugar significativo é o que se pode chamar de *apropriação*.

Partindo então da tríade habitante-identidade-lugar, Carlos (1996 apud MIÑO, 2004, p. 146), define lugar como “a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos dos seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua [...]”. Os lugares, portanto, precisam fazer parte do cotidiano das pessoas, precisam estar plenos de significado e para isso precisam ser vividos, para que se construa a identidade.

Desta forma, relacionando este conceito à memória, às atitudes, aos significados, valores, preferências, enfim às experiências resultantes do cotidiano, acredita-se ser possível contribuir para a melhor compreensão do objeto de estudo escolhido.

4.2 O ESPAÇO PÚBLICO DE CONVÍVIO

Espaço de uso coletivo da sociedade é como Sennet (1974) define o espaço público. Um espaço que permita a um conjunto diverso de pessoas utilize-o ao mesmo tempo. A rua, a praça e os parques são os elementos urbanos formalmente constituídos que definem o espaço público quando considerada a morfologia urbana. Em Lamas (2004) é possível perceber claramente sua conceituação específica para rua e praça, sendo que a primeira é apresentada como o “lugar de circulação”,

e a segunda como o “lugar da permanência”. A rua é considerada o elemento estruturador do traçado urbano e a praça o elemento que possibilita o encontro.

A história da humanidade é constituída basicamente por memória e convívio, de acordo com Valadares (2000). Esta afirmação é possível ao que se reconheça que a experiência humana é repleta de inter-relações que se estabelecem entre o sujeito com o grupo social ao qual está inserido e os lugares em que estas relações acontecem. Estes processos tornados únicos, como aborda Fernandes (2006), contribuem para a construção da individualidade humana. Pode-se então inferir que a qualidade das relações humanas está ligada à qualidade dos espaços para que estas relações possam ocorrer. Não se quer afirmar que espaços com qualidade sejam definidores da qualidade das relações, e vice-versa, mas sim que podem exercer alguma influência, que é o que se procura entender neste estudo.

A importância de se estudar os espaços públicos urbanos tem ganhado força principalmente a partir das décadas finais do séc. XX, e se caracteriza pela expressiva quantidade de estudiosos que têm se debruçado em tentar vencer as dificuldades para a busca de uma definição que atenda a complexidade que envolve esta tarefa.

Em Mendonça (2007), podem-se encontrar uma série de olhares conceituais sobre espaço público, cabendo destaque para Milton Santos que propõe uma abordagem para que considere tanto os elementos de permanência – fixos – quanto os de passagem – fluxos – ao longo do tempo e no presente como constituintes deste espaço. “Valendo-se de enfoque bastante voltado à economia, ao apresentar um panorama evolutivo do capitalismo, [...], indica como dado importante deste último, a da circulação de bens e de pessoas” (Idem, p. 126).

Tendo sido classificados como “espaços de manifestação da esfera pública, da vida pública e da realização da cidadania”, Abrahão (2008, p. 23), as reflexões sobre a ideia de espaço público demonstram desta maneira, a estreita relação entre a dimensão material e a sociopolítica, dois de seus elementos constituintes.

Este autor afirma, todavia, que a partir dos anos 80 percebe-se um movimento de apropriação dos espaços públicos pelos interesses privados. Lembra que Sharon Zukin publicou em 1995 *Whose Culture? Whose City?* Com o propósito de fazer uma análise das cidades americanas e as repercussões provocadas pelas forças comerciais e corporativas ao tornarem-se as geradoras de muitos espaços públicos.

Recentemente, também, de acordo com Correia (2005) o espaço público, compreendido no seu sentido mais *lato* enquanto espaço de

visibilidade pública, depara-se com uma série de tensões fragmentárias. Dentre os fatores sociais que contribuem para esta tendência, sobressai o sistema de consumo atual e, em particular, os modernos dispositivos tecnológicos de mediação. Desta forma a mobilidade proporcionada pelos novos sistemas de multimídia, internet, celulares, como também a tensão resultante entre o global e o local “percorrendo transversalmente os domínios da cultura, dos *media*, da economia e da política” (idem, p.217), colabora para uma transformação estrutural que desvaloriza as identidades baseadas em papéis sociais. Correia conclui que um espaço público fragmentado que “é em si, teatro de esperanças e decepções” (idem, p.224), colabora para a fragmentação das relações humanas.

Esta situação acarreta num cenário que Mendonça (2007, p.129) descreve bem:

Deste modo, ao mesmo tempo em que os espaços públicos permanecem ambientes desejados pela população e reivindicados por ela ao poder público, cabe reconhecer que convivem com este desejo, de certo modo reprimindo-o ou neutralizando-o, uma série de situações controversas relacionadas ao binômio medo – segurança e à difusão de *espaços públicos* de outra natureza, como os propiciados pelo uso da internet.

É preciso destacar que a ideia de espaço público não significa absolutamente, espaço sem dono. Machado (2009, p. 13) afirma que “a alienação das pessoas em relação à preservação dos espaços públicos [...] vêm causando a destruição das principais cidades do mundo”. Esta é uma situação que se torna cada vez mais frequente em cidades, principalmente no Brasil

Em seu texto, Machado (idem) ainda faz considerações importantes sobre o papel da especificidade de usos no entendimento de diferentes concepções de espaço público. Afirma que determinadas funções específicas de um espaço pode limitar a liberdade de utilização dos mesmos. Exemplifica com o caso de uma biblioteca pública, mesmo sendo pública, define limites de uso com regras de acesso e comportamento. Diferente de uma praça pública que permite diversos usos a qualquer momento para qualquer um.

O espaço público de convívio que se estuda neste trabalho se encaixa nesta última caracterização. O espaço da universidade, que muitas vezes é também chamada de cidade universitária, é público, mas

com regras que efetivamente limitam acesso e comportamento. O que se busca então é entender melhor como as questões que afetam o todo, atingem em maior ou menor escala um espaço tão específico, quanto o aqui estudado.

4.3 A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO

A construção da identidade do ser humano envolve relações intra e inter-subjetivas. Foucault (2004) afirma que o sujeito se constrói pelas relações sociais, ou seja, é constituído e constituinte. Um contexto formado por dimensões afetivas, cognitivas e comportamentais é a base de construção do sujeito, pois ajudam a tecer uma rede que envolve o espaço físico-social e os lugares mais íntimos, mais significativos. O processo de apropriação do espaço faz parte desta construção da identidade do sujeito, uma vez que as relações sociais, culturais e históricas se dão no mundo concreto e simbólico.

O processo de apropriação do espaço é influenciado pela adaptação do sujeito com o meio ambiente, e é primordialmente movido pela subjetividade deste sujeito.

O modelo que define os principais componentes conceituais da apropriação do espaço foi apresentado por Pol (1996), quais sejam: identificação, pertencimento e personificação. A identificação é um componente simbólico, de caráter subjetivo, pois envolve processos afetivos, cognitivos e interativos com o lugar. O sentimento de pertencimento, que também envolve os mesmos processos antes citados, ocorre quando o sujeito estreita suas relações com um lugar, sentindo fazer parte do mesmo. A personificação é um componente comportamental, pois envolve uma ação de transformação do espaço, promovendo atitudes de conservação e proteção do mesmo. De acordo com Sansot (1996), a personificação é a transformação intencional do espaço, uma vez que o sujeito deixa nele suas marcas.

Ainda existem outros componentes conceituais da apropriação do espaço, como a cultivação, que resulta da identificação com o lugar e do sentimento de pertença. Gonçalves (2007) afirma que a cultivação ocorre quando o sujeito cuida, preserva o espaço, tornando-o acolhedor às suas necessidades.

De acordo com Proshanski (1976), o processo de apropriação do espaço possibilita a integração entre o ambiente e o mundo interno do sujeito. Enfatiza que quanto mais o sujeito se apropria de um espaço, mais se apropria de si mesmo.

A apropriação pode se dar tanto nos espaços privados, quanto nos públicos, e desta forma, pode se dar tanto de forma individual, quanto coletiva. Segundo Pol (1996), o processo é similar, mas com ênfases distintas nos componentes conceituais por ele propostos. Enquanto no espaço privado se destaca a personificação, no espaço público se destaca a identificação, já que neste a intervenção do sujeito no espaço é limitada por regras de sociabilidade.

É neste contexto de espaço, o público, que este estudo se foca. Cabe investigar se a realidade que se mostra à pesquisa confirma os que os autores preconizam.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ao que se aproxime do objeto de estudo desta pesquisa, faz-se necessário esclarecer algumas decisões que influenciam diretamente o resultado da mesma. A escolha do tipo de pesquisa, o método utilizado, assim como as demais metodologias de coleta de dados. Salientando que esta pesquisa pretende um aprofundamento no conhecimento da realidade, uma busca pela compreensão dos porquês das coisas. Assim se defende que a melhor escolha para esta situação, é desenvolver uma pesquisa do tipo qualitativa de caráter explicativo, utilizando como método principal, o estudo de caso.

Pesquisas como a que se pretende tratar aqui, de caráter sócio-ambiental, têm se caracterizado por valorizar o emprego de métodos quantitativos para a descrição e explicação dos fenômenos. Atualmente já é comum, e principalmente, reconhecida como promissora possibilidade de investigação, a abordagem que se utiliza de métodos qualitativos.

Diferentemente da quantitativa que prima pelo rigor de um plano previamente estabelecido, buscando a medição e enumeração dos eventos, a qualitativa permite ser redirecionada ao longo de seu desenvolvimento, cabendo a si, obter dados descritivos a partir da interação direta entre pesquisador e seu objeto de estudo.

A pesquisa qualitativa de acordo com Gil (1996, p.46) “[...] facilita a compreensão dos fatores que contribuem para a ocorrência dos fenômenos”. Para Oliveira (1997, p.117) “a pesquisa qualitativa propõe-se a descrever a complexidade de uma determinada hipótese e classifica os processos dinâmicos experimentados por grupos sociais”.

Já para Leopardi (2002), esta modalidade de pesquisa visa um valor, busca um sentido, portanto trabalha com elementos que não se alcança somente pelo uso de instrumental estatístico.

Uma boa caracterização do que é necessário para trabalhar com a pesquisa qualitativa pode ser encontrada em Manning (1979 apud NEVES, 1996, p. 1),

O desenvolvimento de um estudo de pesquisa qualitativa supõe um corte temporal-espacial de determinado fenômeno por parte do pesquisador. Este corte define o campo e a dimensão em que o trabalho desenvolver-se-á, isto é, o território a ser mapeado. O trabalho de descrição tem caráter fundamental em um estudo qualitativo, pois é por meio dele que os dados serão coletados.

Apesar de se caracterizar como uma pesquisa qualitativa, este estudo não pretende negar a importância dos aspectos quantitativos. Outrossim, faz uso de métodos quantitativos buscando uma complementaridade com a intenção ampliar os limites de compreensão do tema.

Incisivos em afirmar que métodos quantitativos e qualitativos, apesar de utilizarem abordagens diferentes, não se caracterizam necessariamente por oposição, mas podem tratar de seus temas de forma complementar, Minayo e Sanches (1993, p. 247), afirmam que:

[...] é de se desejar que as relações sociais possam ser analisadas em seus aspectos mais ‘ecológicos’ e ‘concretos’ e aprofundadas em seus significados mais essenciais. Assim, o estudo quantitativo pode gerar questões para ser aprofundadas qualitativamente e vice-versa.

Entende-se que a melhor direção a ser tomada estabelece como tipo de pesquisa, a explicativa, pois se ajusta de maneira mais adequada ao objeto de estudo. Andrade (2002, p.20) apresenta sua visão para a pesquisa explicativa,

A pesquisa explicativa é um tipo de pesquisa mais complexa, pois, além de registrar, analisar, classificar e interpretar os fenômenos estudados, procura identificar seus fatores determinantes. A pesquisa explicativa tem por objetivo aprofundar o conhecimento da realidade, procurando a razão, o porquê das coisas e por esse motivo está mais sujeita a erros.

O estudo de caso foi o principal método escolhido para a pesquisa, pois como afirma Gil (1996, p.47), “é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira

que permita o seu amplo e detalhado conhecimento”, o que se pretende compreendendo os processos de apropriação dos espaços públicos de convívio da UNESCO.

5.1 A UNESCO, O *LÓCUS* DO ESTUDO

A pesquisa se desenvolve, tendo como *lócus*, o espaço público de convívio da UNESCO, UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE, local em que o pesquisador desenvolve suas atividades profissionais desde 1999, primeiramente como arquiteto do campus, passando com o tempo a lecionar nos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Engenharia Ambiental, além de coordenar o setor de projetos arquitetônicos e urbanísticos do campus.

A UNESCO está situada na Avenida Universitária, 1105, no Bairro Universitário, cidade de Criciúma, Santa Catarina. Sua história tem início nos idos de 1968, quando na cidade de Criciúma, começava a ganhar vulto, a intenção de dar início as atividades de ensino superior para atender os jovens de uma região, localizada praticamente ao centro da distância entre as capitais Florianópolis e Porto Alegre, as possibilidades mais próximas de obtenção de um diploma de curso superior.

Era uma época em que começaram a ser organizadas no interior, as Fundações Universitárias e a cidade vivia a efervescência do progresso e da modernização, possibilitada pelo impulso dado pelo Governo Federal para o incremento da indústria carbonífera. Pode ser lido em Miranda e Selau, (2003, p. 40) “Criciúma procurava desfazer-se da aparência de pequena cidade interiorana”.

Após, a tentativa fracassada da criação da Faculdade de Direito em 1964, acreditava-se que a concretização do sonho do ensino superior na cidade, passava pela construção de uma “mentalidade universitária” (BITENCOURT, 2011). O impulso que deflagrou o processo de criação da UNESCO foi o I SEMINÁRIO PRÓ-IMPLANTAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NA REGIÃO SUL CATARINENSE. Este seminário foi conduzido principalmente pelos associados da Câmara Júnior, Capítulo de uma entidade internacional que congrega homens de 18 a 40 anos. O relatório deste seminário, levado ao prefeito municipal Rui Hülse, propunha a criação da Fundação Universitária de Criciúma. A proposta foi acatada pelo prefeito, levada à Câmara Municipal e aprovada em todas as instâncias. Em setembro de 1968, de acordo com Naspolini (2000, p. 116), “era feita a primeira a primeira reunião do Conselho Curador da FUCRI, por convocação do prefeito Hülse”.

Estes fatos históricos deixam transparecer que desde sua criação, a UNESCO tem em seu DNA, os genes da coisa pública. Mesmo sendo, ao longo dos anos uma Instituição que cobra mensalidade de seus acadêmicos, não tem dono, não visa o lucro, e todas as suas arrecadações são reinvestidas no ensino, na pesquisa e na extensão.

A UNESCO, tem também como característica marcante desde os primórdios de sua criação, o potencial para assumir um caráter regional, e não apenas para atender as demandas da cidade. Bitencourt (idem), salienta que:

No estatuto de 1968, diversos artigos versavam sobre a possibilidade de participação dos demais municípios na sua estrutura administrativa e organizacional, como também expressavam o interesse na aglutinação e cooperação dos mesmos na definição de suas finalidades.

Em março de 1970, nas dependências do Colégio Madre Teresa Michel foram dadas as primeiras aulas para os cursos de Matemática, Desenho, Ciências e Pedagogia, mas já em 1973, procurando atender demanda cada vez maior da cidade e da região são oferecidos os cursos de Ciências Contábeis e Administração de Empresas. No ano seguinte foi criada a Escola Superior de Educação Física.

A legalidade exigia que as fundações mantenedoras de escolas de Ensino Superior tivessem patrimônio, e este foi cedido pela Prefeitura Municipal de Criciúma. A FUCRI pode instalar sua parte administrativa no antigo prédio do Poder Executivo Municipal, localizada na Praça Nereu Ramos, o ponto central da cidade.

Figura 1 – Casa de Cultura – Primeira sede da FUCRI



Fonte: acervo do autor

As aulas que até o final do primeiro semestre de 1971, aconteciam no Colégio Madre Teresa Michel, foram transferidas para as dependências da SATC, Escola Técnica Osvaldo Pinto da Veiga, situada ao sul do centro da cidade. Em 1975 o sonho do campus virava realidade e foram inaugurados os primeiros blocos que se tornariam o embrião daquele que é hoje o *locus* do objeto de estudo desta pesquisa.

De acordo com o jornal Correio do Sudeste:

O projeto de construção do campus, feito pelos arquitetos Altair Guidi, Fernando Carneiro e Nelson Gaidzinski, é algo monumental e elaborado com vistas para o futuro. O total previsto de área construída será de 13 hectares, com 16 blocos para departamentos de ensino; biblioteca central e museu; administração central; dois institutos e todo um conjunto destinado à Escola Superior de Educação Física e Desporto e à prática esportiva de todas as unidades da FUCRI.

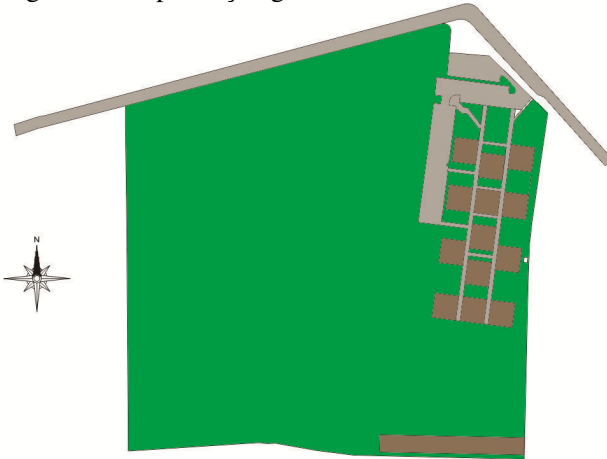
Figura 2 – Vista geral do campus da FUCRI em 1975



Fonte: Setor de Projetos da UNESCO

Desde estes primeiros blocos resta uma herança arquitetônica que caracteriza o campus até os dias atuais, em que se têm os blocos articulados por passarelas, inicialmente descobertas, onde se desenvolve o convívio entre a comunidade acadêmica.

Figura 3 – Implantação geral da FUCRI na década de 70



Fonte: Setor de Projetos da UNESCO, elaborado pelo autor – sem escala

Dos 16 blocos projetados inicialmente, 13 com aproximadamente 300m² cada um, foram efetivamente construídos nesta primeira etapa, dos quais um dividia as funções de biblioteca e cantina, um com as funções administrativas e 11 para salas de aula.

A década de 80 foi marcada por momentos de crises, mas também de impulsos, principalmente em relação ao espaço físico do campus. Uma grave crise financeira, aliada a truculência daquele período, abalou as estruturas da Instituição. Ingerência político-partidária, contestação estudantil, reivindicações de funcionários, as lutas pela democracia, foram presenças marcantes daqueles tempos. Todavia estas marcas deixadas por este período, não travaram algumas ações que são de suma importância para a continuidade da FUCRI.

Figura 4 – Vista geral do campus da FUCRI na década de 80



Fonte: Setor de Projetos da UNESC

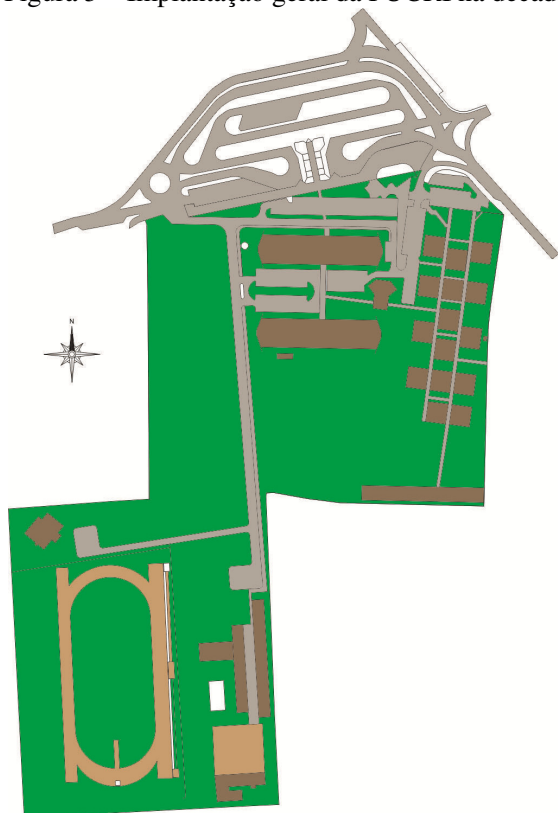
São obras deste período: O Complexo Esportivo com ginásio coberto, piscina e pista de atletismo, além dos novos edifícios destinados à administração e biblioteca central. Já ao final da década surge o Colégio de Aplicação.

Com os anos 90 cresce a FUCRI, a ponto de florescer na sociedade de Criciúma e também dos municípios vizinhos um movimento para sua transformação em universidade. Os primeiros

passos para a conscientização do poder público regional se deram em 1991, com a assinatura de um protocolo de intenções para transformar a FUCRI em UNESC. Ainda neste ano o Conselho Estadual de Educação aprovava a formação da UNIFACRI, União das Faculdades Integradas de Criciúma, fato de vital importância para o encaminhamento de documentação com vistas a criação da universidade.

É importante ressaltar que as dificuldades que a Instituição passara na década anterior, deixaram marcas que resultaram em um descrédito junto à sociedade a ponto de, como afirma Bitencourt (idem, p. 141) “Em 1994, uma pesquisa realizada pelo meio empresarial cricumense, revelou que, entre 13 pontos indicados como de importância para a cidade, os empresários tinham a FUCRI com o décimo segundo”.

Figura 5 – Implantação geral da FUCRI na década de 80



Fonte: Setor de Projetos da UNESC, elaborado pelo autor – sem escala

Desencadeou-se um ciclo de debates com a finalidade de recuperar o prestígio necessário para tornar-se uma universidade que pudesse se integrar com a comunidade, em especial com o empresariado, focando sua atuação para as características regionais e suas carências.

Foi no dia 11 de agosto de 1997, que em presença do vice-governador e do secretário de Estado da Educação, foi homologada a criação da UNESC. O reconhecimento oficial se deu pela Resolução 35/97 do Conselho Estadual de Educação, publicada no Diário Oficial de Santa Catarina, na edição de 4 de novembro de 1997, e finalmente sua instalação oficial ocorreu no 18 do mesmo mês.

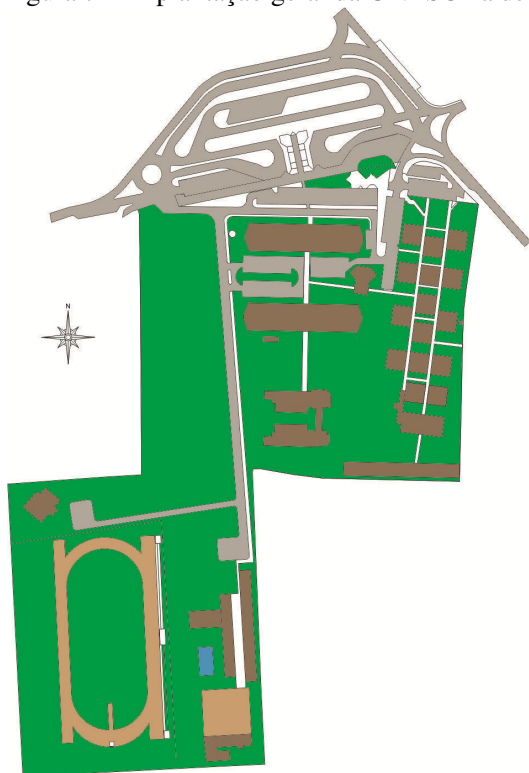
Figura 6 – Vista geral do campus da UNESC na década de 90



Fonte: Zapellini Cine Foto, 1999. Acervo do Setor de Projetos da UNESC

São obras desta época os Blocos: N, O, P, XXI-A e XXI-B.

Figura 7 – Implantação geral da UNESC na década de 90



Fonte: Setor de Projetos da UNESC, elaborado pelo autor – sem escala

Com a chegada dos anos 2000, a UNESC precisava se firmar como tal e passou por um processo de crescimento exponencial. Abertura de novos cursos, Qualificação do corpo docente, ampliação do corpo discente e com isso a necessidade de ampliação do espaço físico de suas instalações. Foi o início do processo de verticalização de seus edifícios, que por força de plano diretor municipal, não poderiam ultrapassar 3 pavimentos. O terreno que já havia sido ampliado para a construção do complexo esportivo, precisava agora de um novo incremento, sendo adquiridas terras lindeiras, cuja somatória configura os limites atuais de seu espaço físico.

Os blocos: XXI-C, S, Clínicas, Q, T, além do novo Ginásio de Esportes são as ampliações desta etapa. Dada a necessidade premente de salas e laboratórios, o espaço público de convívio foi relegado a um plano secundário neste momento.

A comunidade acadêmica que durante os tempos de FUCRI, era formada majoritariamente por pessoas que trabalhavam durante o dia e estudavam à noite, tinha pois pouco tempo para o relacionamento fora das salas de aula. As cantinas, os corredores e uns poucos bancos formavam o conjunto de locais públicos para a integração. Esta realidade, com o advento da universidade com cursos matutinos e vespertinos, além dos noturnos foi transformando a necessidade de espaços para o encontro, para o descanso e até para o movimento político estudantil.

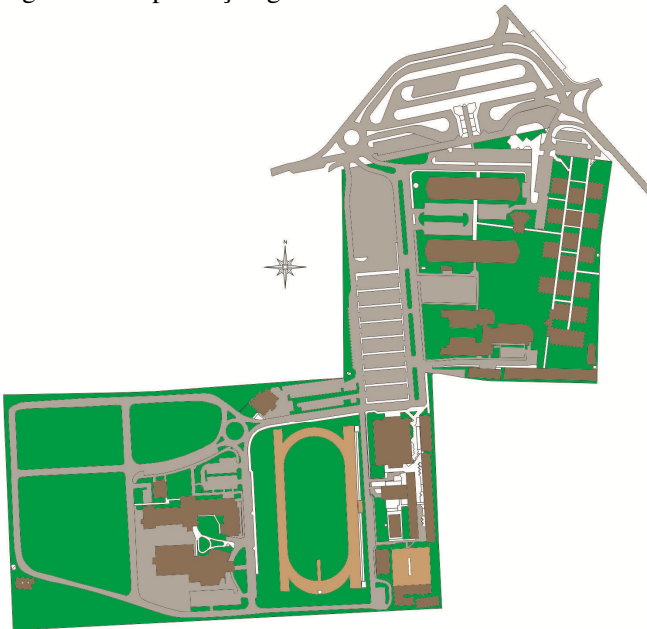
Figura 8 – Vista geral do campus da UNESC em 2008



Fonte: Zapellini Cine Foto, 2008. Acervo do Setor de Projetos da UNESC

Esta realidade apresentada no final da primeira década do século XXI foi percebida por alguns membros da comunidade acadêmica, que conseguiu a criação da Comissão de Meio-Ambiente e Valores Humanos com a missão de gerar o debate de idéias relativas às questões sócio-ambientais relacionadas ao campus e a seus usuários. O resultado primeiro do trabalho desta comissão foi registrado em uma pesquisa que mostrou as aspirações dos unesquianos em relação aos locais de convivência. Desta pesquisa resultou a construção da Praça do Estudante, que é um dos pontos de observação desta pesquisa.

Figura 9 – Implantação geral da UNESC em 2008.



Fonte: Setor de Projetos da UNESC, elaborado pelo autor – sem escala

Atualmente a UNESC, de acordo com dados oficiais da Instituição, conta com aproximadamente 15.000 pessoas que circulam diariamente pelo campus, que tem um total de 52.328 m² de área edificada, distribuídas em um terreno de 190.469 m². São 70 cursos, abrangendo os níveis de graduação e pós-graduação *latu-sensu* e *strito-sensu*, além de uma gama de atividades de extensão.

Este é o cenário que este estudo pretende focar. Um lugar, no sentido *strito* do termo, que abriga uma população maior do que muitas cidades que fazem parte da região.

Tabela 1 – Evolução da área construída da UNESCO em m².

Década	Área construída		Área total
	Área Inicial	no período	
70-80	--	4997	4997
81-90	4997	7518	12515
91-00	12215	8932	21447
01-10	21447	26711	48158
11-12	48158	2414	50572

Fonte: Setor de Projetos da UNESCO – elaborado pelo autor.

5.2 O COLETIVO DA PESQUISA

O coletivo da pesquisa pode ser dividido em duas etapas que se deram em razão das metodologias complementares utilizadas durante a pesquisa. Num primeiro momento em que a observação sistemática foi a técnica empregada, pode-se dizer que toda a comunidade acadêmica estava envolvida, não necessariamente participando efetivamente do processo, pois a observação poderia atingir a qualquer um. Já um segundo momento em que as técnicas migraram para a busca do simbólico. Este coletivo foi composto por um universo de 13 pessoas distribuídas da seguinte forma: 8 acadêmicos, 3 técnicos administrativos e 2 professores, baseado nas afirmações de Minayo (1993), que enfatiza a representatividade pela profundidade da análise e pelo rigor do detalhamento metodológico e não pela quantidade de sujeitos.

5.3 A COLETA DE DADOS

Para responder às questões levantadas pelos objetivos específicos deste estudo, foram utilizadas três técnicas de coletas de dados, na tentativa de construir um diagnóstico que possibilitasse atender ao objetivo geral proposto.

5.3.1 Observação simples

O primeiro passo pode ser dado com a utilização da técnica de observações simples. De acordo com Gonçalves (2006) a observação simples tem como objetivo “auscultar” o ambiente pesquisado, inserindo-se no contexto de acordo com sua rotina, porém estando atento ao que se passa em volta, focado no que observa.

A intenção de identificar os espaços públicos de convívio da UNESCO, foi possível uma vez que, durante os meses de novembro e dezembro de 2011, foram feitas observações em toda a extensão do campus da UNESCO, buscando identificar fluxos e permanências. Foram passeios que ocorreram em diferentes horas do dia, na tentativa de delimitar o espaço físico que serviria de foco para a segunda etapa da coleta de dados.

A experiência como arquiteto coordenador do Setor de Projetos facilitou esta ação, uma vez que o espaço físico era bem conhecido pelo pesquisador. Essa realidade propiciou definições de regiões com mais ou menos possibilidades de ocorrer o convívio no campus. Foi válida esta etapa para a confirmação de que nem todos os espaços projetados para convívio eram utilizados, ao menos com intensidade. Já alguns espaços que inicialmente não constavam como espaços de convívio, pela observação puderam facilmente ser reconhecidos como tal.

5.3.2 Observação Sistemática – Mapa Comportamental

Utilizando a observação sistemática para possibilitar o segundo passo da coleta, buscou-se trabalhar com uma variação da técnica de mapeamento comportamental para identificar as formas de ocupação dos espaços de convívio do campus.

Segundo Pinheiro; Elali e Fernandes (2008), o mapa comportamental é um documento empírico que consiste em representar graficamente o comportamento das pessoas no espaço. Nesta pesquisa será utilizado o mapa comportamental centrado no lugar.

Ainda de acordo com os autores, na modalidade de mapeamento comportamental centrado no lugar, a tradução dos dados coletados se dá através de representações gráficas que relacionam as diversas formas de comportamento dos usuários à seções específicas do espaço.

Para trabalhar com esta técnica, os autores preconizam que após a identificação dos locais em que se delimitará a ação da pesquisa, serão preparadas, a *representação gráfica do local*, e a *ficha de observação*, assim como a divisão dos setores de observação, de definição das categorias de comportamento que serão observadas e as questões relativas à temporalidade e periodicidade.

A situação encontrada após a observação simples demonstrou que a universidade mesmo atuando nos períodos matutino, vespertino e noturno, tem apenas um de seus setenta cursos oferecidos, trabalhando em dois períodos. Os outros em sua totalidade funcionam em apenas um período. Esta realidade posteriormente analisada possibilitou a geração

de hipóteses que definiram a estratégia de arriscar uma alteração metodológica no mapa comportamental. Não se têm notícias se esta experiência já foi efetivada em algum caso, todavia acredita-se que são alterações que não trazem distorções tais à metodologia, de maneira que não possa ser reconhecida como tal.

Ao invés da observação estática, em que o pesquisador tem uma base fixa em cada setor estudado, atuando por um determinado tempo para efetuar as observações, trabalhou-se com vetores, que caracterizam os maiores fluxos em determinado recorte do campus.

O papel do pesquisador se inverte, passando de estático a dinâmico. Assim, a observação se dá com o pesquisador percorrendo os vetores pré-determinados, em momentos diferentes do dia, possibilitando então identificar as formas de ocupação dos espaços de convívio, neste recorte da Instituição. Em cada ponto de observação, foi utilizada a noção de *instante congelado de tempo* (Pinheiro et al, 2008), ou seja, os registros representavam fotografias mentais de momentos específicos das atividades ali ocorridas. O tipo de registro efetuado foi por amostragem de tempo, de 3 em 3 minutos.

Essa forma de utilização da metodologia propicia dimensionar a utilização dos espaços, considerando aspectos quantitativos, temporais e comportamentais.

5.3.3 Entrevista semi-estruturada

O processo de apropriação do espaço foi investigado por meio entrevistas semi-estruturadas, puderam verificados os elementos constitutivos deste processo, quais sejam: identificação, pertencimento, personificação e cultivação.

- identificação compreendida segundo Pol (1996) como um componente do processo que se efetiva pelo cognitivo, simbólico, afetivo e interativo.

- pertencimento implica num sentimento de sentir-se pertencente àquele lugar. Este pertencimento é mobilizado por sentimentos afetivos, objetos simbólicos e também, de acordo com Brower (apud POL, 1996) pelo sentimento de posse real ou simbólica.

- personificação entendida aqui como uma transformação intencional do espaço, onde o sujeito deixa suas marcas por objetos e pela forma de uso (SANSOT, 1996).

- cultivação segundo Gonçalves (2002) decorre do sentimento de pertencimento e de identificação do lugar. Cultivar do lugar consiste em cuidar, preservar, adequá-lo aos usos a que ele se destina.

Será utilizado também como forma auxiliar de coleta de dados a técnica de identificação, pelos usuários, dos locais apropriados por meio de desenho.

Como instrumentos de registro foram utilizados o gravador, a máquina fotográfica, um formulário para a confecção de desenhos pelos entrevistados, além do diário de campo.

As entrevistas ocorreram durante os meses de junho e julho de 2012. O pesquisador, diferentemente do mapeamento comportamental, percorreu todas as áreas do campus em busca de possíveis entrevistados. O pesquisador saía portando prancheta, que continha o termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice A), o formulário da entrevista (Apêndice B), o formulário para confecção de desenho (Apêndice C). Levava consigo ainda o gravador, e um penal contendo caneta, um lápis preto e cinco lápis de cor das cores azul, amarelo, vermelho, verde e marrom e finalmente uma borracha. O conjunto de lápis era oferecido ao entrevistado para que ele pudesse escolher quais utilizar. Em nenhum momento foi insinuado se o desenho deveria ser colorido ou não.

Os passeios foram feitos nos períodos matutinos, vespertinos e noturnos, e a escolha dos entrevistados não seguia um método específico. Foram escolhidos ao acaso. O cuidado foi de buscar possíveis entrevistados em diferentes áreas do campus na tentativa de obter um universo mais amplo de opiniões, já que cada curso tem suas aulas em blocos definidos.

A postura do entrevistador foi sempre a de se apresentar como mestrando do PPGCA, explicar rapidamente os objetivos da pesquisa e solicitar uma entrevista. Se aceito o pesquisador fazia a leitura do termo de consentimento livre, e após o aceite, iniciava as gravações.

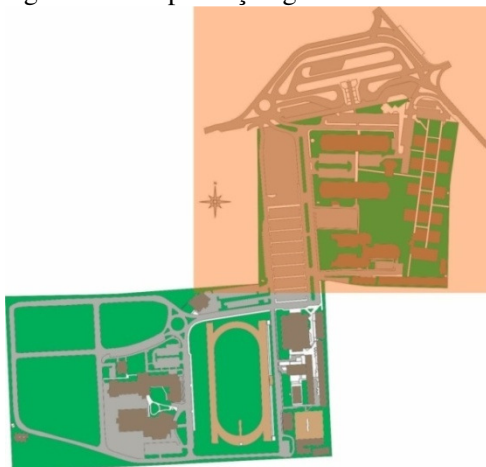
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

6.1 A OBSERVAÇÃO SIMPLES

Durante os meses de novembro e dezembro de 2011, foram feitas observações em toda a extensão do campus da UNESC, buscando identificar fluxos e permanências, dados que seriam utilizados para a delimitação do recorte para a observação sistemática com vistas ao mapa comportamental.

Após esta observação ficou claro para o pesquisador que alguns pontos projetados para o convívio, eram pouco utilizados pelos usuários, já pôde ser observado que alguns lugares se constituíam como lugares de convívio sem que tenha sido projetado para esse fim.

Figura 10 – Implantação geral da UNESC com o recorte estudado



Fonte: Setor de Projetos da UNESC, elaborado pelo autor – sem escala

O campus da UNESC, em função da forma de seu terreno tem um acinturamento que divide o terreno em duas partes mais ou menos equivalentes em área física. Naturalmente foi possível delimitar o recorte a ser estudado (figura 10), uma vez que esta divisão evidencia uma entre as duas partes, como a que mais recebe público ao longo dos dias.

Uma situação de extrema relevância que já pôde ser observada nesta etapa da pesquisa foi a sazonalidade do convívio na universidade. A questão relativa aos horários de aula influencia diretamente na

utilização destes espaços, fazendo com que já nesse momento fosse possível verificar os horários mais propícios para a observação sistemática. Ficou evidente a diferença de uso destes espaços em horários de aula e de intervalo.

O próximo passo foi definir os vetores para a observação sistemática. Baseado na realidade encontrada definiu-se três tipos de percursos que abrangem áreas de maior intensidade de presença acadêmica. Da área total que compreende o campus, o recorte escolhido e os vetores que serão observados, equivalem ao que fica evidenciado na figura que segue.

Figura 11 – Recorte estudado e percursos adotados



Fonte: Setor de Projetos da UNESC, elaborado pelo autor – sem escala

O percurso A, indicado pela linha amarela, é o vetor de inicia no terminal urbano, passa pelo hall da reitoria, pelo hall da biblioteca, atravessa os Blocos XXI-A e XXI-B e finda no bloco de Apoio da Universidade. Este percurso é o de maior densidade de usuários, uma vez que liga o sistema de transporte público aos blocos que recebem a maior variedade de acadêmicos, pois sediam os laboratórios de informática, que são utilizados por praticamente todos os cursos da Instituição. Além disso, é uma das passagens naturais para os

acadêmicos que chegam de transporte público e tem aulas nos blocos mais recentes do campus. Ao longo do percurso, se apresentam os seguintes pontos que podem ser considerados de convívio: No bloco Administrativo um banco existente no Espaço Cultural UNESC, que foi denominado ponto A1, no hall da biblioteca um espaço com seis pufes e um banco, A2, no Bloco XXI-A o guarda corpo da rampa, A3 e um estar com bancos, A4.

Figura 12 – Imagem dos pontos A1, A2, A3 e A4 respectivamente



Fonte: Arquivo pessoal do autor

O percurso B, indicado pela linha azul, é o vetor que faz a ligação entre o terminal urbano e os blocos novos do campus e tangencia os edifícios administrativo, biblioteca, XXI-A e XXI-B e finda na via de acesso ao bloco de apoio. A importância deste percurso se dá pela relação direta entre os blocos do recorte escolhido e os estacionamentos tanto de automóveis, quanto de ônibus que trazem estudantes das cidades vizinhas e não utilizam o transporte público urbano de Criciúma. Ao longo do percurso têm-se uma pérgula com bancos junto ao prédio administrativo denominado ponto B1, dois bancos próximos a um trailer que serve crepes, B2 e outra pérgula com bancos junto ao Bloco XXI-B, B3.

Figura 13 – Imagem dos pontos B1, B2, e B3 respectivamente



Fonte: Arquivo pessoal do autor

O percurso C, indicado pela linha vermelha, é o vetor que tem início no portão de acesso da Universidade próximo aos Blocos mais antigos da Instituição, passa pelos corredores entre os blocos A, B, D, E, H, toma a circulação em direção à cantina da Dona Santina, segue por toda a extensão da Praça do Estudante e vira em direção ao Bloco de

Apoio. Ao longo deste percurso têm-se um conjunto de bancos de concreto em frente aos Blocos A, C1, uma pérgula com bancos na praça dos estudantes, C2, um banco próximo a uma escultura, C3, e uma praça entre o Bloco P e o Bloco Z com bancos de concreto, C4.

Figura 14 – Imagem dos pontos C1, C2, C3 e C4 respectivamente



Fonte: Arquivo pessoal do autor

6.2 A OBSERVAÇÃO SISTEMÁTICA

Definidos os percursos, o próximo passo foi adaptar a técnica de mapeamento comportamental com o intuito de identificar a forma de utilização dos espaços de convívio da UNESC.

A observação sistemática visando à elaboração de um mapa comportamental ocorreu durante os meses de fevereiro a maio de 2012. Os percursos foram feitos nos períodos matutino, vespertino e noturno, de duas a três vezes por semana, e em horários preestabelecidos em função da observação simples. No período matutino as observações ocorreram entre as nove e meia e dez e meia. No vespertino entre três e meia e quatro e meia e finalmente no período noturno, entre as oito e meia e nove e meia. Estes intervalos de tempo foram os que apresentaram as maiores ocorrências de utilização dos espaços de convívio.

É de extrema importância compreender que os espaços das cantinas são os espaços em que a convivência mais acontece na Universidade, porém não foram escolhidos como focos de observação, pela sua obviedade.

A cada aferição os três percursos eram verificados, sendo que o pesquisador os percorria com uma prancheta contendo uma ficha de anotação para cada ponto a ser verificado. À medida que passava por um ponto de observação era possível determinar o número de usuários, como se comportavam, de acordo com as modalidades pré-determinadas e ainda eventualmente observações extras que acreditava terem relevância para o trabalho.

Ao final do percurso o pesquisador se dirigia à sua sala e passava as informações para uma tabela e para os mapas. Este processo ocorreu

buscando economia de papel, ao mesmo tempo em que era possível desenvolver a tabulação dos dados de maneira progressiva.

Foram ao total trinta dias de observação nos três períodos, perfazendo noventa caminhadas em cada um dos três percursos.

Para efeitos metodológicos, só foram considerados os dias não chuvosos, uma vez que boa parte dos espaços estudados fica ao ar livre. Também em relação às condições climáticas, consideraram-se três situações: muito frio; muito quente e ameno, já que as observações indicaram que esta graduação oferece as respostas suficientes para o tipo de conclusões que a metodologia se propõe.

Foi desenvolvida uma ficha de observação (Apêndice D), na qual se buscou inserir os itens considerados necessários para desenvolver o trabalho.

O pesquisador saía com uma ficha para cada ponto de observação, os dados referentes ao percurso e ponto eram escritos com caneta, e os demais à lápis com intenção de reaproveitamento das fichas. As informações complementares que podiam ser anotadas davam conta da data, horário, nº da ficha e as questões térmicas.

A ficha continha ainda uma tabela com elementos gráficos distribuídos em linha e coluna que buscavam envolver a maior variedade de relações entre os comportamentos e as atividades observadas.

A lista de atividades trazia as seguintes opções: conversando, dormindo, observando, celular, lendo, laptop, fone de ouvido e namorando. Ao longo das observações, algumas atividades diferentes foram aparecendo, mas de forma esporádica, muitas vezes ocorrendo uma única vez. Um exemplo disso foi um ensaio teatral, ocorrido no ponto C4, em que um casal ensaiava suas falas as vistas de um observador. Outro exemplo que cabe citação foi o de um grupo de acadêmicos reunidos em torno de um violonista, fato ocorrido no ponto C1. Estas exceções serão abordadas nas conclusões do trabalho, visto que se considera ter extrema importância para este estudo.

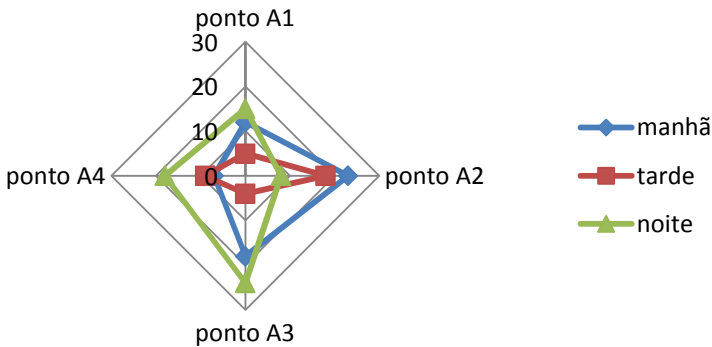
A lista de comportamentos trazia possibilidades que davam conta do seguinte: sozinho, dupla isolada, em que há duas pessoas no espaço, mas estão isoladas entre si; dupla lado a lado, em que há duas pessoas no espaço, aparentemente estão juntas, mas os comportamentos são isolados; dupla, em que há duas pessoas interagindo; grupo simples, em que se percebe um grupo formado; grupos isolados, em que existem grupos totalmente isolados uns dos outros; e finalmente diferentes grupos interagindo.

Para analisar os dados de ocorrência de convívio foi utilizada a fórmula estatística de frequência simples.

6.2.1 Ocorrência de convívio

A análise inicial possibilitou reconhecer o número de ocorrências de convívio, considerando todos os percursos feitos. Com esta observação foi possível construir um panorama em que se enxergam os diferentes percursos, seus pontos, os períodos do dia e as ocorrências. Nesta primeira análise somente são considerados os números brutos, sem nenhuma ponderação qualitativa, como se pode ver nos gráficos que seguem:

Figura 15 – Gráfico de ocorrências no percurso A



Em termos absolutos, é possível afirmar que no período vespertino se verifica a menor intensidade de ocorrências de convívio neste percurso. Uma situação que colabora diretamente para esta realidade é o fato de efetivamente circular menos pessoas neste período do dia, uma vez que a maioria dos cursos é oferecida nos períodos matutinos e noturnos.

Observando como se dá a distribuição de ocorrências em cada ponto, foi possível averiguar que nos diferentes períodos do dia, acontecem algumas preferências coincidentes, outras não. As ocorrências de convívio no ponto A1 totalizam 35,5%, e este espaço é mais utilizado no período noturno. Interessante notar que se trata de um espaço de exposição, além de se localizar no bloco administrativo, ponto de entrada principal da UNESC. Fica caracterizado como um ponto de passagem, que não atrai sobremaneira para o convívio de permanência.

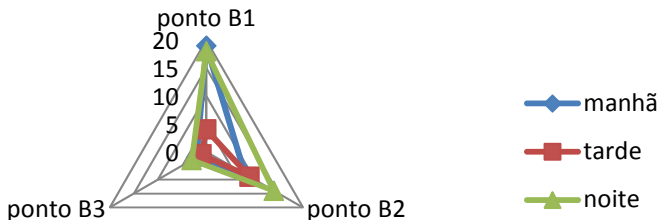
O ponto A2 divide com o ponto A3, a liderança de ocorrências, sendo verificadas em 54,4% das vezes naquele, e em 51,1% neste. Ocorre uma inversão de preferências. No Ponto A2, um espaço mais

despojado, próximo à entrada da biblioteca que oferece um estar de pufes e bancos de madeira, a ocupação se dá preferencialmente nos períodos matutino e vespertino. Uma possível teoria para esta situação pode ser buscada, ao se verificar que a população estudantil que frequenta a universidade durante o dia, é um pouco mais jovem, com menos compromissos de trabalho, já a população que frequenta a universidade à noite, se encontra numa faixa etária um pouco mais alta, formada em boa parte por trabalhadores que estudam neste período.

O ponto A3 merece um parágrafo à parte, pois foi um lugar descoberto na observação simples, que originalmente não seria definido com um espaço de convívio, pois não foi projetado para tal fim. Trata-se de um espaço formado na entrada do Bloco XXI-A, um espaço de passagem que foi apropriado pelos acadêmicos ao utilizarem parte do guarda-corpo da rampa existente como banco. É um ponto de confluência de fluxos, principalmente nos períodos matutino e noturno, como pode ser verificado no gráfico.

O ponto A4 localizado numa passagem que articula os Blocos XXI-A, B e C, é formado por dois bancos revestidos de cerâmica que se posicionam frente a frente, e que estão próximos à Cantina Doce-pão. Curiosamente, este é um espaço que pela proximidade com a cantina, poderia ser mais utilizado, porém recebe 37,7% das ocorrências.

Figura 16 – Gráfico de ocorrências no percurso B



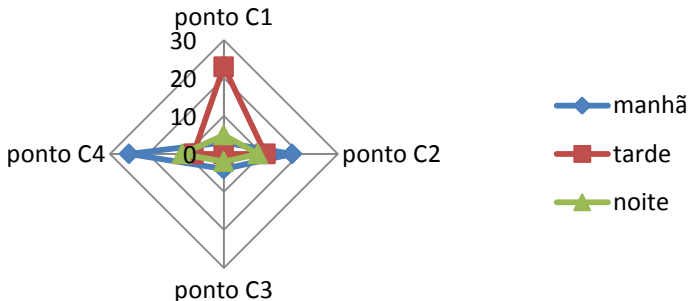
Também neste percurso, é visível que o período vespertino é o que ocorrem as menores taxas de ocorrências de convívio. Este gráfico diferentemente dos outros dois, apresenta um padrão de ocorrências quando analisados os períodos do dia. O que os diferencia é a quantidade, mas a tendência de utilização é semelhante nos três pontos, nos três períodos.

O ponto B1 trata-se de um espaço de estar ao ar livre, composto por uma pérgula de madeira e três bancos. Situa-se junto a uma das pontas do Bloco Administrativo, e próximo ao estacionamento de ônibus que trazem acadêmicos das cidades vizinhas. Este fato colabora para que as taxas de ocorrência sejam um pouco maiores neste ponto que é de 45,5%. Novamente a questão relativa ao período vespertino aparece claramente no gráfico.

O ponto B2, nada mais é do que dois bancos dispostos lado a lado, ao longo do passeio e próximos de um trailer de crepes. Este também foi um ponto descoberto pela observação simples. Estes bancos foram ali colocados, em algum momento, provavelmente pelo setor de Apoio logístico da UNESC, sem o conhecimento do Setor de Projetos. Como passou a ser utilizado, foi ficando. Este lugar, além de estar próximo ao espaço de alimentação, também se caracteriza pela proximidade dos estacionamentos dos ônibus já citados. Este ponto recebeu 34,4% das ocorrências.

O ponto B3 divide com outro ponto o fato de apresentar as menores taxas de utilização, dentre os estudados. Com uma taxa de 6,5% de ocorrências. Localiza-se em uma esquina, ao lado do Bloco XXI-B, e é formado assim como o ponto B1, por uma pérgula de madeira e três bancos. O que pode explicar esta situação é o fato do espaço de convívio estar localizado em um lugar de passagem, relativamente distante de qualquer ponto de encontro, uma vez que mesmo estando ao lado do bloco, está longe dos acessos, e fica também relativamente distante de outros blocos em que acontecem os eventos.

Figura 17 – Gráfico de ocorrências no percurso C



Este percurso, assim como o percurso A, apresenta contrastes entre as ocorrências nos diferentes períodos do dia. Pontos que são extremamente utilizados durante determinado período, são praticamente

ignorados em outro. O ponto C1, por exemplo, que tem ao todo 34,4% das ocorrências, acumula a grande parte delas no período vespertino. Este ponto é o espaço de convívio mais antigo dentre os estudados, uma vez que é remanescente das primeiras edificações do campus. Este espaço foi sofrendo alterações ao longo do tempo e hoje é formado por um conjunto de bancos de concreto ao longo das passarelas e uma cobertura de policarbonato que forma um pátio coberto em frente ao Bloco b. A ocupação deste espaço no período vespertino pode ser explicada pela proximidade deste espaço dos ateliês do curso de arquitetura, que funciona neste período do dia.

O ponto C2 faz parte de um conjunto de ações da reitoria para desenvolver os espaços públicos do campus. O ponto é composto por uma pérgula e bancos, tais quais as dos pontos B1 e B3. A taxa de ocorrência ali encontrada foi de 42,2%.

Logo a frente se encontra o ponto C3. Assim como o espaço B2, trata-se de um conjunto de bancos ao longo de uma circulação, próximo a uma escultura. Este espaço foi a princípio pensado para fazer parte do ponto C2, mas a observação simples proporcionou a compreensão de que mesmo, estando próximos, são na verdade espaços diferentes. A taxa de ocorrência de 6,5% comprova isso se comparada a do ponto C2. Este é o lugar que divide com o ponto B3 o posto de menores ocorrências de convívio, considerando os pontos estudados.

O ponto C4 é o ponto de maior amplitude de observação deste estudo. Intencionalmente foi sempre o último a ser observado, pois necessitava de um tempo maior para que se fizesse a leitura por diversas vezes. É composto por uma praça configurada por três edificações e uma passarela coberta que a limitam. Neste espaço existe uma série de nichos que poderiam ser estudados da forma tradicional de mapeamento comportamental, ou seja, com o observador em um ponto fixo. A experiência da observação simples confirmou a possibilidade de tratar deste ponto da mesma forma que os outros. A taxa de ocorrência de convívio encontrada foi de 48,8%.

6.2.2 Ocorrência de convívio e atividades

Foi possível também fazer uma análise da relação entre as ocorrências de convívio e as atividades pré-estabelecidas. Estas relações aparecem na tabela de quantitativos que segue (tabela 2), sendo que a primeira coluna aponta o ponto de observação e os períodos do dia, e nas demais colunas estão listadas as atividades na seguinte ordem: conversando, dormindo, contemplando, ao celular, lendo um livro ou

revista, ao laptop, ouvindo música em fone de ouvido e namorando. Estas atividades aparecem na tabela numeradas de 1 a 8.

Tabela 2 – Relação entre ocorrências de convívio e atividades

		1	2	3	4	5	6	7	8
A1	Manhã	5		1	3		2	1	
	Tarde	2			3				
	Noite	7		2	6				
A2	Manhã	5	4	1	3		2	2	6
	Tarde	4	3	2	3		2	2	2
	Noite	5			3				
A3	Manhã	10		2	6				
	Tarde			1	3				
	Noite	13		2	7			2	
A4	Manhã	5			2				
	Tarde	3		1	3				2
	Noite	7		2	4			1	4
B1	Manhã	6	1	2	9			1	2
	Tarde	2							2
	Noite	7		1	7			3	
B2	Manhã	4			4				
	Tarde	2		2	4			1	
	Noite	5	1	1	2			5	
B3	Manhã				2				
	Tarde				1				
	Noite				3				
C1	Manhã	2			1				
	Tarde	16		1	4				2
	Noite	2		2	1				
C2	Manhã	9			5	2		2	
	Tarde	6		1	4				
	Noite	2		4	3				
C3	Manhã			1	3				
	Tarde								
	Noite			1	1				
C4	Manhã	19		2	3	1			
	Tarde	3		1	4				
	Noite	8			2				

Fonte: Elaborado pelo autor.

Das oito atividades estudadas, seis se caracterizam pela individualidade. Duas pressupõem o contato, a troca, o diálogo presencial, enfim o convívio propriamente dito. As que se define sendo do primeiro grupo são as das colunas 2 a 6. As das colunas 1 e 8, pertencem ao segundo grupo.

Numa contagem absoluta, estes dois grupos aparecem rigorosamente equilibrados, se considerando qualquer margem de erro. As ocorrências do primeiro grupo somam 180 e as do segundo 179.

Como é possível perceber, duas atividades aparecem com uma frequência bem superior as demais. A atividade mais frequente nos espaços de convívio é a conversa presencial, a segunda a conversa ao celular. Das 359 ocorrências de convívio observadas, em 159 a atividade dos usuários era a conversa. A atividade relativa à conversa ao celular aparece em 109 ocorrências.

Este dado reforça o equilíbrio encontrado nos dois grupos de situações em que a forma de utilização do espaço de convívio foi estudada.

Em escala bem inferior a estas duas principais, aparecem as outras atividades cuja somatória das ocorrências alcança 91 observações.

Considerando que num universo de oito atividades, três envolviam a utilização de equipamentos eletrônicos, foi detectado que 37,6% das ocorrências observadas acontecem mediadas por eles.

Por outro viés, é possível fazer uma análise interessante a partir da constatação que um único ponto de observação apresentou frequência de ocorrências maior no período vespertino do que nos demais períodos juntos, o ponto C1.

A proximidade deste lugar em relação aos locais em que acontecem as aulas é certamente um fator relevante, porém neste caso em particular se observa que apesar de estar próximo de dois cursos, Arquitetura e Letras, observa-se uma ampla maioria de ocorrências de acadêmicos do primeiro. Esta afirmação é possível, já que o autor é professor de um destes cursos e conhece praticamente todos os acadêmicos, portanto fica fácil identificar quem faz parte do grupo de um curso e de outros.

Outra situação que merece destaque trata das ocorrências matinais do ponto C4. A praça ali existente pressupõe uma utilização da mesma de maneira intensa. O que ocorre, porém é que um ponto específico do lugar, que nem faz parte da praça propriamente dita, e sim de um corredor do Bloco Z que a configura, foi escolhido por um grupo de funcionárias responsáveis pela higiene do campus, como base de

encontros em seu horário de intervalo. Todas as observações ocorridas neste ponto durante o período matutino são referentes a esta situação. Cabe a busca da compreensão dos porquês da escolha do corredor, e não da praça contígua como ponto de encontro.

6.2.3 Relação entre atividades e comportamentos

Com as observações, foi possível relacionar as atividades aos comportamentos ocorridos durante os percursos. A tabulação destes dados (tabela 3) se distribui em colunas que representam as atividades, utilizando a mesma numeração da tabela anterior e em linhas que representam os comportamentos.

Os comportamentos foram caracterizados por letras que variam de A a G, representando respectivamente os comportamentos que seguem: sozinho, dupla isolada, em que há duas pessoas no espaço, mas estão isoladas entre si; dupla lado a lado, em que há duas pessoas no espaço, aparentemente estão juntas, mas os comportamentos são isolados; dupla, em que há duas pessoas interagindo; grupo simples, em que se percebe um grupo formado; grupos isolados, em que existem grupos totalmente isolados uns dos outros; e finalmente diferentes grupos interagindo.

Tabela 3 – Relação entre atividades e comportamentos

	1	2	3	4	5	6	7	8
A	-	8	25	65	3	5	15	-
B	-	1	5	28	1	-	5	-
C	-	-	3	7	-	1	-	-
D	68	-	-	15	1	-	-	7
E	74	-	-	-	-	-	-	1
F	11	-	-	-	-	-	-	-
G	6	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaborado pelo autor.

Analisando a tabela, confirma-se que as atividades que envolvem interação presencial tendem a acontecer em grupo, perfazendo 57,2% das ocorrências, já em 42,8%, ocorre em duplas.

As atividades que não envolvem a interação presencial tendem a ocorrer quando as pessoas se encontram sozinhas nos espaços. É possível verificar isso em 67,2% dos casos.

Se considerada apenas a atividade de contemplação 75,5% das ocorrências se dão quando a pessoa está sozinha nos ambientes, com 15,1% aparece a situação em que duas pessoas dividem o espaço, mas estão claramente isoladas uma da outra. Em 9,4% dos casos, ocorre a situação de estarem duas pessoas aparentemente juntas num ambiente, porém sem uma interação durante o tempo de observação.

Da mesma forma, quando analisada a atividade ao celular, pode-se confirmar que 59,6% também ocorrem quando a pessoa se encontra sozinha no ambiente observado, enquanto 40,4% quando envolve mais de uma pessoa.

Esta metodologia foi utilizada como ferramenta para descobrir a forma de utilização do espaço de convívio da UNESC, para em conjunto com outros métodos, compreender o processo de apropriação destes espaços pela comunidade acadêmica.

As observações possibilitaram a construção de saberes que dão conta de informar a relação entre as permanências e os fluxos dos ambientes estudados. Estas informações aliadas às informações que tratam de estudar as questões simbólicas e afetivas dos usuários com estes espaços formam o escopo que auxilia a responder o objetivo geral do trabalho.

6.3 AS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

O processo de apropriação do espaço se dá como já foi explicitado, por meio do reconhecimento de uma série de componentes conceituais que o caracterizam: identidade de Lugar, sentimento de pertença, personificação e cultivação.

As entrevistas semi-estruturadas foram analisadas preliminarmente pelos *conceitos chave* também entendidos como *palavras chave*, podendo então dar corpo ao marco teórico que sustenta a pesquisa e posteriormente pela técnica de análise de conteúdo descritas em Bardin (1977 apud GONÇALVES, 2006, p. 36) que afirma que a técnica “Consiste em detectar, no discurso do entrevistado, os conceitos empíricos por ele formulados, relacionados ao objeto de pesquisa”.

A apresentação destes dados se dá a partir dos componentes conceituais acima descritos sendo considerados os *conceitos chave*, a serem investigados nas falas dos entrevistados, buscando alcançar os objetivos da pesquisa.

As entrevistas ocorreram, após a abordagem com os possíveis entrevistados em locais diversos. Aconteceram em salas de aula desocupadas, em locais de trabalho e também nos próprios espaços de

convívio. Em dois, dos três casos em que a entrevista aconteceu nos espaços de convívio, o ambiente descrito pelo entrevistado coincidiu com o que ele estava naquele momento.

Os entrevistados foram identificados de acordo com a sua situação, seja acadêmico, técnico ou professor, e numerados, como medida de resguardo dos seus dados pessoais. Desta maneira aparecem assim nomeados: Acadêmico 1, Técnico 3 e Professor 1, por exemplo.

As entrevistas são transcritas da forma como aconteceram, com as gírias, os equívocos, as faltas de concordância, normais numa situação em que o entrevistado, geralmente é pego de surpresa e não tem muito tempo para articular suas falas.

O que caracterizou as entrevistas foi a concisão dos depoimentos, principalmente dos acadêmicos. Mesmo os entrevistados sendo tranquilizados sobre a finalidade do estudo e da não preocupação com o fato de se esperar respostas corretas, ficou evidente certa tensão, como se estivessem participando de uma prova.

O depoimento dos funcionários, sejam eles técnicos ou professores, foi um pouco mais abrangente. Ficou claro que estes, ao se referirem aos lugares de convívio do campus, apresentaram uma familiaridade maior com a ideia do todo, enquanto os depoimentos dos acadêmicos se restringiam a determinados recortes espaciais ligados aos locais onde estudam.

6.3.1 Identidade de lugar

Ao fazer uso do conceito de identidade articulado às noções de lugar e apego, a Psicologia Ambiental, pôde empreender estudos sobre identidade de lugar e apego ao lugar. Estes conceitos foram desenvolvidos por Proshansky, Fabian e Kaminoff (1983), quando afirmam que inexiste a discussão sobre o papel do ambiente físico na teorização sobre identidade e conceito de *self*.

Pode-se então concluir que no campo interdisciplinar em que atua a Psicologia Ambiental, a identificação com o ambiente implica no sentimento de bem-estar e de familiaridade do sujeito com o seu entorno.

A primeira pergunta da entrevista (Apêndice B) solicita ao entrevistado que fale de sua percepção acerca dos espaços de convívio oferecidos no campus. Ao reforçar a ideia de que o entrevistado fale de percepções, espera-se que nas respostas, seja possível descobrir os indícios de identidade de lugar, emergindo a partir da familiaridade, e de valores positivos sobre o espaço.

A resposta da Acadêmica 1:

“Bom, eu acredito que para mim tá bom, porque tem possibilidades assim, lá na frente tem... como é que a gente diz... é! exposição, pode ter exposição, trazendo informações, é isso? Pode ter lá os pufezinhos, pra poder, pra quem está esperando. Eu acredito que tá bem... bem bom assim a parte da estrutura”.

O depoimento traz embutida uma familiaridade com o ambiente. Quando a acadêmica trata do espaço de exposição da universidade – ponto A1do mapeamento comportamental – com termos do tipo “lá na frente”, pode-se inferir que ela está pressupondo que ambos conhecem o espaço, que ele é tão familiar que não se fazem necessárias grandes explicações para que se saiba de qual lugar está se falando.

Outro detalhe interessante deste depoimento é a maneira informal, pode-se dizer carinhosa, com que a acadêmica se refere ao ponto A2 aqui estudado. Refere-se aos pufes no diminutivo, e foi a única oportunidade em sua fala que ela usou esta modalidade, demonstra apego ao lugar. É importante lembrar que a alusão aos pufes aparece em um contexto de valores positivos. Em que está deixando clara sua posição de que acredita que os espaços oferecidos são bons.

A resposta da Acadêmica 2 foi sucinta, mas não menos esclarecedora:

“Hum, eu acho bom. Tem bastante banquinhos, bastante espaços, pufes... acho bem bom”!

Aqui aparecem as mesmas características de valores positivos e utilização do diminutivo denotando sua familiaridade com os espaços com bancos, onde acontecem as interações. Se não é tão específica em relação a um lugar, demonstra conhecer as possibilidades oferecidas.

O espaço dos pufes tem claramente um valor simbólico importante para os acadêmicos. A ele, é atribuído um valor subjetivo que dá sentido, transformando-o em lugar, identificado e apropriado. Cunha (2008, p. 56), afirma que “quando nossa subjetividade atribui sentido ao lugar, eles se tornam parte de nós mesmos”.

O relato do Acadêmico 5 reforça esta afirmação:

“Bom, para mim isso, tem uma vantagem nisso, sobre a educação física. Então a gente trabalha com as quadras externas, com o ginásio, pista de atletismo, então para mim... lógico, contando as cantinas, espaço na frente da biblioteca, os pufes e tal, tá um espaço bom assim, para convívio, é... assim para conversar, para uma troca de idéias, uma coisa mais informal assim, dentro da universidade está bom”.

Novamente, entre um conjunto truncado de ideias, emerge a qualidade do espaço dos pufes, agora claramente identificado e localizado, e novamente pleno de valores positivos.

Neste depoimento vem à tona um tema de relevância extrema, quando o assunto é o convívio no espaço educacional, principalmente em nível superior, a cantina. As cantinas são sem sombra de dúvidas os lugares em que mais ocorre o convívio, não só na UNESC, mas também em outras universidades.

Em notícia veiculada em mídia eletrônica no ano de 2004, se referindo ao Centro Universitário Belo Horizonte, já se afirmava que: “Cantina Universitária é local de entretenimento para os estudantes”. É um fenômeno cujo entendimento está ligado, tanto aos sentidos mais primordiais do ser humano, mas que podem ser exponenciados pela sociedade de consumo experimentada na modernidade.

Aparecem na maioria dos relatos como no do Professor 2:

“Utilizo com frequência a cantina. É o espaço de convivência mais utilizado por mim”.

Acerca deste assunto vale lembrar que A satisfação das necessidades biológicas ligadas à água, ao descanso, à alimentação e a procriação atribuem valor para a significação dos lugares (TUAN, 1983).

É compreensível então que as organizações e significados atribuídos pelos homens ao espaço e ao lugar se relacionem com os fatores culturais, principalmente os contemporâneos.

Esta afirmação se confirma analisando o depoimento da Acadêmica 2:

“Eu acho boa, porque tem... a gente convive bastante na cantina tanto... não só para comer, se alimentar, mas também a gente conversa bastante, se reúne entre os amigos lá pra conversar. Tem as mesinhas lá então eu acho muito bom. A gente convive mais nas duas, na Verde e na Doce Pão. É muito legal”.

Aqui uma série de ligações pode ser feita. As valências positivas do lugar, reforçadas no início, no meio e no fim do depoimento. A identidade de lugar reforçada pela relação entre as ações de alimentação, convivência entre amigos e determinados lugares, que na fala são nomeados, a Verde e a Doce Pão.

Outro elemento que se sobressai neste depoimento é a citação às “mesinhas”. Novamente o diminutivo aparecendo no sentido de apego. Apego ao objeto mesa, apego ao significado mesa e apego ao símbolo do encontro em torno da mesa.

O apego aos pertences pessoais, o elo afetivo despertado pela ligação entre esses objetos e os rituais familiares que formam a personalidade do sujeito, podem segundo Tuan (idem), estabelecer vínculos entre os valores simbólicos do sujeito e o lugar ou ambiente. A esse fenômeno denomina Topofilia, que de acordo com o autor, desencadeia uma extensão da personalidade de maneira que ao longo do tempo, o sujeito deposita parte de sua vida não somente no seu lar, mas também em outros lugares que agregam significado simbólico a ele.

O encontro com os amigos em torno da mesa pode ser uma referência aos ritos familiares. A família reunida em torno da mesa. Valores que traz da experiência pessoal e que encontra correspondência em outros lugares que não a sua casa.

Ainda sobre a força cãs cantinas como espaços de convívio na universidade, vale ressaltar o depoimento da Professora 1:

“Acredito que hoje os espaços de maior convívio estão nas cantinas. Isso, eu acredito ocorrer pelo hábito da alimentação nos intervalos das atividades da Universidade. As pessoas marcam encontros e costumam estender as conversas para esses ambientes. Os demais ambientes, eu acredito estão em áreas de passagem. Os usuários usam esporadicamente para atividades rápidas, apesar de possuírem bancos que poderiam promover atividades de maior permanência, mesmo que em pequenos grupos. Deveria haver mais espaços que permitissem a reunião de grupos um pouco maiores”.

Faz um relato de observadora, que percebe os movimentos que ocorrem em sua volta. Apresenta uma síntese da situação, mas ainda assim reforça que além da alimentação, existem outros ritos associados a esses lugares. Sem deixar de reconhecer a importância de outros ambientes, salienta o papel das cantinas para o convívio no espaço universitário.

6.3.2 Sentimento de pertença

A segunda busca nos relatos dos entrevistados procurou detectar o sentimento de pertencimento, outro elemento da apropriação considerado *conceito chave*. “Tal sentimento se constrói no processo de identificação com os outros membros do grupo e possibilita a delimitação de fronteiras simbólicas que definem quem está dentro do grupo e quem está fora”. (WEBBER, 1990, apud GALINKIN, 2003 p.157).

É possível encontrar em Leff (2002b, p. 185) o seguinte comentário: “a identidade é representada por significações simbólicas,

relacionadas com práticas sociais que arraigam num ser coletivo, cuja memória viaja no tempo, lançando raízes na terra, no material e no simbólico”.

O que foi detectado no ambiente universitário, ao que se investigaram as entrevistas, foi a presença do *ser coletivo* na maioria das falas.

Este *ser coletivo* emerge quando termos tais como “a gente”, “o pessoal”, “a galera”, substitui a figura do eu indivíduo pela figura do eu coletivo.

O Acadêmico 4, quando perguntado sobre a importância dos espaços de convívio, responde: “*E a importância, pô, o pessoal fica aqui no intervalo, tem que ter um lugar assim na faculdade...*”. Ele fala de uma das cantinas. O lugar que efetivamente domina os discursos sobre o tema espaço de convívio. Interessante perceber como a presença do “pessoal” que remete à ideia da própria pessoa, aqui se refere ao grupo ao qual pertence.

Nesta mesma linha, o Acadêmico 5, ao justificar sua preferência, diz “*Não. Assim, normalmente a galera se reúne e vai tudo para lá no intervalo*”.

Também a Técnica 1, ao ser questionada sobre os espaços de convívio, diz “*É... utilizo pouco assim. Mais é no intervalo do almoço, que a gente pode ficar sentado, conversando né, descansando e tal, no externo né*”.

Como o tema convívio pressupõe a presença do outro, é interessante notar que a necessidade de pertencer a um grupo, aqui aparece diretamente ligada à identidade do lugar. O sujeito se apropriando do espaço através do grupo que pertence.

Outro aspecto do conceito de pertença é levantado por Kaimoti (2009, p.16), “Para o indivíduo se sentir pertencente a um lugar e apropriar-se dele, o corpo é o instrumento chave para essa inserção no mundo o qual trabalha, vivencia, habita e percebe”.

Desta maneira é possível inferir que o sentimento de pertença também se reflete nos depoimentos, pela descrição de situações em que se vivencia o espaço, reforçando esta relação entre o corpo e o lugar.

O diálogo entre o pesquisador e a Técnica 3 exemplifica esta afirmação:

“*Eu gosto da Praça do Estudante*”. “*Algum espaço específico dela*”? “*Esses banquinhos que tem embaixo daquela... não sei como se chama*”. “*Pérgula*”. “*Isso mesmo! É porque dá pra tomar um solzinho ali e é muito bom de conversar*”.

A relação da entrevistada com o lugar está claramente reforçada pela existência dos bancos, objetos que em contato com o corpo criam a ligação com o presente, com o espaço físico real, mas também a pérgula, que nem sempre é tocada, colabora para criar um sentido simbólico que valora aquele espaço como um lugar em que ocorreu a apropriação. A possibilidade de tomar sol, através da pérgula, propicia gerar uma qualidade para o lugar reforçada na fala “... *ali é muito bom de conversar*”.

Finalmente, existe um aspecto do sentimento de pertença que também é marcante nos depoimentos de alguns entrevistados. É o sentimento que divide determinados grupos, separando-os em territórios distintos e trabalhando com valores negativos.

Portal (2010, p.180) argumenta que “a pertença é um lado da moeda, cujo outro é a separação e/ou oposição, com muita frequência alimentando o ressentimento, o antagonismo e o conflito aberto entre os grupos”.

É possível reconhecer esta situação, por exemplo, na fala da Acadêmica 7:

“Vamos ver, é assim ó, por esse bloco, esse bloco ser muito isolado de lá, a gente fica meio carente nessa, nessa parte. Porque a gente só tem aqueles aqui, a cantina e pronto. Acho que lá eles estão melhor servidos, com certeza”.

O fato de o campus apresentar as formas que tem, como o já citado acinturamento de terreno cria a situação que é compreendida por muitos como uma divisão de territórios. Os indícios se mostram quando aparecem na fala as questões referentes ao “nosso” isolamento em relação a “eles”. A fala demonstra um descontentamento com uma situação do outro, e busca resguardo no grupo identificado com aquele lugar para alimentar este descontentamento.

Emerge ainda, dos discursos, a ideia da diferença. De que o outro, que não é como eu, é identificado com alguns lugares aos quais não pertença.

A Técnica 3 diz:

“Ah tá! Agora eu vi que com a criação da Praça do Estudante, melhorou bastante, mas tem alguns espaços que eu acho meio estranhos, por exemplo, os pufes da biblioteca lá, que são pufes... Meio estranhos... Fica todo mundo deitado. Estes espaços eu considero um pouco inadequados, mas as praças, os bancos... Tá ficando bem legal”.

Ao mesmo tempo em que reforça a questão da identidade de lugar e de sentimento de pertença com a Praça do Estudante, como já foi visto acima, reconhece lugares “*estranhos*”, “*inadequados*”.

O fato de haver divergências não pode ser encarado como problema insolúvel. Vale retornar a Portal (idem, p.180-181) e concordar com seu pensamento quando afirma que:

A qualidade de nossa *Presença* e de nossa *Pertença* estará avaliada na proporção de uma relação autêntica que venha a se estabelecer com o Outro, respeitando o que o Outro tem de mais profundo de si mesmo, independente do grupo ou entidade que faça ou venha a fazer parte.

6.3.3 Personificação do lugar

A terceira busca nos relatos dos entrevistados procurou detectar os indícios de personificação, mais um dos elementos da apropriação considerados *conceito chave*. Foi mais difícil alcançar este objetivo pois como já foi dito, a personificação é significada pelas marcas deixadas pelo sujeito. Considerando que o espaço em questão se trata de um espaço que é público, mas com características privadas, a personificação material fica limitada pelas normas e práticas de gestão aplicadas pela administração, e isso se reflete nas falas. Porém se considerarmos que o desejo de transformação destes espaços se aplique à situação, é possível fazer algumas considerações.

Imprescindível citar Proshanski (1976 apud POL, 1996., p. 50) quando diz:

Quando la gente se identifica fuertemente con un espacio tiende a personalizarlo y, frecuentemente, los mismos objetos usados como indicadores o símbolos de la personalidad (real o deseada) de los ocupantes sirven de signos de ocupación.

A vontade de “melhorar” os espaços pode ser encontrada no relato do Acadêmico 6:

“Então, a gente estava até conversando sobre isso, porque tem alguns espaços legais, mas poda ser melhorado sabe. Um lugar onde o pessoal possa sentar e se reunir. Até mesmo no nosso próprio bloco da Arquitetura. Tem ali aquela área entre o Bloco A, B e C, que ele fica ali vazio. Tem aquela cobertura, mais, tem um banquinho ali, fica perdido. O pessoal a maioria das vezes fica próximo daquelas árvores naqueles outros bancos laterais ali. Acho que pode ser melhor trabalhado estes espaços de convívio dentro da UNESCO”.

O depoimento deixa claro que o lugar existe, é reconhecido e apropriado, mas que falta alguma coisa. Esta coisa que falta, na visão do pesquisador substitui a ação física da personificação. As marcas neste caso são simbólicas.

Da mesma forma é possível encontrar na fala da Professora 1 esta vontade de transformar o espaço, o que ao entender do pesquisador indica a personificação:

“Acredito, que com o uso de mobiliário adequado, os acadêmicos poderiam se apropriar também para atividades acadêmicas, como a realização de trabalhos. Isso permitiria que algumas dinâmicas coletivas pudessem ocorrer em áreas externas, especialmente atividades de discussão”.

O que é importante frisar neste depoimento é que a professora reconhece que o espaço é apropriado pelos acadêmicos, ainda assim, acredita que pode melhorá-lo.

É importante salientar que além de buscar a personificação nas repostas, o pesquisador considerou ser válida uma investigação específica pelos espaços de convívio do campus a procura de sinais de personificação.

Uma das marcas mais evidentes pode ser encontrada nos bancos da UNESC. A partir de uma ação do curso de Artes Visuais, foi dada a oportunidade aos acadêmicos de fazerem arte com os bancos. Outro território que está liberado para as ações de personificação são os Centros Acadêmicos, cuja identidade é facilmente reconhecida pela caracterização que cada curso (grupo) dá ao seu espaço.

6.3.4 Cultivação

A quarta busca nos relatos investigou o *conceito chave* *cultivação*.

Lembrando que Gonçalves (2007) afirma que a *cultivação* é resultante de um processo que acumula a identidade de lugar e o sentimento de pertença, e se apresenta através da preservação do mesmo com o intuito de torná-lo aconchegante às suas necessidades.

Apesar de ficar claro para o pesquisador que acontecem os fenômenos de identificação e pertencimento, a *cultivação* não aparece nos depoimentos dos entrevistados.

Pensa-se que o fator decisivo neste aspecto é o de que o espaço não é considerado posse pelos entrevistados. O fato de existir uma administração que cuida e mantém a estrutura física, parece eximir de responsabilidade, a comunidade acadêmica de sua manutenção.

Efetivamente, e diferentemente dos depoimentos, os espaços de convívio da UNESCO não estão depredados, pelo contrário, estão bem cuidados. Vale ressaltar que os pufes, que podem ser considerados frágeis para o uso contínuo, estão todos inteiros após dois anos de utilização. As pérgulas com seus vasos de flores permanecem incólumes, e os bancos gastos pelo uso, mas inteiros e sem pichações sobre a arte neles implantada. Sem dúvida é resultado de um processo de gestão da infra-estrutura, mas não pode ser desconsiderado um processo de cultura, de cuidado, de preservação do ambiente e de suas qualidades.

6.4 A ANÁLISE DOS DESENHOS

Após as perguntas, os entrevistados receberam uma folha (Apêndice C), em que lhes era solicitado que fizessem um desenho do espaço de convívio que mais se identificasse com eles. Recebiam a folha em uma prancheta rígida, além de poderem escolher entre um lápis preto e cinco coloridos: azul, amarelo, verde, vermelho e marrom.

A primeira reação em todos os casos foi o receio pela dificuldade em desenhar. Todos sem exceção se desculparam por não serem bons desenhistas, o que foi rapidamente minimizado pelo pesquisador, informando que a menor das suas preocupações era a da qualidade dos desenhos. Apenas dois dos treze entrevistados utilizaram lápis de cor na composição de seus desenhos.

Curiosamente, apesar das cantinas terem sido as mais identificadas nas entrevistas, não foram as mais desenhadas. O espaço de convívio mais representado nos desenhos foi a pérgula da Praça de Estudante, ponto C2 no estudo do mapa comportamental.

Os desenhos foram analisados através da técnica de análise semiótica que, de acordo com Penn (2006, p.319):

[...] provê o analista com um conjunto de instrumentais conceptuais para uma abordagem sistemática dos sistemas de signos, a fim de descobrir como eles produzem sentido. Muito de sua precisão provém de uma série de distinções teóricas que são captadas através de um vocabulário específico.

Pillar (apud GONÇALVES 2006) propõe três estágios para a leitura da imagem, utilizados neste estudo:

- estágio da descrição: realiza-se uma leitura da imagem construindo uma imagem mental de tudo o que se vê nela. É um exercício de percepção. É um decifrar a linguagem que a imagem inspira em seu contexto que, no caso desse estudo,

- estágio da análise: a análise se dará pela identificação dos significados expressos na imagem. O pesquisador deve identificar todos os componentes que a compõe: o primeiro plano, o plano de fundo, e a dinâmica da imagem. A argumentação para essa identificação é sustentada pelo marco teórico.

- estágio da interpretação: busca-se encontrar o significado da imagem pela atribuição de sentido ao que foi observado anteriormente. Esse significado é identificado no contexto onde a imagem foi produzida.

6.4.1 Acadêmica 1

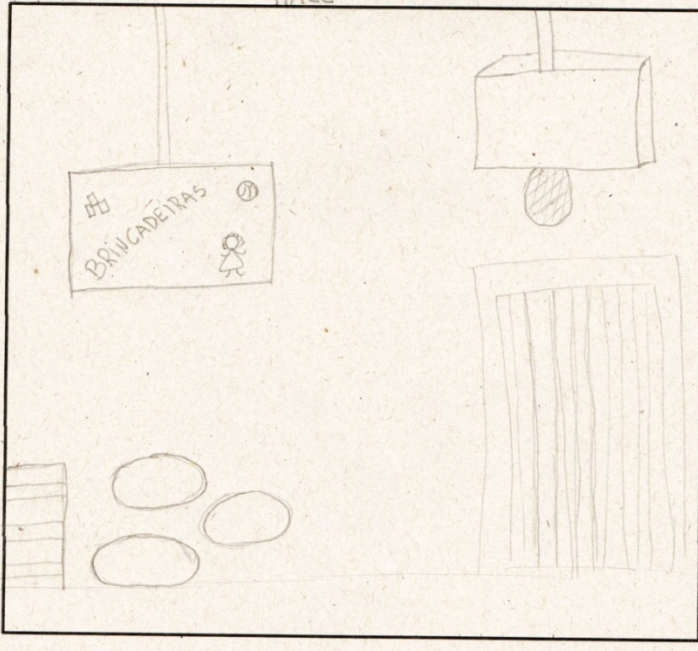
A Acadêmica 1 (figura 18), fez em seu desenho uma composição que uniu dois dos espaços que ela citou como mais significativos em seu depoimento. Estes espaços coincidem com os pontos A1 e A2 do mapeamento comportamental. Do lado esquerdo aparecem os pufes e uma TV de plasma existente no espaço. Do lado direito do desenho, ela representa uma instalação artística que ocorria naqueles dias da entrevista, no Espaço de Exposição da UNESC. Não existem pessoas em seu desenho. A única referência a um ser humano aparece na tela da TV de plasma, junto à palavra “*brincadeiras*”, uma clara alusão ao tipo de instalação que ocorria no outro espaço.

Ao analisar o desenho, é possível afirmar que dividiu sua composição em quadrantes, e dispôs em cada um deles, os objetos que confirma sua identificação com o lugar. Não existe primeiro plano ou plano de fundo, o que pode significar que não há uma preferência entre eles. Tanto quando representa o espaço dos pufes, quanto quando representa o espaço de exposição, faz uma distinção clara dos elementos ligados ao chão aos que vem do alto, e aí se pode inferir a existência da hierarquia.

A interpretação que pode ser feita é que ao coincidir seu depoimento com o desenho, pode estar reforçando que realmente se identifica com estes espaços. A falta de pessoas pode estar refletindo a fala da acadêmica que reconhece que a comunidade não dá o real valor

que deveria a estes espaços como pode ser visto neste diálogo entre ela e o entrevistador:

Figura 18 – Desenho da Acadêmica 1



Fonte: Acadêmica 1

“A importância que eu dou? Eu acho que lá no hall pelo fato da informação, acho que acrescenta informação assim, conhecimento. Cada curso pode expor alguma coisa assim lá na frente, eu acho que é bem importante essa produção. Para os cursos não saber só dos seus cursos, saber de vários. E a outra pergunta? Você percebe que a comunidade acadêmica dá importância a esses espaços? Eu acredito que não. Acredita que não. A grande maioria, eu acho que não. A grande maioria passa despercebido”.

Além disso, ela não se desenhou no lugar, e a explicação pode estar num sentimento de que deveria ir mais vezes nesses lugares, com também pode ser encontrado em suas falas:

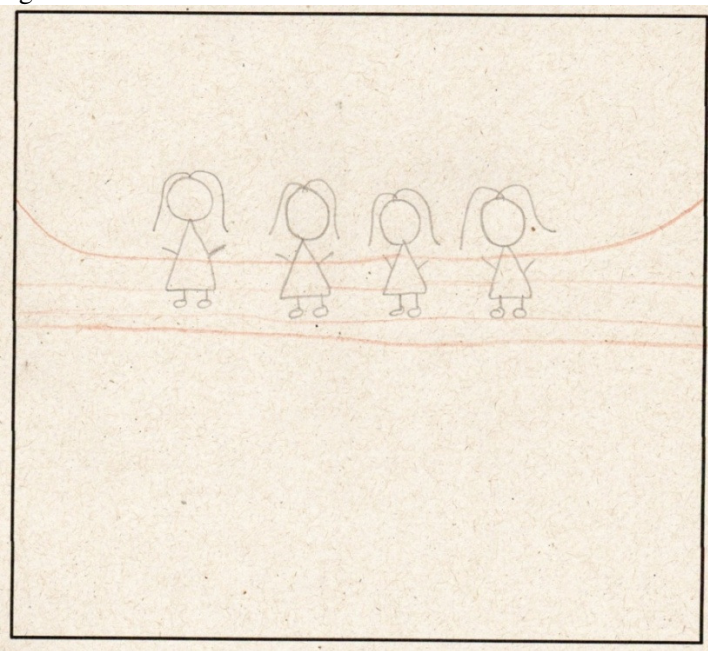
“Eu às vezes vejo as exposições, mas não com tanta intensidade quanto deveria, sabe, com tanta frequência”.

Os símbolos estão presentes pela arte, pela força da tecnologia e pela “descontração irresponsável” dos pufes. É através deles que ocorre a apropriação do espaço pela Acadêmica 1.

6.4.2 Acadêmica 2

A Acadêmica 2 (figura 19) foi uma das entrevistadas em uma área fora do recorte em que foi realizada a observação sistemática do mapeamento comportamental. Seu desenho mostra um espaço de convívio existente no Bloco S, formado por bancos cujo design é definido por vazios que interligam os diferentes pavimentos do bloco.

Figura 19 – Desenho da Acadêmica 2



Fonte: Acadêmica 2

Foi uma das duas ocorrências em que o lápis colorido foi utilizado, fazendo uma diferenciação clara entre o espaço e as pessoas. A composição se restringe a representar as características do banco e as pessoas.

A analisar a composição é possível perceber a horizontalidade como forma marcante da representação. Esta horizontalidade aparece lãs

linhas que definem o chão, o banco, além de estar aparente na disposição lado a lado das pessoas. Existe uma linha curva que coroa o desenho e forma um espaço, define a tridimensionalidade. É como se as pessoas fossem abraçadas por aquele ambiente, podendo significar segurança.

As linhas simples deste desenho não escondem as relações que a acadêmica valoriza na questão referente ao convívio. O grupo, basicamente composto por figuras do sexo feminino, não tem rosto, todas com o mesmo vestido, mesmo cabelo e mesmo calçado. A turma, em que é possível confidenciar seus segredos. Todas ligadas por um fio condutor, que é representado pela linha curva que as une e as envolve passando a ideia de segurança naquele lugar. Fica a pergunta se o que mais importa neste caso é o lugar ou as relações sociais.

6.4.3 Acadêmico 3

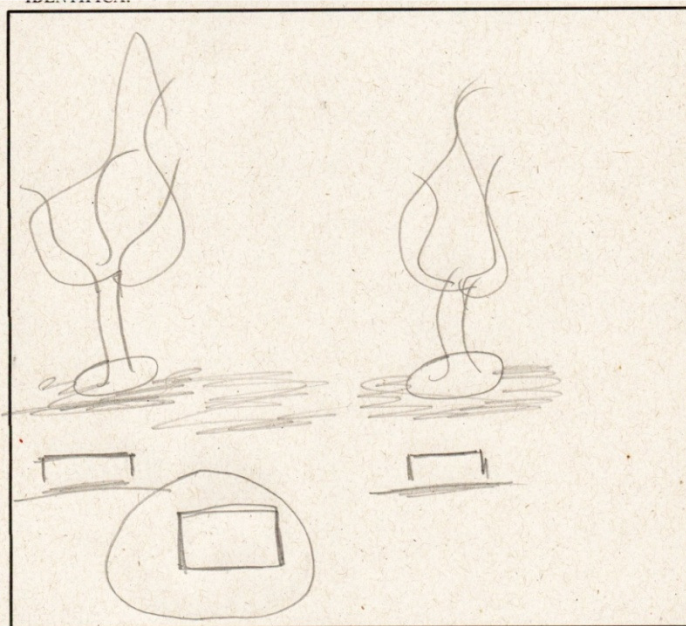
O desenho do Acadêmico 3 (figura 20) faz parte de um grupo que na entrevista diz que o espaço de convívio mais significativo para ele é um e desenha outro. O espaço aqui representado corresponde ao ponto C4 do mapeamento comportamental. O acadêmico é uma dos que afirma no depoimento que o espaço de convívio que mais utiliza é uma determinada cantina, mas sentiu a necessidade de desenhar outro lugar. A composição apresenta duas árvores, dois bancos e um elevado rodeado por um banco que existe no meio da praça e eventualmente alguém o utiliza como palco. Não existem pessoas no desenho, talvez uma confirmação de sua fala que acredita na importância destes espaços abertos, mas reconhece que são pouco utilizados.

“Eu acredito que às vezes eles sejam mal utilizados entendeu, por exemplo, aqui a gente tem um espaço público e ele está sendo mal utilizado. A grande maioria do pessoal se concentra talvez nas lanchonetes que também é um espaço de convívio público”.

O acadêmico 3 ainda arrisca encontrar o motivo para que a escolha se dê pelas lanchonetes quando se questiona e logo em seguida responde:

“Como se dá mais ou menos valor para um espaço público? Eu acredito que primeiro tem que ser atrativo, entendeu. Por exemplo, aqui ele tem a questão da sombra, num dia frio ele não se torna tão atrativo”.

Figura 20 – Desenho do Acadêmico 3



Fonte: Acadêmico 3

Analisando sua composição percebe-se um desequilíbrio, pois mesmo tentando representá-lo, centralizando o “palco” em relação aos bancos e às árvores, o desenho pende para um dos lados, demonstrando um balanço assimétrico.

A interpretação passa por imaginar um sentimento de desconforto em relação à situação. As árvores são representadas de frente, os bancos quase que em corte, e o “palco” em vista superior, que pode indicar as relações de aproximação e distanciamento com cada um dos objetos desenhados.

As árvores em cima e longilíneas em direção ao céu, lembrando os arcos das igrejas góticas e podendo passar uma ideia de reverenciamento.

Chevalier (2005 apud JERÔNIMO, 2007, p. 61) afirma que a árvore tornou-se “um dos símbolos mais ricos e difundidos” podendo simbolizar a vida e a ascensão ao céu.

Os bancos ao centro da composição, mas emoldurando o “palco” aparecem no nível do observador, a realidade e o “palco” envolto por

um cinturão e visto de cima pode representar o distanciamento com aquele objeto. Distanciamento funcional, afetivo e simbólico.

6.4.4 Acadêmico 4

O Acadêmico 4 (figura 21) representou a Cantina Doce Pão, localizada no Bloco XXI-B e próxima ao ponto A4 do mapeamento comportamental. Seu discurso foi sempre direcionado para reconhecer este como seu espaço significativo como pode ser confirmado em seu depoimento:

“Bom, eu utilizo principalmente isso aqui (Cantina Doce Pão) onde estou agora, por exemplo, entre uma prova aí eu... eu trabalho na prefeitura, por exemplo, eu pego às onze horas, pô, fico aqui, fico lendo, se quiser tomar alguma coisa, tem aqui, o pessoal desce da sala, já passa todo mundo aí, batendo um papo... Principalmente aqui, do direito né”?

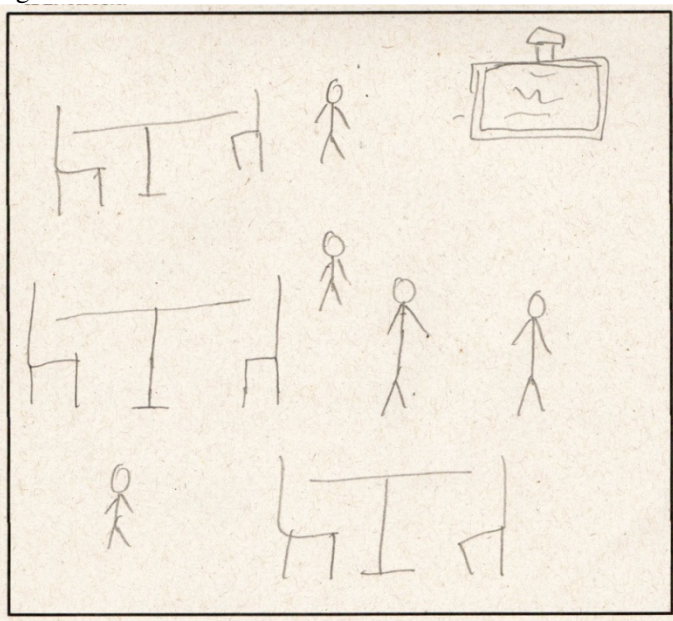
É possível identificar duas situações ao que se relacione o desenho e a fala. A situação do Acadêmico 3 pertencendo ao grupo e também de ele tendo um papel de observador fora do grupo que é ressaltado em sua composição.

O desenho é composto por três conjuntos de mesa e cadeiras, um grupo de pessoas, uma pessoa fora do grupo e uma TV de plasma ligada.

A análise do mesmo possibilita encontrar uma estrutura concêntrica, cujo centro e foco das atenções é a TV. Logo aparecem as pessoas formando um cinturão em torno daquela, as mesas e cadeiras vazias formando o segundo círculo em volta da TV, e finalmente uma pessoa contrapondo a força da TV, mas também se relacionando com ela.

Pode-se interpretar esta imagem como a veneração á tecnologia. A TV como símbolo maior do espaço, centro das atenções. Esta interpretação pode ser reforçada, se for considerado que mesmo estando em uma cantina, as mesas estão vazias. Não há comida. Estão funcionando como um obstáculo que separa o ser solitário do resto do grupo. Não há chão. Não há paredes. Somente objetos e gente.

Figura 21 – Desenho do Acadêmico 4



Fonte: Acadêmico 4

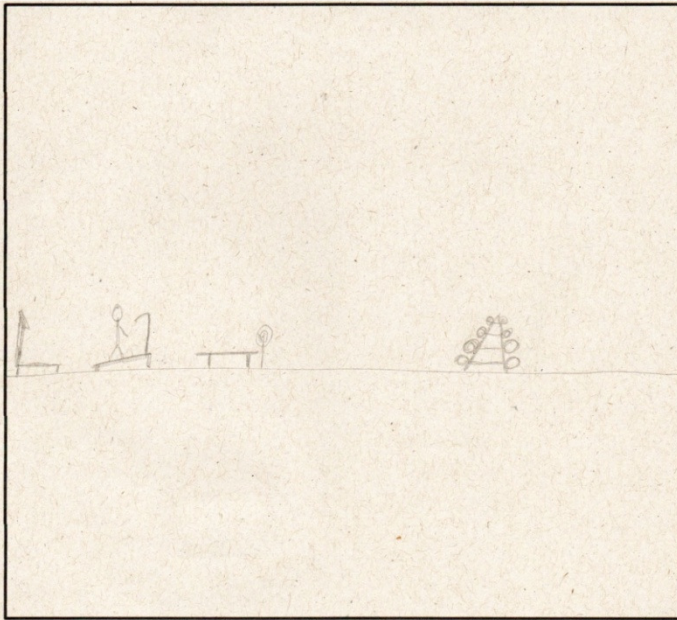
6.4.5 Acadêmico 5

O Acadêmico 5 (figura 22) também pertence ao grupo em fala de um espaço e desenha outro. Ele representou a Academia de ginástica da UNESCO como espaço de convívio que mais se identifica, mesmo tendo sido explicado que espaços como este não faziam parte do estudo. Foi definido não solicitar uma alteração no desenho, pois a ideia era realmente ter a espontaneidade dos entrevistados.

Em suas falas, ele deixa claro que utiliza mais estes espaços do que os aqui estudados, e só com a insistência do entrevistador, lembra da cantina, como pode ser visto:

“Habitualmente o que eu estou utilizando mais assim é a piscina. Não assim para troca de ideias, para convívio, mas isso ajuda também lógico. Até a aula que faço é em grupo”. “Ok, mas tirando estes espaços que podem ser considerados laboratórios ou salas de aula, e a piscina pode ser assim considerado”. “Cantina”.

Figura 22 – Desenho do Acadêmico 5



Fonte: Acadêmico 5

Seu desenho mostra a academia de ginástica através da disposição dos aparelhos lá existentes ao longo de uma linha horizontal. As pessoas, duas, estão utilizando os aparelhos.

A análise da imagem encaminha para uma óbvia estrutura linear, assim como é linear o uso dos equipamentos de ginástica em uma academia. Faz-se o exercício em um aparelho, depois no próximo, e no próximo, e por assim vai até terminar a sessão de exercícios. Apesar de linear, a estrutura do desenho apresenta uma determinada hierarquia que pode ser reconhecida pelo peso dado aos aparelhos, bem próximos entre si do lado esquerdo da composição, e um único aparelho, onde se guardam os pesos, do outro lado da composição. As pessoas se aproximam na esteira.

A linha horizontal que define o chão fica levemente deslocada abaixo do meio do espaço para desenhar, uma possível relação com as proporções reais do espaço da academia.

A interpretação que pode ser feita desta situação é que mesmo se identificando com a cantina como espaço de convívio, não é uma

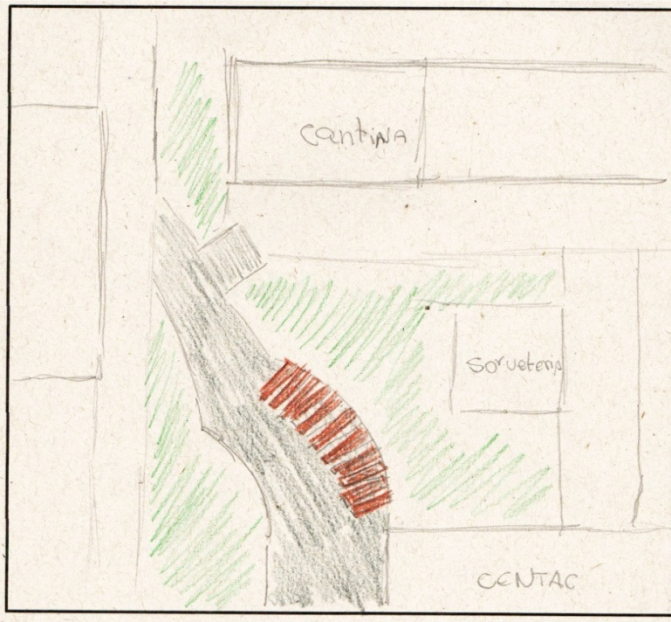
apropriação plena. Seus valores, quando o assunto é o ambiente universitário, são mais acentuados nos espaços de atividade acadêmica.

6.4.6 Acadêmico 6

O Acadêmico 6 (figura 23) é mais um representante do grupo que refere a um espaço, como o que mais utiliza e desenha outro. O acadêmico desenhou a pérgula correspondente ao ponto C2 do mapeamento comportamental.

Foi o segundo dos dois que utilizaram lápis coloridos para sua composição. Seu desenho é elaborado e técnico, característico dos acadêmicos do curso de arquitetura. Procurou definir em uma vista superior a configuração do espaço, seus limites, funções e questões estéticas.

Figura 23 – Desenho do Acadêmico 6



Fonte: Acadêmico 6

O Acadêmico se posiciona fora do espaço. Reconhece-o por alguma razão simbólica, mas não é o seu espaço, como bem descreve em sua fala:

“O que a gente mais utiliza é próximo aos nossos blocos A, B e C, que é aquela parte central que eu falei no começo, que é... nas laterais, ali onde tem os bancos, próximo às árvores. O pessoal sempre se reúne ali naquela região. Acho que pelo fato de estar próximo aos blocos onde a gente utiliza, é o que a gente mais para ali”.

O local a que se refere no discurso é o ponto C1. Lugar que este mesmo acadêmico acredita que precisa de melhorias, como já foi mostrado quando se tratou da personificação do lugar. Fica então a possibilidade da expectativa de ter no espaço por ele apropriado, as características que considera esteticamente adequadas e tornadas significativas por ele.

O desenho mostra um espaço cercado por edificações que são representadas por linhas seus nomes escritos. A pérgula recebe destaque pela forma e pela cor, contrastando com o seu entorno. Não há pessoas.

A composição se dá em uma estrutura concêntrica que é determinada pela pérgula com centro e as edificações a abraçando. A preocupação em retratar o mais fidedignamente possível o espaço é evidente, mas também denota um distanciamento, quase como uma idealização.

Entende-se que é uma situação que mais uma vez reforça a ideia de grupo, de pertencimento a um lugar, mas que reconhece em outro espaço, que poderia ser apropriado pelo grupo, mas não é, as características que gostaria que o “seu” tivesse. É a confirmação da existência de territórios, ligados à proximidade com as salas em que cada curso tem suas aulas.

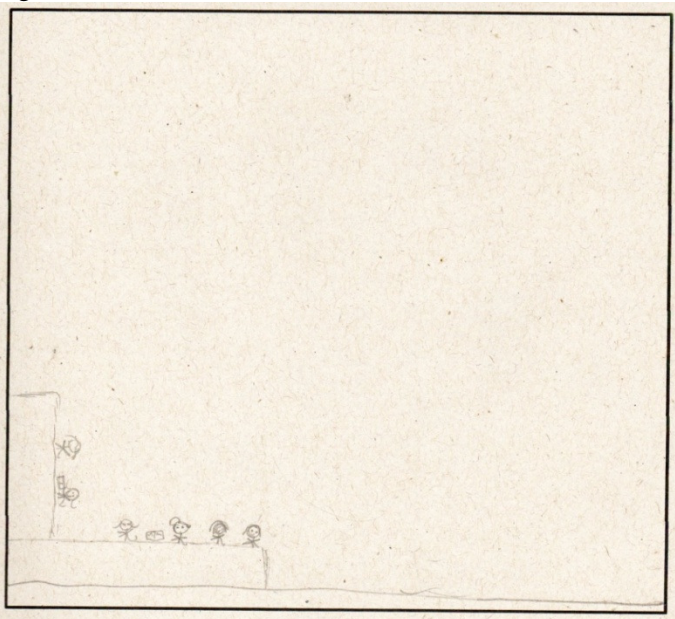
6.4.7 Acadêmica 7

A Acadêmica 7 (figura 24) representou em seu desenho os bancos de alvenaria revestidos de cerâmica que existem no Bloco R, local em que freqüentemente tem suas aulas. Este local ficou fora do recorte do mapeamento comportamental. O que fica evidente no seu desenho e na suas falas é a sensação de estar longe. Longe de onde as coisas acontecem. Longe dos lugares legais, enfim que seu grupo sente-se prejudicado por sua distância do “centro urbano” da UNESC. Sente-se na “periferia” da Instituição como pode ser percebido neste diálogo entre o entrevistador e a acadêmica:

“Pra mim é muito importante porque às vezes a gente termina uma prova, alguma coisa, a gente tem que conversar sobre um assunto, até didático, sobre a matéria e não tem como. A gente tem vinte minutos e a gente não tem como ir lá na biblioteca. Então se tivesse um espaço

aqui, seria muito importante. E eu acho que para o pessoal acadêmico faz bastante falta”. “Então você acha que quem estuda e trabalha aqui nesta região do campus sente mais falta”. “Sente, porque às vezes é vinte para as dez, e não dá tempo. Só dá tempo de levar um livro e não dá tempo de discutir essa parte do trabalho. Só se pegar uma sala vazia, mas não há assim um lugar próprio para isso”.

Figura 24 – Desenho da Acadêmica 7



Fonte: Acadêmica 7

O desenho mostra um espaço em que há um banco no canto ocupado por seis pessoas, aparentemente todas do sexo feminino, e ainda alguns objetos.

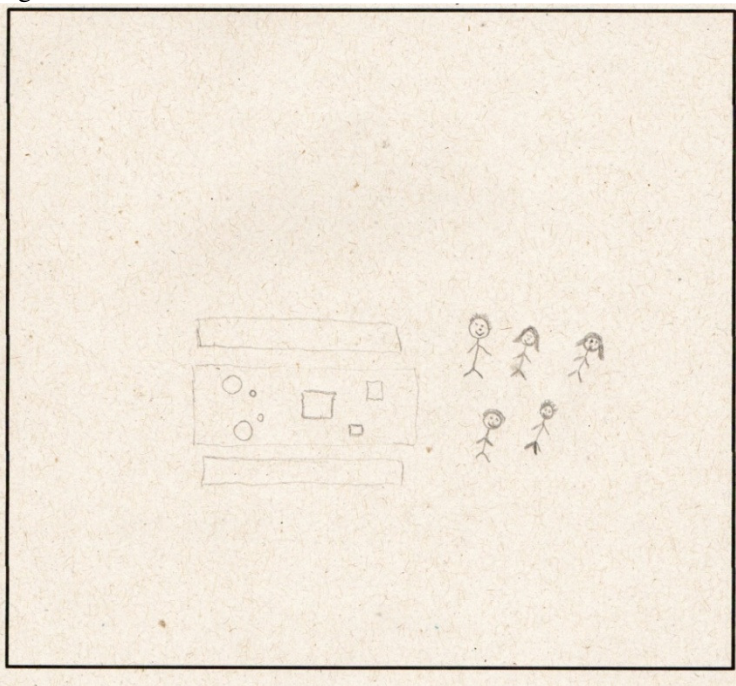
Analisando o desenho pode-se afirmar tratar-se de uma composição que apresenta um forte desequilíbrio. Pode-se afirmar que é uma composição tensa, com o banco desenhado no limite do espaço para o desenho em contraste com o vazio reinante. O banco é representado em vista superior, mas as pessoas que ali estão são desenhadas de frente, tem características que as individualizam. Ainda aparecem objetos, que podem ser livros ou bolsas sobre os bancos.

O grupo ao qual pertence utiliza, reconhece e se apropria deste espaço, mas ambiciona outro, que está longe. E como se o desejo de personificá-lo, de preencher o vazio estivesse latente. A questão do limite é marcante neste desenho.

6.4.8 Acadêmica 8

A Acadêmica 8 (figura 25) representou em seu desenho o espaço daquela que chama de Cantina Verde. É composto por uma mesa vista de cima, contendo objetos que representam a comida e os livros. A mesa está ladeada de dois bancos que são característicos daquela cantina a que ela se refere e também por cinco pessoas, aparentemente duas do sexo feminino e três do sexo masculino. As pessoas estão sorrindo.

Figura 25 – Desenho da Acadêmica 8



Fonte: Acadêmica 8

A fala da acadêmica reforça sua ligação com o lugar:

“Bom, como eu já falei, a gente fica muito ali na cantina verde, por ser mais perto do nosso bloco também. É uma opção. E porque todo mundo fica ali, então a gente, como eu falei, então a gente se reúne ali, tanto para se alimentar, comer e... eu adoro, eu gosto daquela cantina ali, também ali, aquela frase já me anima, que é uma frase ambiental que tem lá.então eu gosto bastante daquela cantina, tanto as outras eu não freqüento”.

Ela o caracteriza com afetividade. A fala é mais representativa do que o desenho, pois é perceptível a presença dos componentes que formam a apropriação do espaço. Existe a identidade de lugar, pois o caracteriza de forma simples, mas com especificidades que só ele tem. Existe o sentimento de Pertença quando identifica uma frase ambiental que a anima naquele ambiente. A personificação pode ser compreendida ao se referir à cantina como “Cantina Verde”, uma vez que esse não é o nome da mesma. Seu nome fantasia é Cantina Universitária. A cultivação pode ser percebida pelos valores positivos que vem em seu comentário.

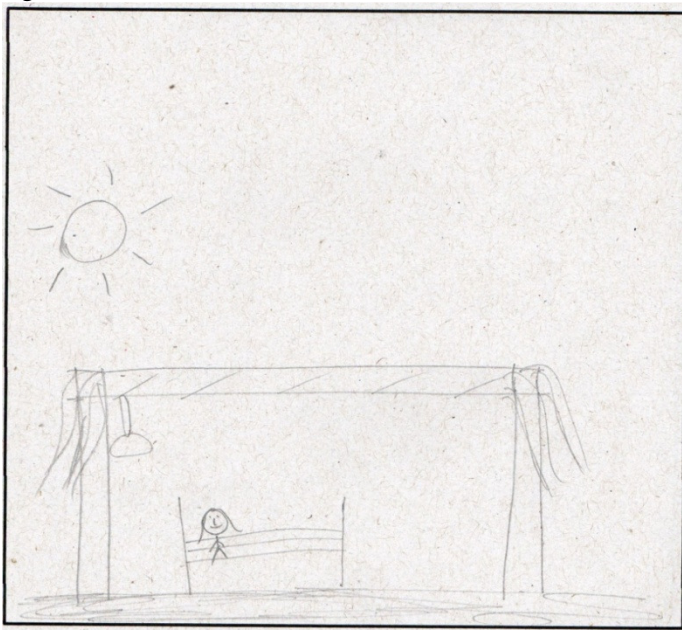
Ao analisar o desenho é possível encontrar uma composição equilibrada, em que os elementos são distribuídos horizontalmente e se encontram levemente deslocados para baixo. As pessoas não estão à mesa que está posta, o que pode confirmar que o espaço serve para outros fins que não só a alimentação.

6.4.9 Técnica 1

A Técnica 1 (figura 26) desenhou o espaço referente ao ponto C2 do mapeamento comportamental. Diferentemente do Acadêmico 6, ela o desenhou de frente, apresentando uma vista da pérgula e representando-a em detalhes. O desenho é composto pela estrutura da pérgula com a vegetação que a cobre, o banco, o vaso pendente, uma pessoa e o sol.

A análise do desenho possibilita perceber uma composição equilibrada com a presença forte do chão para reforçar o espaço como real. A presença do sol e da pessoa que provavelmente é a caracterização da própria entrevistada são fortes indícios da apropriação do espaço.

Figura 26 – Desenho da Técnica 1



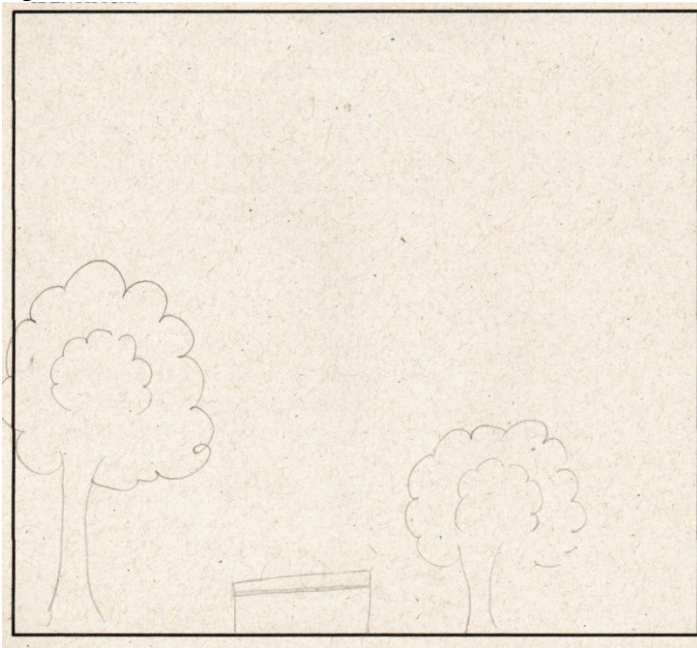
Fonte: Técnica 1

A interpretação que se pode fazer desta composição é a de que o espaço representado aparece protegendo, mas também dando lugar para a amplitude, que é uma forte referência à liberdade. Esta relação pode ser confirmada pela posição da pessoa sob a proteção da pérgula que, todavia é permeável e permite a passagem dos raios de sol. Aí se tem a ideia de conforto, proteção e descanso.

6.4.10 Técnica 2

A Técnica 2 (figura 27) foi um caso isolado entre os demais. Foi a pessoa que em seus depoimentos menos deu mostras de que se apropria dos espaços de convívio. Apesar de trabalhar na Instituição a três anos e meio, teve dificuldade de compreender de quais espaços o estudo tratava, e quando compreendeu, admitiu que não usa nenhum deles.

Figura 27 – Desenho da Técnica 2



Fonte: Técnica 2

Em seu depoimento, ela acha os espaços bons, mas vê problemas, e quando vai falar destes problemas diz o seguinte:

“O problema maior é os estacionamentos, né, principalmente à noite. Muito carro, e pouco lugar para estacionar”.

Quando perguntada sobre qual o espaço que mais utiliza ocorreu o seguinte diálogo:

“Você diz assim, na forma, fora né”? “Sim, os espaços de convivência”. “Então, o que eu uso mais é a biblioteca”... “Não estes ambientes fechados destinados ao estudo”. “Ah! Mais abertos. Não uso”. “Você não usa”? “Não. Eu não uso”.

Em seu desenho, ela representa um espaço aberto, composto por duas árvores ladeando um banco. O espaço de convívio da UNESCO que mais se aproxima destas características é o ponto B2 do mapeamento comportamental, porém a única possibilidade de se pensar que está se referindo a este ponto, é porque fica próximo aos estacionamentos, tão falados por ela e seu local de trabalho. No desenho não existem pontos de orientação, nem pessoas.

Apesar do resultado do desenho seja parecido com o do Acadêmico 3, o que os diferencia é o fato de este tratar de um espaço conhecido, enquanto a Técnica 2, representa um espaço idealizado, pois não há a certeza de se tratar do ponto B2.

A análise possível fica restrita a observações quanto à disposição dos elementos rentes ao limite inferior do espaço para desenhar, e em alguns momentos ultrapassando estes limites.

Fica difícil inferir sobre o sentido das árvores neste espaço, pois considerando que ela não tem familiaridade com ele, elas podem tanto significar ascensão, quanto outro conceito qualquer.

6.4.11 Técnica 3

A Técnica 3 (figura 28) apresenta em seu desenho o mesmo espaço representado pela Técnica 1 e pelo Acadêmico 6. Seu desenho tem características tanto de um quanto de outro. Da colega de trabalho seu desenho se aproxima, pois mostra o espaço na altura do olhar humano, ou seja, está frente a frente com ele. Do acadêmico, seu desenho se aproxima pela elaboração técnica e pela falta de pessoas.

O desenho é feito em perspectiva e desta forma apresenta o primeiro plano e o plano de fundo. Em destaque, à frente está o banco, já compondo o fundo a estrutura da pérgula envolvida por vegetação com flores.

O banco é desenhado com detalhes que o identificam como sendo os do tipo ali utilizados, já a pérgula é representada apenas pelos pilares que servem para estruturá-la.

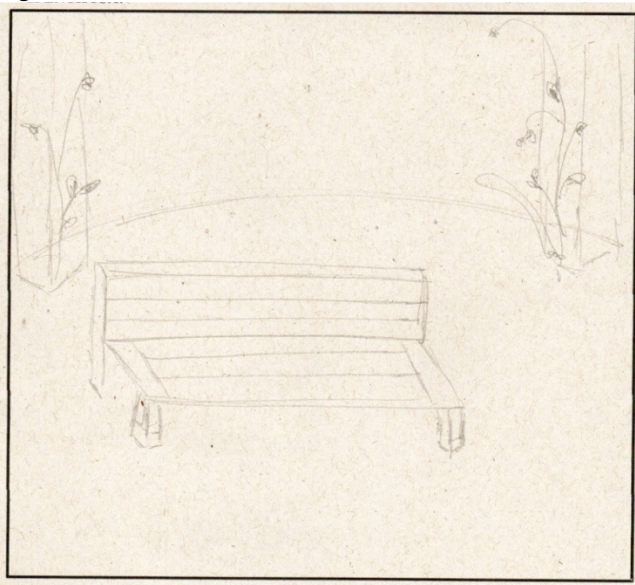
Analisando a imagem, pode-se afirmar que existe uma hierarquia que coloca o banco em evidência, sendo abraçado e de certa forma protegido pela estrutura da pérgula.

Os laços afetivos podem ser encontrados no detalhe das flores que dão um aspecto estético que denota a cultivação, já que as pessoas cuidam daquilo que se identificam, mas este espaço protegido está vazio, o que pode ser compreendido se relacionado com seu relato quando questionada se ela acreditava que a comunidade acadêmica dá importância a estes locais e ela responde:

“Acho que deveria dar mais importância”.

É possível que exista certo incômodo em perceber que um lugar que para ela tem um determinado valor simbólico, a maioria, ainda de acordo com ela, não dá esse mesmo valor.

Figura 28 – Desenho da Técnica 3



Fonte: Técnica 3

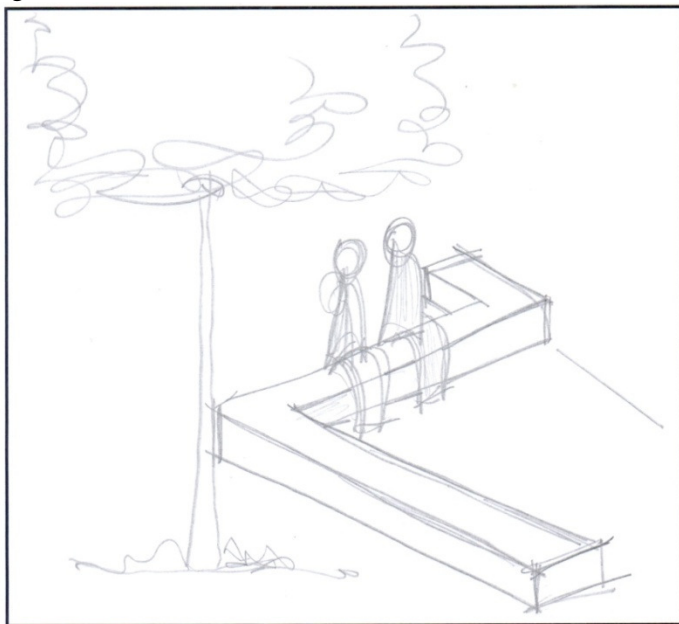
6.4.12 Professora 1

A Professora 1 (figura 29) desenhou o espaço referente ao ponto C1, apesar de reconhecer que utiliza mais a cantina para o convívio. Novamente, assim como em sua fala, aparece o observador, que percebe o que acontece em sua volta, mas não faz parte diretamente daquela situação.

O desenho, apresentado em perspectiva é composto por uma árvore em primeiro plano, um banco e duas pessoas sentadas nele. É uma perspectiva cujo observador está num ponto mais alto, como que conferindo um distanciamento da cena. Volta a corroborar a ideia que ela reconhece a importância do espaço sem contudo ter se apropriado dele.

A análise possibilita dizer que a árvore neste caso, aparece como elemento de proteção, dando um “teto” e sombra aos que utilizam o espaço.

Figura 29 – Desenho da Professora 1



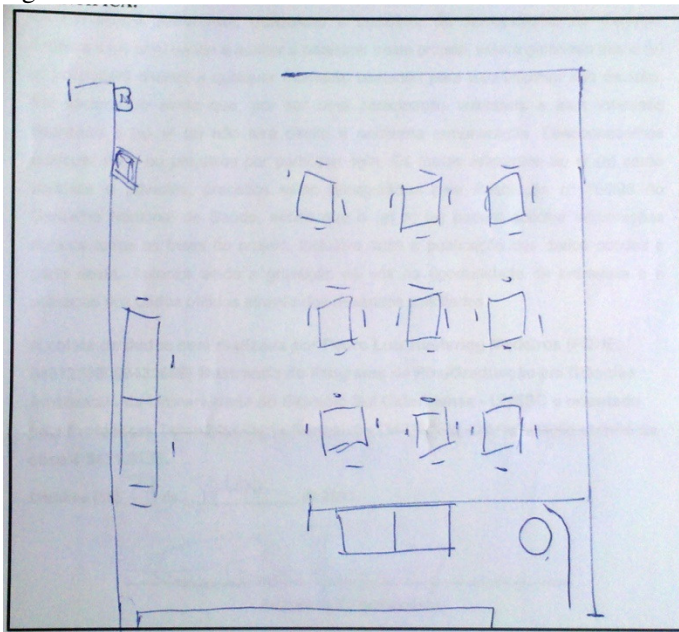
Fonte: Professora 1

6.4.13 Professor 2

O Professor 2 (figura 30) foi um dos que reconheceu a cantina como o espaço de convívio que mais utiliza e a desenhou na forma de uma planta baixa, reforçando suas funções. O desenho é composto pelas paredes que limitam a cantina, um conjunto de mesas e cadeiras vazias e o balcão onde são feitos os pedidos.

Fica evidente a falta de identificação com este espaço pelo professor. A impessoalidade com que representa a cantina impossibilita o reconhecimento de qualquer um dos conceitos chave que definem a apropriação.

Figura 30 – Desenho do Professor 2



Fonte: Professor 2

6.5 UMA ÚLTIMA ANÁLISE

Este estudo não poderia terminar sem que um aspecto importante e já mencionado no corpo teórico fosse tratado. As crises que em diversos âmbitos são percebidas no cotidiano, influenciam o convívio humano. Vive-se como já foi abordado em uma sociedade de consumo, em que a tecnologia atua no modo de vida das pessoas de forma contundente. O mundo virtual, com seus universos paralelos e suas redes sociais que fazem com que se tenham centenas de amigos que não se conhecem, é um fator que altera os costumes, os valores e os símbolos.

O ambiente universitário é por natureza um ambiente dinâmico, aberto à inovação e certamente também influenciador da sociedade. Desta forma procurou-se detectar no discurso dos entrevistados, indícios que pudessem relacionar a apropriação dos espaços de convívio à realidade da presença massiva da tecnologia da comunicação na vida das pessoas.

A última pergunta aos entrevistados questionava-os sobre a influência dos eletrônicos no convívio entre as pessoas. As respostas como era de se imaginar foram na média, ambivalentes. Existe um lado dos entrevistados que reconhece que de alguma forma o uso destas tecnologias afeta o convívio presencial, mas ao mesmo tempo são seduzidos pelas maravilhas que elas possibilitam.

A Técnica 3 diz o seguinte:

“Afetar? Eu acho que prejudicar, eu acho que não. Eu acho que não tem como não afetar, tanto os tipos de relacionamento, quanto o número, mas não prejudica. Acho que as vezes até melhora”.

Está claro em seu discurso que mesmo reconhecendo que afeta, evidencia o fato de que não prejudica.

As respostas geralmente deixam uma sensação que o entrevistado se sentiu em xeque, pois mesmo professores, que tendem a dar um depoimento mais elaborado, ficam divididos, entre o “afeta, mas não prejudica”, ou até no “pode prejudicar, mas tem um lado bom”, como pode ser visto no depoimento do Professor 2:

“Relativo. A tecnologia precisa ser bem adaptada ao uso diário das pessoas, de forma a auxiliar o desempenho. Deve-se ter o cuidado de não se colocar em posição de se tornar refém destas tecnologias. Algumas favorecem o contato entre as pessoas, mas ao mesmo tempo podem gerar um comportamento de distanciamento real entre os mesmos”.

A Professora 1:

“Acredito que mesmo com a tecnologia, as pessoas ainda reservam momentos para atividades coletivas. A tecnologia realmente separa pessoas que não se conhecem. Essas sim evitam o contato e utilizam a tecnologia para isso. Entre colegas e amigos, não acredito que a tecnologia prejudique o convívio”.

São depoimentos que de certa forma denotam uma esperança de que ainda resta espaço para o convívio presencial, em espaços reais.

Por outro lado, aparecem nos discursos dos acadêmicos, mais jovens e mais próximos desta realidade virtual, uma leitura diferente que, no entanto é percebida, mas admitida como natural.

A Acadêmica 1 faz o seguinte relato:

“Eu acho que sim, que dificulta um pouco mais essa coisa de afetividade, de comunicação, entre as pessoas assim. Pessoalmente, sabe. Eu acho que eles usam mais via internet”.

O Acadêmico 3 diz:

“Olha, existem dois lados, por um lado ele é bom, tu tem um momento de socialização, tu conhece mais pessoas, mais lugares. Por

outro, num dia se tu olhar para o lado, todos os jovens com celulares, um do lado do outro e não se falam. Ficam direto nos celulares, ficam ligados no mundo da rede, da tecnologia, mas deixam o contato pessoal, frente a frente, olho no olho de lado, entendeu? Acredito que isso afasta um pouco”.

A clareza com que se manifestam sobre esse ponto levanta uma dúvida sobre o futuro dos espaços presenciais de convívio. Se por um lado reconhecem que a situação de estar em um grupo em que alguém ou vários presentes estão presentes no mundo virtual de seus celulares, *smartphones* ou *laptops* é incômoda, por outro lado só reconhecem estas atitudes nos outros, não nas suas atitudes.

6.6 INTERPRETANDO OS RESULTADOS

Ao se estudar as particularidades do ambiente universitário foi possível descortinar uma série de respostas para os objetivos definidos.

O mapa comportamental possibilitou descobrir a forma de ocupação dos espaços públicos de convívio da UNESC. Foi possível deduzir que estes espaços são utilizados em maior ou menor frequência, primeiramente de acordo com a proximidade em relação aos locais onde os diferentes grupos têm suas aulas. Outro fator que influencia na maior ou menor ocupação é a relação entre quantidade de pessoas que está na Instituição em cada período do dia e sua distribuição pelas diferentes áreas do campus.

As questões estéticas e funcionais dos espaços projetados não são totalmente determinantes para o número de ocorrências, visto que alguns pontos em que se verificaram ocorrências significativas não se caracterizam por terem sido projetados para tal uso, considerando preocupações estéticas e funcionais imaginadas pelos cânones da Arquitetura. Por outro lado, alguns espaços projetados especificamente para isso têm uma frequência quase nula.

Dentre os tipos de atividade que ocorrem nestes espaços, foi possível averiguar que existe um equilíbrio entre as que se desenvolvem com interação entre os usuários e as que se desenvolvem individualmente.

A conversa é a atividade mais frequente encontrada em todos os pontos de observação. Ela acontece de forma presencial preferencialmente, logo seguida pela conversação ao celular, o que reflete as questões tratadas na sessão anterior.

As entrevistas e desenhos possibilitaram compreender mais profundamente como se dá o processo de apropriação do espaço público

de convívio da UNESCO. É possível afirmar que a apropriação ocorre e pode ser reconhecida pelos elementos conceituais que a definem, quais sejam: identidade de lugar, sentimento de pertença, personificação e cultivação.

Ainda que tenha ocorrido esta leitura por parte do pesquisador, fica também evidente que por se tratar de um espaço característico, personificação e cultivação ocorrem em menor escala, além de serem percebidos de maneiras sutis, às vezes subliminarmente.

O espaço em que ficou mais caracterizada a apropriação foi a pérgula com vegetação e bancos existente na Praça do Estudante. Os depoimentos relacionados com os desenhos confirmam a presença dos quatro elementos conceituais aqui estudados para a observação da apropriação.

As cantinas, mesmo sendo os espaços de convívio mais utilizados pela comunidade acadêmica, são os espaços que menos apresentam os sinais de apropriação, excetuado um caso, o da Acadêmica 8.

Ao se comparar os resultados alcançados pelos diferentes métodos aplicados neste estudo, foi possível confirmar que as respostas da observação sistemática empregada para a construção do mapeamento comportamental corroboram as alcançadas na investigação da subjetividade proporcionada pela interação com os entrevistados, se considerado que os espaços em que se verificaram maiores incidências de ocorrências de convívio coincidem com os mais representativos para os entrevistados.

É importante salientar que o estudo possibilitou compreender que o fato de determinado espaço ser muito utilizado, não significa necessariamente que tenha havido a apropriação deste espaço pelos usuários. De toda forma, constatou-se que é importante o diálogo interdisciplinar, no contexto deste mundo em crises, para uma compreensão mais abrangente dos objetos de pesquisa.

7 CONCLUSÃO

Esta dissertação de mestrado se propôs percorrer um caminho complexo, baseado em um diálogo interdisciplinar que envolveu diversas ciências, mas principalmente trabalhou com a interação entre a Arquitetura, área de conhecimento do pesquisador e a Psicologia Ambiental.

A experiência como arquiteto, que atua no local em que a pesquisa se desenvolveu foi decisiva para o aprofundamento do tema unindo o conhecimento das variáveis espaciais existentes aos métodos utilizados para a realização do estudo. A Psicologia Ambiental funcionou como um questionador de dogmas da experiência profissional do arquiteto, evitando o ofuscamento que a disciplinaridade proporciona na busca uma visão mais abrangente do objeto estudado.

A importância de estudar o espaço público de convívio em uma universidade permeia obrigatoriamente a discussão atual das relações entre as pessoas e os espaços nas cidades, suas questões socioambientais e culturais. A vida na modernidade vem rompendo fronteiras que ao mesmo tempo unem e afastam as pessoas, e averiguar se esta situação se reflete neste ambiente, colabora para uma compreensão mais profunda da vida e o espaço em que ela acontece.

As limitações teóricas e práticas que envolveram este estudo não impediram que os objetivos propostos fossem alcançados de maneira satisfatória, e os resultados apresentados certamente podem contribuir tanto na escala macro (conceitual), e colaborar para um entendimento maior sobre o tema, como na escala micro (participativa), e propiciar uma ação profissional colabore para a proposição de espaços mais qualificados para a interação entre o homem e o ambiente em que vive e se relaciona.

Tanto a abordagem qualitativa, quanto a escolha do estudo de caso como método de investigação mostraram-se corretas para trabalhar com os objetivos propostos, possibilitando averiguar a existência e as características do processo de apropriação do espaço na UNESC. As conclusões puderam ser constatadas ao se comparar suas investigações com os resultados de caráter mais quantitativo que foram desenvolvidos com metodologia complementar.

A utilização do mapeamento comportamental no estágio inicial da pesquisa foi de suma importância para o entendimento das dinâmicas e permanências no recorte escolhido. Com estas informações foi possível definir os espaços mais utilizados para determinadas atividades de convívio. Ficou constatado que quando considerados dois dos três

períodos do dia, a pérgula próxima aos estacionamentos de ônibus, o espaço dos pufes em frente à biblioteca e o hall de entrada do Bloco XXI-A são os espaços mais utilizados. Constatou-se também como lugares importantes, a pérgula da Praça do Estudante, o espaço próximo aos Blocos A, B e C, os mais antigos da Instituição e a Praça entre os Blocos P e Z. Estes são bem utilizados em apenas um dos períodos do dia caracterizando certa territorialização dos mesmos por parte de determinados grupos, sejam eles formados por acadêmicos ou técnicos administrativos.

Esta metodologia possibilitou averiguar que existe um equilíbrio referente ao tipo de utilização que é dado a estes espaços. 50,1% das ocorrências envolvem situações em que não acontece a interação presencial entre os usuários, já em 49,9%, os espaços são utilizados por atividades marcadas por uma interação presencial.

A presença de equipamentos eletrônicos mediando as atividades foi percebida em 37,6% das ocorrências, fator que deu força à percepção acerca da influência da realidade virtual na vida contemporânea das pessoas.

Para a averiguação do processo de apropriação dos espaços públicos de convívio da UNESCO, foram utilizadas como técnicas de coleta de dados, a entrevista semi-estruturada e elaboração de desenhos por parte dos entrevistados. A análise dos dados das entrevistas foi feita utilizando a técnica dos conceitos chave, buscando captar no discurso dos entrevistados os conceitos empíricos formulados que se relacionassem com o objeto de estudo. A análise das imagens dos desenhos produzidos pelos entrevistados foi feita utilizando a técnica da análise semiótica, composta pelos estágios da descrição, da análise e da interpretação.

As palavras-chave que nortearam as investigações sobre apropriação do espaço se pautaram pelos componentes conceituais trabalhados na Psicologia Ambiental que são: identidade de lugar, sentimento de pertença, personificação do lugar e cultivação do lugar.

Pôde ser constatado que ocorre a apropriação dos espaços de convívio estudados, pois foi encontrado tanto nos depoimentos, quanto nos desenhos, os indícios que confirmam para esta hipótese. Todavia, diferentemente do processo de apropriação da casa, no espaço público são mais aparentes as relações de identidade de lugar e sentimento de pertença, uma vez que se trata de um ambiente público com características privadas, inibindo o desenvolvimento da personificação e da cultivação.

As entrevistas e os desenhos apontaram uma tendência de maior apropriação do espaço pelos técnicos administrativos, apesar de uma das três entrevistadas ter de destacado como o caso mais evidente de falta de apropriação entre todos os envolvidos. Esta tendência pode ser explicada pela questão de que os funcionários administrativos são os sujeitos que permanecem na Instituição mais tempo durante o dia, muitas vezes lá permanecendo durante o horário de almoço. Geralmente estes funcionários também se caracterizam por um vínculo empregatício que os liga à Instituição por mais tempo, aumentando assim as relações de afetividade com o espaço. Nos outros dois casos, os indícios dos quatro elementos da apropriação estão presentes no discurso.

Entre os acadêmicos a apropriação, quando ocorre, se dá com ênfase em dois dos componentes conceituais, primordialmente a identidade de lugar e o sentimento de pertença. O enraizamento dos acadêmicos, dada a sua condição passageira na universidade é mais efêmero, ainda assim pode ser encontrado em boa parte dos depoimentos.

Os professores pouco se apropriam dos espaços de convívio. Seus depoimentos, talvez característicos da profissão apareçam como relatos de observadores que mantêm um determinado distanciamento do objeto para poder compreendê-lo.

A complementaridade possibilitada pela utilização dos diferentes métodos de coleta de dados teve extrema importância neste estudo, pois a comparação dos resultados de cada metodologia colaborou para a validação de hipóteses que foram sendo desenvolvidas ao longo do trabalho, mais uma das vantagens da abordagem qualitativa.

A comparação dos resultados possibilitou comprovar que grande parte dos espaços apropriados pela comunidade acadêmica coincide com os espaços em que ocorre as maiores incidências de atividades de convívio.

Colaborou para constatar que por mais que as cantinas sejam consideradas os espaços de convívio mais utilizados pela comunidade acadêmica, são também os locais em que menos se encontra os sinais de apropriação, o que não significa que não possam ocorrer, como foi o caso da Acadêmica 8.

Possibilitou a compreensão da diferença entre a utilização e a apropriação do espaço, remetendo a uma reflexão acerca do que diz Gonçalves (2007), quando afirma que quando o sujeito mora em determinado local, ele está exercendo uma ocupação funcional do mesmo, já quando habita um lugar, se apropria dele, estreitando os

vínculos que envolvem as dimensões físicas, simbólicas, emocionais e culturais.

Finalmente possibilitou a confirmação da existência de um sentimento de que há uma crise que permeia as diferentes dimensões do cotidiano. Esta crise, que é global, mas que interfere diretamente na vida particular das pessoas se mostra ao que se reflita sobre a ambigüidade dos depoimentos acerca da influência da tecnologia de comunicação nas relações de convívio. Os relatos evidenciam que se reconhece que o uso destas tecnologias interfere no convívio, por outro lado, eles exercem um deslumbramento tal sobre as pessoas, que resulta em uma acomodação em relação a esta situação.

Fica evidente que este estudo não tem a pretensão de esgotar o tema. Muito pelo contrário, espera-se que possa contribuir para que novos estudos possam acontecer com o intuito de buscar o equilíbrio nas relações que envolvem o homem e o ambiente em que habita. Espera-se que os dados, os resultados e as conclusões possam participar da construção de um corpo interdisciplinar de conhecimento, capaz de compreender e responder de maneira mais abrangente as perguntas que movem este planeta.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, S. L. **Espaço público: do urbano ao político**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008.
- ADOLFATO, E. B. **Interdisciplinaridade como subsídio ao desenvolvimento urbano sustentável**: análise de conteúdo sobre a agenda 21 brasileira. Dissertação de mestrado. PUC – PR. Curitiba, 2007. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_arquivos/15/TDE-2008-04-24T151938Z-800/Publico/Eduardo%20Bolzon%202007.pdf>. Acesso em: 13 out. 2010.
- ALVES, R. F.; BRASILEIRO M. do C. E.; BRITO, S. M. de O. Interdisciplinaridade: um conceito em construção. **Episteme**, Porto Alegre, n. 19, p. 139-148, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://www.ilea.ufrgs.br/episteme/portal/pdf/numero19/episteme19_artigo_alves_brasileiro_brito.pdf>. Acesso em: 13 out. 2010.
- ANDERSON, P. Modernidad y Revolución. In CASULLO, N. **El debate modernidad – posmodernidad**. 2. ed. Buenos Aires: Retórica, 2004.
- ANDRADE, M. M. de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- ARANTES, O. B. F. **O lugar da arquitetura depois dos modernos**. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2000.
- ARDOINO, J. **A complexidade**. In MORIN, E. (org.) A religação dos saberes: o desafio do século XXI, p. 548-558. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- BITENCOURT, J. B. **UNESC, trajetória de uma universidade comunitária**. Criciúma: UNESC, 2011.
- BRANDENBURG, A. Modernidade, meio ambiente e interdisciplinaridade. **Cadernos de desenvolvimento e meio ambiente**, n. 3/96, p. 49-59. Curitiba, 1996.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CASTILLO, J. **Psicologia ambiental, natureza y cultura**. Barcelona: Fundacion Ambiente Total, 2005.

CASTELLO, L. Psicologia Ambiental e Política Ambiental: estratégias para a construção do futuro. **Psicologia USP**, v. 16, n. 1/2, p. 223-236, 2005. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642005000100024&lng=pt&nrm=iso> . Acesso em: 05 ago. 2010.

CORREIA, J. C. **A fragmentação dos espaços públicos: novos desafios ético-políticos**. In Actas do III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO – Volume III, p. 217-225, 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/correia-joao-carlos-a-fragmentacao-do-espaco-publico-novos-desafios-etico-politicos.pdf> > . Acesso em: 07 out. 2010.

ELALI, G. A. Psicologia e arquitetura em busca do lócus interdisciplinar. **Revista Estudos de Psicologia**, v. 2, n. 2, p. 349-362, Natal, 1997.

FERNANDES, O. S. **Crianças no pátio escolar: a utilização dos espaços e o comportamento infantil no recreio**. 2006. 112 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006. Disponível em: <<http://projedata.grupoprojetar.ufrn.br/dspace/handle/123456789/69> > . Acesso em: 12 maio 2012.

FONTES, M. P. Z. **Imagens da arquitetura mental: um estudo sobre a requalificação dos espaços da Casa do Sol, Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira**. Dissertação (Mestrado em 2003). 2003. Folhas. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://bvsm.sau.de.gov.br/bvc/publicacoes/monografias/imagrns_arqui_tura_saude_mental.pdf > . Acesso em: 07 abr. 2012.

FREIRE, J. C.; VIEIRA, E. M. Uma escuta ética de psicologia ambiental. **Psicologia & Sociedade**; v. 18, n. 2, p. 32-37, maio/ago.

2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n2/04.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2010.

FUÃO, F. F. O sentido do espaço. Em que sentido, em que sentido? (parte 1). **Revista Digital Arquitextos**, v. 2, maio, 2004. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.048/582>>. Acesso em: 18 out. 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 19 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GONÇALVES, T. M. Habitação e sustentabilidade urbana. **Revista INVI**, v. 24, p. 113-136, 2009. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=25811558004>>. Acesso em: 14 out. 2010.

_____. **Cidade e Poética**: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano. Ijuí: Unijuí, 2007.

_____. **Ensaio sobre pesquisa qualitativa**. Criciúma, 2006.

_____. Psicologia ambiental. **Revista em ciências da Saúde**, v. 1, n. 1, p. 17-21, Criciúma, 2004.

_____. **O processo de apropriação do espaço através dos modos de morar e habitar o lugar (uma abordagem piso-sócio-ambiental do bairro Renascer/Mina Quatro de Criciúma – SC)**. 2002. 246f. Tese (Doutorado em 2002) – UFPR, Curitiba. 2002.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. 11.ed. Campinas: Papiрус, 2001.

GUIMARÃES, C. M. O. **Espaços públicos ou espaços para o público?** Vitruvius, texto especial 448, 2007. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp448.asp>>. Acesso em: 8 nov. 2009.

GUNTHER, H. Psicologia ambiental no ramo interdisciplinar do conhecimento. **Psicologia USP**, v. 16, n. 1/2, p. 179-183, 2005. Disponível em:

<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S167851772005000100019&script=sci_arttext> . Acesso em 14 out. 2010.

FLORIANI, D. Ciências em trânsito, objetos complexos: práticas e discursos socioambientais. **Ambiente & Sociedade**, v. 9, n. 1, p. 65-80, jan./jun. 2006.

GALINKIN, A. L. Estigma, território e organização social. **Espaço & Geografia**, v. 6, n. 2, p. 151:179, 2003.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 17. ed. São Paulo: Loyola, 1992.

JERÔNIMO, R. N. T. **O processo de apropriação do espaço dos habitantes da comunidade de Ibiraquera em Imbituba – SC**. 2007. 317f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) - UNESC, Criciúma, 2007.

KAIMOTI, N. L. de A. **Paisagens vivenciadas: apropriações públicas dos fundos de vale no município de Bauru – SP**. 2009. 170f. Dissertação (Mestrado em Paisagem e Ambiente) - FAUUSP, São Paulo, 2009.

LEFF, E. **Saber ambiental. sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002a.

_____. **Epistemologia Ambiental**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002b.

LEOPARDI, M. T. **Metodologia da pesquisa na saúde**. Santa Maria: Pallotti, 2002.

MACHADO, D. dos S. C. **Público e comunitário : projeto arquitetônico como promotor do espaço de convivência**. 2009. 144f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2009.

MARTINS, D. G. de M. Análise do espaço e seus elementos na perspectiva de Milton Santos. **Arte e ciências**, abr., 2007. Disponível

em: <<http://www.webartigos.com/articles/1563/1/Analise-Do-Espaco-E-Seus-Elementos-Na-Perspectiva-De-Milton-Santos/pagina1.html#ixzz12eHV1AaO>>. Acesso em: 15 set. 2010.

MARTINS, F. **ONU avalia que a fome no mundo cresceu**. Espaço cidadania, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.metodista.br/cidadania/74/onu-avalia-que-a-fome-no-mundo-cresceu/>> . Acesso em: 18 out. 2010.

MENDONÇA, E. M. S. Apropriações do espaço público: alguns conceitos. **Estudos e pesquisa em psicologia**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, 2007

MENEGAT, E. **Crise urbana na atualidade: indagações a partir do fenômeno da concentração espacial dos pobres em assentamentos ilegais**, in POGGIESE, H.; EGLER T. T. C.. *Otro desarrollo urbano: ciudad incluyente, justicia social y gestión democrática*. CLACSO, Buenos Aires, 2009. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/campus/poggiese/10mene.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2012.

MINAYO, M. C. de S.; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade? **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set., 1993.

MIÑO, O. A. S. **Os espaços da sociabilidade segmentada: a produção do espaço público em Presidente Prudente**. 2004. 221 f. Tese (Doutorado em 2004) - UNESP – Universidade do Estado de São Paulo, 2004.

MIRANDA, A. L.; SELAU, M. da S. **Bairro da Juventude, 50 anos de história: a filantropia na poeira do carvão**. Criciúma: Unesc, 2003.

MONTANER, J.M. **A modernidade superada**: arquitetura, arte e pensamento do séc.XX. Barcelona: Gustavo Gilli, 2001.

MORIN, E.; KERN, A. B. **Terra-Pátria**. Lisboa: Piaget, 1993.

MORIN, E. Os desafios da complexidade. In MORIN, E. (Org.) **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p. 559-567.

MOURÃO, A. R. T.; CAVALCANTE, S. **O processo de construção do lugar e da identidade dos moradores de uma cidade reinventada.** Estudos de Psicologia (Natal), Natal, v. 11, n. 2, p. 143-151, mai-ago. 2006.

NASPOLINI, A. **Criciúma, orgulho de cidade!** Criciúma: Editora do Autor, 2000.

NEVES, J. L. Pesquisas qualitativas – características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração.** São Paulo, v. 1 n. 3, 2.Sem., 1996.

NORBERG-SCHULZ, C. **Existence, space & architecture.** London: Studio Vista, 1972.

OLIVEIRA, S. L. de O. **Tratado de Metodologia Científica: projetos de pesquisas, TGI; TCC, monografia, dissertações e teses.** 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

ORNSTEIN, S.W. Arquitetura, urbanismo e Psicologia Ambiental: uma reflexão sobre dilemas e possibilidades da atuação integrada. **Psicologia USP,** São Paulo, v.16, n. 1/, p.155-165, 2005.

PENN, G. Análise semiótica de imagens paradas. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Petrópolis: Vozes, 2002.

PINHEIRO, J. Q.; ELALI, G. A.; FERNANDES, O. S. Observando a interação pessoa-ambiente: vestígios ambientais e mapeamento comportamental. In: PINHEIRO, J. Q.; GÜNTHER, H. (Org.). **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. páginas

POL, Enric. A gestão ambiental, novo desafio para a psicologia do desenvolvimento sustentável. **Estudos de Psicologia,** v. 8, n. 2, p. 235-243, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n2/19039.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2010.

_____. La apropiación Del espácio. In: IÑIGUEZ, & Pol (Org), **Cognicion, representacion y apropiación Del espacio**. Barcelona: Universitat de Barcelona Publicacions, 1996.

PORTAL, L. L. F. Ser e pertencer – consequências de uma inter-relação. **Revista Científica trajetória Multicursos**, Osório, v. 2, n. 2, p. 179-188, dez. 2010.

PROSHANSKI, H. M. **Apropiación et non apropiación de l' espace**. 1976.

PROSHANSKI, H. M.; FABIAN, A. K.; KAMINOFF, R. Place-identity: physical world socialization of the self. **Journal of Environmental Psychology**, v. 3, n. 1, p. 57-83. 2003. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/journal/02724944/3/1>>. Acesso em: 07 jun. 2012.

SANTOS, M. Sociedade e espaço: formação espacial como teoria e como método. **Antípode**, v. 9, n. 1, jan./fev. 1977. Disponível em: <http://www.arq.ufsc.br/urbanismoV/artigos/artigos_sm02.pdf>. Acesso em: 17 out. 2010.

_____. **A Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANSOT, P. **Poética de La Ville**. Paris: Armand Colin, 1996.

SENNETT, R. **O declínio do homem público**. São Paulo: Companhia das Letras, 1974.

TASSARA, E. T. de O.; RABINOVICH, E. P. Perspectivas da psicologia ambiental. **Estudos de Psicologia** Natal, v. 8, n. 2, p. 339-340. Ago. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2003000200018&script=sci_arttext>. Acesso em: 07 ago. 2010.

TREVISOL, J. V. Educação ambiental em uma sociedade de risco. Tarefas e desafios na construção da sustentabilidade. Cap. 2. Joaçaba: UNOESC, 2003.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar: a perspectiva de experiência.** São Paulo: Difel, 1983.

VALADARES, J. C. Qualidade do espaço e habitação humana. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro , v.5, n.1, p.83-98, 2000.

VALERA, S.; POL, E. El concepto de identidad social urbana: una aproximación entre la psicología social y la psicología ambiental. **Anuário de Psicología**, v. 62, n. 3, p. 5-24. 1994. Disponível em: <http://www.ub.es/dppss/psicamb/1_Anuario.pdf>. Acesso em: 15 out. 2010.

WANDSCHEER, R. **Uma entre seis pessoas passa fome no mundo, diz estudo alemão.** Deutsche Welle, Bonn, 11 out 2010. Disponível em: <<http://www.dw-world.de/dw/article/0,,6102022,00.html>>. Acesso em: 18 out. 2010.

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido do participante



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Estamos realizando uma pesquisa intitulada “**A apropriação do espaço público de convívio no ambiente universitário: Um estudo de caso com olhar interdisciplinar sobre a UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Em Criciúma - SC**”. O (a) sr(a), foi plenamente esclarecido de que participando deste projeto, estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como um dos objetivos **investigar a forma de inserção da arquitetura no contexto da pesquisa interdisciplinar na perspectiva da Psicologia Ambiental, utilizando o conceito de Apropriação do Espaço**. Embora o (a) sr(a) venha a aceitar a participar neste projeto, estará garantido que o (a) sr (a) poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o (a) sr (a) não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os dados referentes ao sr (a) serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, sendo que o (a) sr (a) poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta. Autoriza ainda a gravação da voz na oportunidade da entrevista e a utilização dos dados obtidos através dos desenhos solicitados.

A coleta de dados será realizada por Pedro Luiz Kesting Medeiros (FONE: 34312708/ 99433669) Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC e orientado pela Professora Teresinha Maria Gonçalves (34312588). O telefone do comitê de ética é 3431.2723.

Criciúma (SC) ____ de _____ de 2012.

Assinatura do Participante

APÊNDICE B – Modelo da entrevista semi-estruturada

Procedimento de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense com vista à obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais com o título:

A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO DE CONVÍVIO NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO: UM ESTUDO DE CASO COM OLHAR INTERDISCIPLINAR SOBRE A UNESC – UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE, EM CRICIÚMA – SC

Pesquisador: Pedro Luiz Kesting Medeiros

Orientadora: Prof^a. Dra. Teresinha Maria Gonçalves

Modelo de entrevista semi-estruturada

Apresentação: Esta entrevista vai fazer parte da pesquisa acima descrita e sua participação é muito importante para esta realização. Solicito o obséquio de responder as questões e fazer o desenho solicitado. Após a transcrição apresentarei o resultado para que haja a autorização da utilização de seus comentários no trabalho.

Data:

Entrevistador: Pedro Luiz Kesting Medeiros

Nome do entrevistado:

Situação: () acadêmico () professor () técnico administrativo

Tempo de UNESC:

Período que permanece mais tempo na UNESC: () m () t () n

Questão 1: Estamos estudando os espaços públicos de convívio, portanto excluímos deste estudo as salas de aula, os laboratórios e as salas administrativas. Gostaríamos de saber a sua percepção sobre estes espaços oferecidos na UNESC.

Questão 2: Gostaríamos de saber que importância você dá à presença destes espaços na Instituição, e como percebe o grau de importância dada a eles pela comunidade acadêmica em geral.

Questão 3: Gostaríamos de saber como você se relaciona com os espaços de convívio da UNESC, se utiliza algum de forma mais freqüente, e algum comentário que justifique esta escolha.

Questão 4: O ambiente universitário é diretamente influenciado pelas novidades tecnológicas, pelo uso e equipamentos que podem individualizar as atitudes, que acompanham as pessoas a qualquer lugar. Gostaríamos de saber sua expectativa sobre como esta afirmação afeta o convívio entre as pessoas.

APÊNDICE C – Modelo para confecção de desenho

Procedimento de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense com vista à obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais com o título:

A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO DE CONVÍVIO NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO: UM ESTUDO DE CASO COM OLHAR INTERDISCIPLINAR SOBRE A UNESC – UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE, EM CRICIÚMA – SC

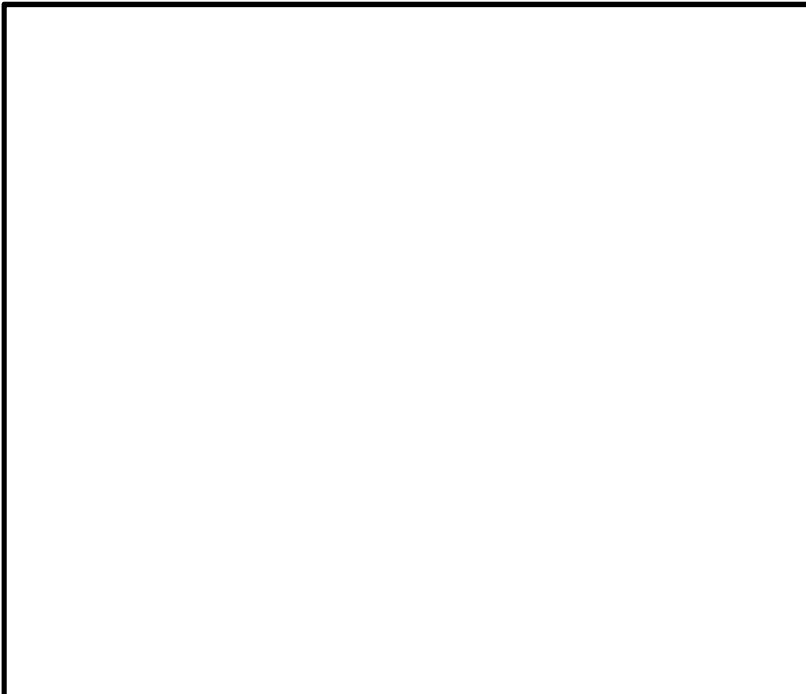
Pesquisador: Pedro Luiz Kesting Medeiros

Orientadora: Prof^ª. Dra. Teresinha Maria Gonçalves

DESENHO

NOME:

DESENHE O ESPAÇO DE CONVÍVIO DA UNESC QUE VOCÊ MAIS SE IDENTIFICA:



APÊNDICE D – Ficha de observação Sistemática

UNESC – UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS

Pesquisa:

**A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO DE CONVÍVIO NO AMBIENTE
 UNIVERSITÁRIO: UM ESTUDO DE CASO COM OLHAR INTERDISCIPLINAR
 SOBRE A UNESC – UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE,
 EM CRICIÚMA – SC**

MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL CENTRADO NO LUGAR

FICHA DE OBSERVAÇÃO

Pesquisador:

Data ___/___/2012

Hora _____

Ficha nº _____














Percurso (___)

Ponto (___)

Q (___)

A (___)

F (___)

	blabla	ZZZ						
								
								
								
								
								
								
								

Em pé *

Sentado **

Observações:

APÊNDICE E – Aprovação do Comitê de Ética



Universidade do Extremo Sul Catarinense UNESC
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

Resolução

Comitê de Ética em Pesquisa, reconhecido pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)/Ministério da Saúde analisou o projeto abaixo.

Projeto: 34804/2012

Pesquisador:

TERESINHA MARIA GONÇALVES

Título: "A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO DE CONVÍVIO NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO: UM ESTUDO DE CASO COM OLHAR INTERDISCIPLINAR SOBRE A UNESC: UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE, EM CRICIÚMA - SC".

Este projeto foi Aprovado em seus aspectos éticos e metodológicos, de acordo com as Diretrizes e Normas Internacionais e Nacionais. Toda e qualquer alteração do Projeto deverá ser comunicado ao CEP. Os membros do CEP não participaram do processo de avaliação dos projetos onde constam como pesquisadores

Criciúma, 13 de junho de 2012.

Mágada T. Schwalm

Coordenadora do CEP

APÊNDICE F – Transcrição da entrevista Acadêmica 1

Criciúma, 28 de junho de 2012.

Entrevista

Ficha Técnica

Entrevistador: Pedro Luiz Kesting Medeiros

Entrevistada: Acadêmica 1

Local da Entrevista: UNESC

Transcrição: Pedro Luiz Kesting Medeiros

Entrevista Semi- estruturada

Situação: (x) acadêmico () professor () técnico administrativo

Tempo de UNESC: 1 ano e meio

Período que permanece mais tempo na UNESC: (x) m () t () n

Entrevistador: Estamos estudando os espaços públicos de convívio, portanto excluímos deste estudo as salas de aula, os laboratórios e as salas administrativas. Gostaríamos de saber a sua percepção sobre estes espaços oferecidos na UNESC.

Entrevistada: Bom, eu acredito que para mim tá bom, porque tem possibilidades assim, lá na frente tem, como é que a gente diz... é, exposição, pode ter exposição, trazendo informações, é isso? Pode ter lá os pufeziños, pra poder, pra quem está esperando. Eu acredito que tá bem... bem bom assim a parte da estrutura.

Entrevistador: Gostaríamos de saber que importância você dá à presença destes espaços na Instituição, e como percebe o grau de importância dada a eles pela comunidade acadêmica em geral.

Entrevistada: A importância que eu dou? Eu acho que lá no hall pelo fato da informação, acho que acrescenta informação assim, conhecimento. Cada curso pode expor alguma coisa assim lá na frente, eu acho que é bem importante essa produção. Para os cursos não saber só dos seus cursos, saber de vários. E a outra pergunta?

Entrevistador: Você percebe que a comunidade acadêmica dá importância a esses espaços?

Entrevistada: Eu acredito que não.

Entrevistador: Acredita que não.

Entrevistada: A grande maioria passa desapercibido.

Entrevistador: Gostaríamos de saber como você se relaciona com os espaços de convívio da UNESCO, se utiliza algum de forma mais frequente, e algum comentário que justifique esta escolha

Entrevistada: Então, eu às vezes vou lá e vejo. Vou focar mais naquela parte lá. Eu as vezes vejo as exposições, mas não com tanta intensidade quanto deveria, sabe, com tanta frequência. Mas eu vejo assim, algumas formas me acrescentam bastante. Algumas coisas, para mim possibilitam ver outros conhecimentos de outros cursos, outras coisas assim. Mas eu acho que eu poderia me intensificar mais.

Entrevistador: O ambiente universitário é diretamente influenciado pelas novidades tecnológicas, pelo uso e equipamentos que podem individualizar as atitudes, que acompanham as pessoas a qualquer lugar. Gostaríamos de saber sua expectativa sobre como esta afirmação afeta o convívio entre as pessoas.

Entrevistada: Ai ai, ai, Eu acho que fica mais fácil a disponibilidade de acesso assim de conhecimento, de... porque a universidade é um lugar onde a gente adquire conhecimento, então a UNESCO proporciona esse acesso facilitado, para que as pessoas possam acessar o conhecimento. Então essa rede que tem wi-fi, essas coisas assim, eu acho que é um facilitador para...

Entrevistador: Para o conhecimento.

Entrevistada: Exatamente.

Entrevistador: Mas e em relação ao convívio, por exemplo...

Entrevistada: Das pessoas assim?

Entrevistador: Exato, tu achas que existe algum tipo de afetação, eu deixo de conversar mais com o meu colega para ficar no...

Entrevistada: Eu acho que sim, que dificulta um pouco mais essa coisa de afetividade, de comunicação, entre as pessoas assim. Pessoalmente, sabe. Eu acho que eles usam mais via internet.

APÊNDICE G – Transcrição da entrevista Acadêmica 2

Criciúma, 03 de julho de 2012.**Entrevista****Ficha Técnica****Entrevistador:** Pedro Luiz Kesting Medeiros**Entrevistada:** Acadêmica 2**Local da Entrevista:** UNESC**Transcrição:** Pedro Luiz Kesting Medeiros**Entrevista Semi- estruturada****Situação:** (x) acadêmico () professor () técnico administrativo**Tempo de UNESC:** 1 semestre**Período que permanece mais tempo na UNESC:**(x) m () t () n

Entrevistador: Estamos estudando os espaços públicos de convívio, portanto excluímos deste estudo as salas de aula, os laboratórios e as salas administrativas. Gostaríamos de saber a sua percepção sobre estes espaços oferecidos na UNESC.

Entrevistada: Hum, eu acho bom. Tem bastante banquinhos, bastante espaços, pufes... acho bem bom!

Entrevistador: Gostaríamos de saber que importância você dá à presença destes espaços na Instituição, e como percebe o grau de importância dada a eles pela comunidade acadêmica em geral.

Entrevistada: Ah, eu acho bem importante, até porque quando está na sala de aula assim, não agüenta mais aquela aula, tu vai ali, senta no pufe, conversa um pouco, distrai, descansa um pouco, eu acho bem importante e acho que todo mundo dá bastante importância para isso.

Entrevistador: Gostaríamos de saber como você se relaciona com os espaços de convívio da UNESC, se utiliza algum de forma mais freqüente, e algum comentário que justifique esta escolha.

Entrevistada: Ah, onde a gente mais fica é naqueles banquinhos ali do terceiro piso, porque é perto da sala que a gente estuda.

Entrevistador: Ah, então a proximidade com a sala e a praticidade é o que interfere nesta escolha?

Entrevistada: É!

Entrevistador: O ambiente universitário é diretamente influenciado pelas novidades tecnológicas, pelo uso e equipamentos que podem individualizar as atitudes, que acompanham as pessoas a qualquer lugar. Gostaríamos de saber sua expectativa sobre como esta afirmação afeta o convívio entre as pessoas.

Entrevistada: Eu acho que não, eu acho que só aproxima mais as pessoas...

Entrevistador: E porque que tu acreditas nisso?

Entrevistada: Ah, as redes sociais, por exemplo, o notebook... se não fosse elas, dificilmente tu falaria com as pessoas, tu ia ligar, gastava, então ali é uma coisa de graça, fala sobre o trabalho, interage. Acho que é isso.

APÊNDICE H – Transcrição da entrevista Acadêmico 3

Criciúma, 02 de julho de 2012.**Entrevista****Ficha Técnica****Entrevistador:** Pedro Luiz Kesting Medeiros**Entrevistada:** Acadêmico 3**Local da Entrevista:** UNESC**Transcrição:** Pedro Luiz Kesting Medeiros**Entrevista Semi- estruturada****Situação:** (x) acadêmico () professor () técnico administrativo**Tempo de UNESC:** 1 ano e meio**Período que permanece mais tempo na UNESC:**(x) m () t () n

Entrevistador: Estamos estudando os espaços públicos de convívio, portanto excluímos deste estudo as salas de aula, os laboratórios e as salas administrativas. Gostaríamos de saber a sua percepção sobre estes espaços oferecidos na UNESC.

Entrevistado: Minha percepção sobre os espaços públicos... eu acredito que as vezes eles sejam mal utilizados entendeu, por exemplo aqui a gente tem um espaço público e ele está sendo mal utilizado. A grande maioria do pessoal se concentra, talvez nas lanchonetes que também é um espaço de convívio público, e as vezes na área de estacionamento.

Entrevistador: Gostaríamos de saber que importância você dá à presença destes espaços na Instituição, e como percebe o grau de importância dada a eles pela comunidade acadêmica em geral.

Entrevistado: Como se dá mais ou menos valor para um espaço público? Eu acredito que primeiro tem que ser atrativo, entendeu. Por exemplo, aqui ele tem a questão da sombra, num dia frio ele não se torna tão atrativo. Uma outra questão talvez seja as lanchonetes sejam mais atrativas, em questão, ali o público se reúne, coisa e tal... poderia repetir o início da pergunta?

Entrevistador: saber a importância que você dá a presença destes espaços...

Entrevistado: Ah não, eles são totalmente importantes assim, além de o acadêmico estudar, ele tem que ter um espaço para conviver com os outros acadêmicos, discutir e esses espaços são bem interessantes para isso.

Entrevistador: Gostaríamos de saber como você se relaciona com os espaços de convívio da UNESC, se utiliza algum de forma mais freqüente, e algum comentário que justifique esta escolha

Entrevistado: Olha, o que eu mais utilizo com freqüência são as lanchonetes, ali para a questão da alimentação, e também ali pra ficar trocando idéias discutindo com os amigos...

Entrevistador: A lanchonete ainda é onde se encontra mais as pessoas...

Entrevistado: É isso mesmo.

Entrevistador: tem alguma específica que mais utiliza?

Entrevistado: A cantina verde aqui.

Entrevistador: Por quê?

Entrevistado: É mais perto assim das salas de aula.

Entrevistador: O ambiente universitário é diretamente influenciado pelas novidades tecnológicas, pelo uso e equipamentos que podem individualizar as atitudes, que acompanham as pessoas a qualquer lugar. Gostaríamos de saber sua expectativa sobre como esta afirmação afeta o convívio entre as pessoas.

Entrevistado: Olha, existem dois lados, por um lado ele é bom, tu tem um momento de socialização, tu conhece mais pessoas, mais lugares. Por outro, num dia se tu olhar para o lado, todos os jovens com celulares, um do lado do outro e não se falam. Ficam direto nos celulares, ficam ligados no mundo da rede, da tecnologia, mas deixam o contato pessoal, frente a frente, olho no olho de lado, entendeu? Acredito que isso afasta um pouco.

APÊNDICE I – Transcrição da entrevista Acadêmico 4

Criciúma, 02 de julho de 2012.**Entrevista****Ficha Técnica****Entrevistador:** Pedro Luiz Kesting Medeiros**Entrevistada:** Acadêmico 4**Local da Entrevista:** UNESC**Transcrição:** Pedro Luiz Kesting Medeiros**Entrevista Semi- estruturada****Situação:** (x) acadêmico () professor () técnico administrativo**Tempo de UNESC:** 3 anos**Período que permanece mais tempo na UNESC:**(x) m () t () n

Entrevistador: Estamos estudando os espaços públicos de convívio, portanto excluímos deste estudo as salas de aula, os laboratórios e as salas administrativas. Gostaríamos de saber a sua percepção sobre estes espaços oferecidos na UNESC.

Entrevistado: Se eu acho bom, ruim?

Entrevistador: O que você percebe.

Entrevistado: Bom, eu não tenho nada o que reclamar, daqui. Eu gosto da lanchonete aqui, tanto aqui, quanto as outras do DCE... eu acho que está bom.

Entrevistador: sua percepção é que os espaços oferecidos estão bons.

Entrevistado: É, eu não tenho nada que reclamar.

Entrevistador: Gostaríamos de saber que importância você dá à presença destes espaços na Instituição, e como percebe o grau de importância dada a eles pela comunidade acadêmica em geral.

Entrevistado: Bom, importante é né? É obrigado ter. Não tem como... E a importância, pô, o pessoal fica aqui no intervalo, tem que ter um lugar assim na faculdade pra no intervalo comer alguma coisa, conversar co o pessoal, dar uma descansada, dar uma relaxada. E pra nós aqui do

direito é bom. Está bem aqui embaixo, pegar uma água, tomar um café, sobe para a sala de novo.

Entrevistador: Praticidade então é importante?

Entrevistado: É isso.

Entrevistador: Gostaríamos de saber como você se relaciona com os espaços de convívio da UNESC, se utiliza algum de forma mais freqüente, e algum comentário que justifique esta escolha

Entrevistado: Bom, eu utilizo principalmente isso aqui (Cantina Doce Pão) onde estou agora, por exemplo, entre uma prova aí eu... eu trabalho na prefeitura por exemplo, eu pego às onze horas, pô, fico aqui, fico lendo, se quiser tomar alguma coisa, tem aqui, o pessoal desce da sala já passa todo mundo aí, batendo um papo... Principalmente aqui, do direito né?

Entrevistador: E o fato de que as pessoas se reúnem por aqui...

Entrevistado: É, o pessoal passa por aqui, todo mundo se vê, se cumprimenta e tal.

Entrevistador: O ambiente universitário é diretamente influenciado pelas novidades tecnológicas, pelo uso e equipamentos que podem individualizar as atitudes, que acompanham as pessoas a qualquer lugar. Gostaríamos de saber sua expectativa sobre como esta afirmação afeta o convívio entre as pessoas.

Entrevistado: Bah, afeta, afeta e bastante. Pô tava hoje conversando, tava numa mesa conversando, sempre vai ter um mexendo no celular... Pô, aproveita o tempo aí pra bater um papo, não ficar sempre naquele celular, computador. Tem que se soltar um pouco, ficar longe disso aí um pouco. Eu acho assim. Várias vezes eu estou com amigos meus conversando, todo mundo interagindo com outro, e um cara ali no canto, mexendo no celular. Cara, isso chega a me irritar, parece que não tem respeito com a pessoa. Tá ali conversando contigo e não está nem aí, tá ali no celular falando com outra pessoa, tá na internet, jogando joguinho... Sei lá, acho que isso aí afeta de maneira negativa.

APÊNDICE J – Transcrição da entrevista Acadêmico 5

Criciúma, 03 de julho de 2012.

Entrevista

Ficha Técnica

Entrevistador: Pedro Luiz Kesting Medeiros

Entrevistada: Acadêmico 5

Local da Entrevista: UNESC

Transcrição: Pedro Luiz Kesting Medeiros

Entrevista Semi- estruturada

Situação: (x) acadêmico () professor () técnico administrativo

Tempo de UNESC: 1 ano e meio.

Período que permanece mais tempo na UNESC: (x) m () t () n

Entrevistador: Estamos estudando os espaços públicos de convívio, portanto excluímos deste estudo as salas de aula, os laboratórios e as salas administrativas. Gostaríamos de saber a sua percepção sobre estes espaços oferecidos na UNESC.

Entrevistado: Bom, para mim isso, tem uma vantagem nisso, sobre a educação física, então a gente trabalha com as quadras externas, com o ginásio, pista de atletismo, então para mim, lógico, contando as cantinas, espaço na frente da biblioteca, os pufes e tal, ta um espaço bom assim, para convívio, é... assim para conversar, para uma troca de idéias, uma coisa mais informal assim, dentro da universidade está bom.

Entrevistador: Gostaríamos de saber que importância você dá à presença destes espaços na Instituição, e como percebe o grau de importância dada a eles pela comunidade acadêmica em geral.

Entrevistado: É essencial, tendo em vista que até os bairros ao redor aproveitam este espaço que a universidade disponibiliza, em caminhadas, salas de dança, aulas de ginástica.

Entrevistador: Gostaríamos de saber como você se relaciona com os espaços de convívio da UNESC, se utiliza algum de forma mais freqüente, e algum comentário que justifique esta escolha

Entrevistado: Habitualmente o que eu estou utilizando mais assim é a piscina. Não assim para troca de idéias, para convívio, mas isso ajuda também lógico. Até a aula que faço é em grupo.

Entrevistador: Ok, mas tirando estes espaços que podem ser considerados laboratórios ou salas de aula, e a piscina pode ser assim considerado.

Entrevistado: Cantina.

Entrevistador: E qual delas?

Entrevistado: Doce Pão.

Entrevistador: E ela é escolhida por qual motivo?

Entrevistado: Não, assim, normalmente a galera se reúne e vai tudo para lá no intervalo.

Entrevistador: A galera escolheu ela como ponto de encontro?

Entrevistado: Isso, isso.

Entrevistador: O ambiente universitário é diretamente influenciado pelas novidades tecnológicas, pelo uso e equipamentos que podem individualizar as atitudes, que acompanham as pessoas a qualquer lugar. Gostaríamos de saber sua expectativa sobre como esta afirmação afeta o convívio entre as pessoas.

Entrevistado: Então, já teve casos de eu ficar aqui ao meio dia, ir no DCE, encontrar amigo meu lá, só que nem falar com ele, porque ele tava usando os computadores lá do DCE. Só falar com ele depois, ou dar um oi, ou alguma coisa rápida assim. Ou lá na biblioteca, acessa os computadores lá, e mesmo sendo para a pesquisa, mesmo sendo trabalho em grupo, entra em sites que não sejam o ponto ali da pesquisa e tal. E fica isolado lá no canto, lá. Mas, não sei se tu..., existe muito isso, mas como eu digo assim, tenho amigos que fazem outros cursos que não conhecem o colega que estuda todo dia. Não sei se é só por conta da educação física, que essa convivência é assim, mais íntima.

APÊNDICE K – Transcrição da entrevista Acadêmico 6

Criciúma, 28 de junho de 2012.

Entrevista

Ficha Técnica

Entrevistador: Pedro Luiz Kesting Medeiros

Entrevistada: Acadêmico 6

Local da Entrevista: UNESC

Transcrição: Pedro Luiz Kesting Medeiros

Entrevista Semi- estruturada

Situação: (x) acadêmico () professor () técnico administrativo

Tempo de UNESC: 2 anos

Período que permanece mais tempo na UNESC:()m (x)t (x)n

Entrevistador: Estamos estudando os espaços públicos de convívio, portanto excluímos deste estudo as salas de aula, os laboratórios e as salas administrativas. Gostaríamos de saber a sua percepção sobre estes espaços oferecidos na UNESC.

Entrevistado: Sobre os espaços gerais né?

Entrevistador: Sobre os espaços de convívio.

Entrevistado: Então, a gente estava até conversando sobre isso, porque tem alguns espaços legais, mas poda ser melhorado sabe. Um lugar onde o pessoal possa sentar e se reunir. Até mesmo no nosso próprio bloco da Arquitetura. Tem ali aquela área entre o Bloco A, B e C, que ele fica ali vazio. Tem aquela cobertura, mais, tem um banquinho ali, fica perdido. O pessoal a maioria das vezes fica próximo daquelas árvores naqueles outros bancos laterais ali. Acho que pode ser melhor trabalhado estes espaços de convívio dentro da UNESC.

Entrevistador: Gostaríamos de saber que importância você dá à presença destes espaços na Instituição, e como percebe o grau de importância dada a eles pela comunidade acadêmica em geral.

Entrevistado: É, outra questão que foi levantada. Eu não sei se foi num dia em que a gente estava fazendo projeto e comentou com alguém, que a UNESC, por ser uma universidade comunitária, ela tem uma cerca ao

redor dela, então ela fica fechada. De certa forma ela dá um caráter privado, então meio que fecha ela pra comunidade, pro bairro, pras pessoas que passam. Porque se ela fosse aberta e tivesse esses espaços de convívio atrativos, a comunidade ia usar, tanto durante a semana, final de semana, e ela é fechada, então passa ali e fica o caráter privado. Tem muitas pessoas que se sentem reprimidas pelo fato de ter essa cerca, então se fosse mais aberto, seria mais interessante.

Entrevistador: Gostaríamos de saber como você se relaciona com os espaços de convívio da UNESC, se utiliza algum de forma mais freqüente, e algum comentário que justifique esta escolha

Entrevistado: O que a gente mais utiliza é próximo aos nossos blocos A, B e C, que é aquela parte central que eu falei no começo, que é... nas laterais, ali onde tem os bancos, próximo às árvores. O pessoal sempre se reúne ali naquela região. Acho que pelo fato de estar próximo aos blocos onde a gente utiliza, é o que a gente mais para ali.

Entrevistador: O ambiente universitário é diretamente influenciado pelas novidades tecnológicas, pelo uso e equipamentos que podem individualizar as atitudes, que acompanham as pessoas a qualquer lugar. Gostaríamos de saber sua expectativa sobre como esta afirmação afeta o convívio entre as pessoas.

Entrevistado: Como assim?

Entrevistador: Se o uso destes equipamentos...

Entrevistado: Móvel, celular?

Entrevistador: Sim, se tu acreditas que isso afeta o convívio entre as pessoas.

Entrevistado: Não, eu acredito que não chega a afetar. A única coisa que caracteriza é que às vezes, dependendo da pessoa, da, do estilo de vida, uns tem mais, outros tem menos, então às vezes tu está ali com um Ipad, o outro não tem, tem um celular comum. Isso pode causar um certo constrangimento em algumas pessoas que se sentem constrangidas. E outras que tem, mas não querem mostrar que tem né. E uns que já fazem uso do fato de ter dinheiro e ter uso destas tecnologias para humilhar outras pessoas. Mas não chega a afetar. Depende do modo, e depende de quem ta usando.

APÊNDICE L – Transcrição da entrevista Acadêmica 7

Criciúma, 03 de julho de 2012.**Entrevista****Ficha Técnica****Entrevistador:** Pedro Luiz Kesting Medeiros**Entrevistada:** Acadêmica 7**Local da Entrevista:** UNESC**Transcrição:** Pedro Luiz Kesting Medeiros**Entrevista Semi- estruturada****Situação:** (x) acadêmico () professor () técnico administrativo**Tempo de UNESC:** 1 ano e meio.**Período que permanece mais tempo na UNESC:**()m (x)t ()n

Entrevistador: Estamos estudando os espaços públicos de convívio, portanto excluímos deste estudo as salas de aula, os laboratórios e as salas administrativas. Gostaríamos de saber a sua percepção sobre estes espaços oferecidos na UNESC.

Entrevistada: Espaços de lazer, no caso.

Entrevistador: De lazer, de convivência...

Entrevistada: Vamos ver, é assim ó, por esse bloco, esse bloco ser muito isolado de lá, a gente fica meio carente nessa, nessa parte. Porque a gente só tem aqueles aqui, a cantina e pronto. Acho que lá eles estão melhor servidos, com certeza.

Entrevistador: Gostaríamos de saber que importância você dá à presença destes espaços na Instituição, e como percebe o grau de importância dada a eles pela comunidade acadêmica em geral.

Entrevistada: Pra mim é muito importante porque as vezes a gente termina uma prova, alguma coisa, a gente tem que conversar sobre um assunto, até didático, sobre a matéria e não tem como. A gente tem vinte minutos e a gente não tem como ir lá na biblioteca. Então se tivesse um espaço aqui, seria muito importante. E eu acho que para o pessoal acadêmico faz bastante falta.

Entrevistador: Então você acha que estuda e trabalha aqui nesta região do campus sente mais falta.

Entrevistada: Sente, porque às vezes é vinte para as dez, e não dá tempo. Só dá tempo de levar um livro e não dá tempo de discutir essa parte do trabalho. Só se pegar uma sala vazia, mas não há assim um lugar próprio para isso.

Entrevistador: Gostaríamos de saber como você se relaciona com os espaços de convívio da UNESC, se utiliza algum de forma mais freqüente, e algum comentário que justifique esta escolha

Entrevistada: Não entra a biblioteca, né?

Entrevistador: Não, os espaços de convivência.

Entrevistada: A cantina. É a cantina, porque aqui é o único lugar que a gente tem para sentar e conversar.

Entrevistador: A cantina deste bloco aqui? E o que justifica esta escolha?

Entrevistada: Por que ela é mais perto. Por que a gente não tem tempo de se deslocar, então, é assunto rápido. Então dá pra sentar e discutir.

Entrevistador: É ali que o pessoal se reúne.

Entrevistada: É!

Entrevistador: O ambiente universitário é diretamente influenciado pelas novidades tecnológicas, pelo uso e equipamentos que podem individualizar as atitudes, que acompanham as pessoas a qualquer lugar. Gostaríamos de saber sua expectativa sobre como esta afirmação afeta o convívio entre as pessoas.

Entrevistada: Aqui no campus, ou no geral?

Entrevistador: Aqui no campus é que estamos tratando mais especificamente.

Entrevistada: Ah tá! Eu acho que afeta, pois as pessoas perdem muito tempo no virtual, e as vezes eu to do teu lado e não dá tempo pra gente conversar.

APÊNDICE M – Transcrição da entrevista Acadêmica 8

Criciúma, 29 de junho de 2012.

Entrevista

Ficha Técnica

Entrevistador: Pedro Luiz Kesting Medeiros

Entrevistada: Acadêmica 8

Local da Entrevista: UNESC

Transcrição: Pedro Luiz Kesting Medeiros

Entrevista Semi- estruturada

Situação: (x) acadêmico () professor () técnico administrativo

Tempo de UNESC: 2 anos.

Período que permanece mais tempo na UNESC:()m ()t (x)n

Entrevistador: Estamos estudando os espaços públicos de convívio, portanto excluímos deste estudo as salas de aula, os laboratórios e as salas administrativas. Gostaríamos de saber a sua percepção sobre estes espaços oferecidos na UNESC.

Entrevistada: Eu acho boa, porque tem... a gente convive bastante na cantina tanto... não só para comer, se alimentar, mas também a gente conversa bastante, se reúne entre os amigas lá pra conversar. Tem as mesinhas lá então eu acho muito bom. A gente convive mais nas duas, na verde e na Doce Pão. É muito legal.

Entrevistador: Gostaríamos de saber que importância você dá à presença destes espaços na Instituição, e como percebe o grau de importância dada a eles pela comunidade acadêmica em geral.

Entrevistada: Com certeza é importante NE, como eu citei, são os lugares onde a gente se reúne, então é bom para a gente poder conhecer, tanto não só os da nossa sala, inclusive com os outros acadêmicos de outras fases, também conversar, trocar idéias, conhecimento. Então é muito importante para todos nós.

Entrevistador: E você acha que os outros acadêmicos também acham que é importante?

Entrevistada: Sim, com certeza.

Entrevistador: Gostaríamos de saber como você se relaciona com os espaços de convívio da UNESC, se utiliza algum de forma mais freqüente, e algum comentário que justifique esta escolha

Entrevistada: Bom, como eu já falei, a gente fica muito ali na cantina verde, por ser mais perto do nosso bloco também. É uma opção. E porque todo mundo fica ali, então a gente, como eu falei, então a gente se reúne ali, tanto para se alimentar, comer e... eu adoro, eu gosto daquela cantina ali, também ali, aquela frase já me anima, que é uma frase ambiental que tem lá. então eu gosto bastante daquela cantina, tanto as outras eu não freqüento.

Entrevistador: O ambiente universitário é diretamente influenciado pelas novidades tecnológicas, pelo uso e equipamentos que podem individualizar as atitudes, que acompanham as pessoas a qualquer lugar. Gostaríamos de saber sua expectativa sobre como esta afirmação afeta o convívio entre as pessoas.

Entrevistada: Talvez porque com o uso desses aparelhos as pessoas ficam mais individualizadas, ficam mais né, sozinhas, sei lá, tomando atenção nestes aparelhos, no notebook principalmente porque fica na internet, fica ali, nas redes sociais então, a verdade é que acaba deixando de lado a conversação, os diálogos né, conversar com as pessoas pra prestar mais atenção nestes aparelhos

APÊNDICE N – Transcrição da entrevista Técnica 1

Criciúma, 28 de junho de 2012.

Entrevista

Ficha Técnica

Entrevistador: Pedro Luiz Kesting Medeiros

Entrevistada: Técnica 1

Local da Entrevista: UNESC

Transcrição: Pedro Luiz Kesting Medeiros

Entrevista Semi- estruturada

Situação: () acadêmico () professor (x) técnico administrativo

Tempo de UNESC: 12 anos

Período que permanece mais tempo na UNESC: (x) m (x) t () n

Entrevistador: Estamos estudando os espaços públicos de convívio, portanto excluímos deste estudo as salas de aula, os laboratórios e as salas administrativas. Gostaríamos de saber a sua percepção sobre estes espaços oferecidos na UNESC.

Entrevistada: Eu acho que, é interessante, até por que as vezes tem pessoas que não tem onde ficar, onde estudar, e né, também pela estrutura, pela beleza física e tal. Acho que é legal, interessante.

Entrevistador: Gostaríamos de saber que importância você dá à presença destes espaços na Instituição, e como percebe o grau de importância dada a eles pela comunidade acadêmica em geral.

Entrevistada: É, eu vejo pessoas assim ó, no começa eu via mais, a utilização deles. Hoje eu já percebo que não tem tantas pessoas utilizando assim. Mas eu vejo pessoas com o notebook estudando, lendo um livro, mas importância realmente, não saberia dizer qual a real importância. Mas eu acho que é mais para o dia a dia assim, convívio, tipo, vou esperar alguém, ou ficar ali no solzinho, estudando... Acho que mais em relação a isso que eu vejo assim, né.

Entrevistador: Gostaríamos de saber como você se relaciona com os espaços de convívio da UNESC, se utiliza algum de forma mais freqüente, e algum comentário que justifique esta escolha

Entrevistada: É... utilizo pouco, assim, mais é no intervalo do almoço, que a gente pode ficar sentado, conversando né, descansando e tal, no externo né.

Entrevistador: tem algum que tu poderias citar ...

Entrevistada: Geralmente, quando a gente vai almoçar, aquele que fica atrás da cantina do Seu Osmar, ali, né, aquele ali na...e na... esse aqui na esquina aqui também, perto do setor aqui do Apoio. São mais esses dois assim, que são utilizados.

Entrevistador: E tu usas eles, por que é mais perto?

Entrevistada: É, a gente almoça, e ai já fica mais perto realmente...

Entrevistador: Mais prático?

Entrevistada: Mais prático, é, exatamente.

Entrevistador: E geralmente não vai sozinha...

Entrevistada: Não, não, a gente vai com outras pessoas para conversar, pra...

Entrevistador: O ambiente universitário é diretamente influenciado pelas novidades tecnológicas, pelo uso e equipamentos que podem individualizar as atitudes, que acompanham as pessoas a qualquer lugar. Gostaríamos de saber sua expectativa sobre como esta afirmação afeta o convívio entre as pessoas.

Entrevistada: Se isso atrapalha?

Entrevistador: Se afeta.

Entrevistada: Eu, eu, eu não vejo problema assim, de afetar. Eu acho que... Tecnologia né. Hoje em dia a pessoa tem que adiantar algum serviço, alguma coisa, algum trabalho. Um professor às vezes, sei lá um...para fazer alguma prova. Eu acho que isso ajuda.

Entrevistador: A pergunta é mais no sentido de afetar o convívio, o uso destes equipamentos e o convívio...

Entrevistada: Eu acredito que não. Acredito que não.

APÊNDICE O – Transcrição da entrevista Técnica 2

Criciúma, 10 de julho de 2012.

Entrevista

Ficha Técnica

Entrevistador: Pedro Luiz Kesting Medeiros

Entrevistada: Técnica 2

Local da Entrevista: UNESC

Transcrição: Pedro Luiz Kesting Medeiros

Entrevista Semi- estruturada

Situação: () acadêmico () professor (x) técnico administrativo

Tempo de UNESC: 3 anos e meio.

Período que permanece mais tempo na UNESC:()m (x)t (x)n

Entrevistador: Estamos estudando os espaços públicos de convívio, portanto excluímos deste estudo as salas de aula, os laboratórios e as salas administrativas. Gostaríamos de saber a sua percepção sobre estes espaços oferecidos na UNESC.

Entrevistada: O espaço é bom, de convívio. Considero bons os espaços. Fora né?

Entrevistador: Sim.

Entrevistada: O problema maior é os estacionamentos, né, principalmente à noite. Muito carro, e pouco lugar para estacionar.

Entrevistador: Gostaríamos de saber que importância você dá à presença destes espaços na Instituição, e como percebe o grau de importância dada a eles pela comunidade acadêmica em geral.

Entrevistada: Todos. Eu acredito que todos, porque a maioria tem carro. Os professores, os acadêmicos, então acho que esse é o problema maior, na verdade.

Entrevistador: Gostaríamos de saber como você se relaciona com os espaços de convívio da UNESC, se utiliza algum de forma mais freqüente, e algum comentário que justifique esta escolha

Entrevistada: Você diz assim, na forma, fora né?

Entrevistador: Sim, os espaços de convivência.

Entrevistada: Então é o que eu uso mais, a biblioteca...

Entrevistador: Não estes ambientes fechados destinados ao estudo.

Entrevistada: Ah! Mais abertos. Não uso.

Entrevistador: Você não usa?

Entrevistada: Não. Eu não uso.

Entrevistador: O ambiente universitário é diretamente influenciado pelas novidades tecnológicas, pelo uso e equipamentos que podem individualizar as atitudes, que acompanham as pessoas a qualquer lugar. Gostaríamos de saber sua expectativa sobre como esta afirmação afeta o convívio entre as pessoas.

Entrevistada: Afeta, eu acredito que afeta, acaba afetando na forma de... por exemplo, eu estou aqui conversando contigo, e as vezes eu estou ali usando o celular, e eu podia estar conversando contigo. Às vezes eu to aqui, outro ta lá em cima e eu to falando no celular. No notebook é a mesma coisa, vai usar o MSN, o e-mail, é a mesma coisa. Deveria ter mais contato entre ser humano e ser humano.

APÊNDICE P – Transcrição da entrevista Técnica 3

Criciúma, 10 de julho de 2012.**Entrevista****Ficha Técnica****Entrevistador:** Pedro Luiz Kesting Medeiros**Entrevistada:** Técnica 3**Local da Entrevista:** UNESC**Transcrição:** Pedro Luiz Kesting Medeiros**Entrevista Semi- estruturada****Situação:** () acadêmico () professor (x) técnico administrativo**Tempo de UNESC:** 4 anos.**Período que permanece mais tempo na UNESC:**()m (x)t (x)n

Entrevistador: Estamos estudando os espaços públicos de convívio, portanto excluímos deste estudo as salas de aula, os laboratórios e as salas administrativas. Gostaríamos de saber a sua percepção sobre estes espaços oferecidos na UNESC.

Entrevistada: É, agora recentemente eles estão melhores, antes carecia um pouco destes espaços, inclusive na época que eu trabalhava.... tu está tratando só deste campus aqui?

Entrevistador: Exatamente.

Entrevistada: Ah ta! Agora eu vi que com a criação da Praça do Estudante, melhorou bastante, mas tem alguns espaços que eu acho meio estranhos, por exemplo, os pufes da biblioteca lá, que são pufes... Meio estranhos... Fica todo mundo deitado. Estes espaços eu considero um pouco inadequados, mas as praças, os bancos... Tá ficando bem legal.

Entrevistador: Gostaríamos de saber que importância você dá à presença destes espaços na Instituição, e como percebe o grau de importância dada a eles pela comunidade acadêmica em geral.

Entrevistada: Acho que deveria dar mais importância. Como eu falei. Agora com a construção destes espaços, a gente vê que ta voltando um pouquinho a dar importância, até porque foi uma reivindicação dos próprios funcionários, esses pontos de convivência. Por isso que

acredito que a reitoria tenha atendido. E acho que é importante porque favorece a troca, né. Eu não converso com os outros funcionários, as vezes por falta de... até de um lugar específico para isso, então se tem um lugar de convivência adequado, nos momentos de intervalo, as pessoas podem se integrar com os acadêmicos, com os funcionários, enfim.

Entrevistador: Gostaríamos de saber como você se relaciona com os espaços de convívio da UNESC, se utiliza algum de forma mais freqüente, e algum comentário que justifique esta escolha

Entrevistada: Eu gosto da Praça do Estudante.

Entrevistador: Algum espaço específico dela?

Entrevistada: Esses banquinhos que tem embaixo daquela... não sei como se chama.

Entrevistador: Pérgula.

Entrevistada: Isso mesmo! É porque dá pra tomar um solzinho ali e é muito bom de conversar.

Entrevistador: O ambiente universitário é diretamente influenciado pelas novidades tecnológicas, pelo uso e equipamentos que podem individualizar as atitudes, que acompanham as pessoas a qualquer lugar. Gostaríamos de saber sua expectativa sobre como esta afirmação afeta o convívio entre as pessoas.

Entrevistada: Afetar? Eu acho que prejudicar, eu acho que não. Eu acho que não tem como não afetar, tanto os tipos de relacionamento, quanto o número, mas não prejudica. Acho que as vezes até melhora. Porque eu vejo, as vezes uma foto no *Facebook*, por exemplo... Até puxei uma conversa nesse sentido. Eu vi a foto de uma funcionária no *face*, e fui puxar conversa com ela. Que eu vi a foto, que a menina era linda e tal e a gente começou a puxar conversa a partir disso. Então eu acho que atrapalhar, não atrapalha.

APÊNDICE Q – Transcrição da entrevista Professora 1

Criciúma, 05 de julho de 2012.**Entrevista****Ficha Técnica****Entrevistador:** Pedro Luiz Kesting Medeiros**Entrevistada:** Professora 1**Local da Entrevista:** UNESC**Transcrição:** Pedro Luiz Kesting Medeiros**Entrevista Semi- estruturada****Situação:** () acadêmico (x) professor () técnico administrativo**Tempo de UNESC:** 4 anos e meio.**Período que permanece mais tempo na UNESC:**()m (x)t ()n

Entrevistador: Estamos estudando os espaços públicos de convívio, portanto excluímos deste estudo as salas de aula, os laboratórios e as salas administrativas. Gostaríamos de saber a sua percepção sobre estes espaços oferecidos na UNESC.

Entrevistada: Acredito que hoje os espaços de maior convívio estão nas cantinas. Isso, eu acredito ocorrer pelo hábito da alimentação nos intervalos das atividades da Universidade. As pessoas marcam encontros e costumam estender as conversas para esses ambientes. Os demais ambientes, eu acredito estão em áreas de passagem. Os usuários usam esporadicamente para atividades rápidas, apesar de possuírem bancos que poderiam promover atividades de maior permanência, mesmo que em pequenos grupos. Deveria haver mais espaços que permitissem a reunião de grupos um pouco maiores.

Entrevistador: Gostaríamos de saber que importância você dá à presença destes espaços na Instituição, e como percebe o grau de importância dada a eles pela comunidade acadêmica em geral.

Entrevistada: Acredito que atualmente, eles são importantes principalmente para os acadêmicos, que se apropriam desses espaços nos intervalos entre as aulas, trocando experiências e conversando sobre assuntos extra-academia. Acredito, que com o uso de mobiliário adequado, os acadêmicos poderiam se apropriar também para atividades acadêmicas, como a realização de trabalhos. Isso permitiria que algumas

dinâmicas coletivas pudessem ocorrer em áreas externas, especialmente atividades de discussão.

Entrevistador: Gostaríamos de saber como você se relaciona com os espaços de convívio da UNESCO, se utiliza algum de forma mais freqüente, e algum comentário que justifique esta escolha

Entrevistada: Os espaços que mais utilizo são: os bancos que ocorrem ao longo dos corredores entre os blocos de salas de aula para conversas rápidas, os bancos ao longo do acesso aos blocos A e D; e as cantinas nos intervalos. Os demais espaços de convívio são utilizados, por mim, mais como passagem. Não possuo o hábito de permanecer nesses outros ambientes exercendo nenhuma atividade..

Entrevistador: O ambiente universitário é diretamente influenciado pelas novidades tecnológicas, pelo uso e equipamentos que podem individualizar as atitudes, que acompanham as pessoas a qualquer lugar. Gostaríamos de saber sua expectativa sobre como esta afirmação afeta o convívio entre as pessoas.

Entrevistada: Acredito que mesmo com a tecnologia, as pessoas ainda reservam momentos para atividades coletivas. A tecnologia realmente separa pessoas que não se conhecem. Essas sim, evitam o contato e utilizam a tecnologia para isso. Entre colegas e amigos, não acredito que a tecnologia prejudique o convívio.

APÊNDICE R – Transcrição da entrevista Professor 2

Criciúma, 17 de julho de 2012.**Entrevista****Ficha Técnica****Entrevistador:** Pedro Luiz Kesting Medeiros**Entrevistada:** Professor 2**Local da Entrevista:** UNESC**Transcrição:** Pedro Luiz Kesting Medeiros**Entrevista Semi- estruturada****Situação:** () acadêmico (x) professor () técnico administrativo**Tempo de UNESC:** 3 anos.**Período que permanece mais tempo na UNESC:**(x)m ()t (x)n

Entrevistador: Estamos estudando os espaços públicos de convívio, portanto excluímos deste estudo as salas de aula, os laboratórios e as salas administrativas. Gostaríamos de saber a sua percepção sobre estes espaços oferecidos na UNESC.

Entrevistado: Creio que a UNESC tem bons ambientes de convívio, porém os mesmos podem ser mais próximos e acolhedores.

Entrevistador: Gostaríamos de saber que importância você dá à presença destes espaços na Instituição, e como percebe o grau de importância dada a eles pela comunidade acadêmica em geral.

Entrevistado: Entendo ser muito importante os espaços. Percebo que os acadêmicos os utilizam com frequência.

Entrevistador: Gostaríamos de saber como você se relaciona com os espaços de convívio da UNESC, se utiliza algum de forma mais frequente, e algum comentário que justifique esta escolha

Entrevistado: Utilizo com frequência a cantina, a Doce Pão. É o espaço de convivência mais utilizado por mim.

Entrevistador: O ambiente universitário é diretamente influenciado pelas novidades tecnológicas, pelo uso e equipamentos que podem individualizar as atitudes, que acompanham as pessoas a qualquer lugar.

Gostaríamos de saber sua expectativa sobre como esta afirmação afeta o convívio entre as pessoas.

Entrevistado: Relativo. A tecnologia precisa ser bem adaptada ao uso diário das pessoas, de forma a auxiliar o desempenho. Deve-se ter o cuidado de não se colocar em posição de se tornar refém das tecnologias. Algumas favorecem o contato com as pessoas, mas ao mesmo tempo podem gerar um comportamento de distanciamento real entre os mesmos.